



**NAVEGAR**

COORDENAÇÃO

**João Salvado Ribeiro  
Abílio Tavares Cardoso**

PREFÁCIO

**José Mattoso**

# PEREGRINAÇÃO PELAS IGREJAS DE LISBOA

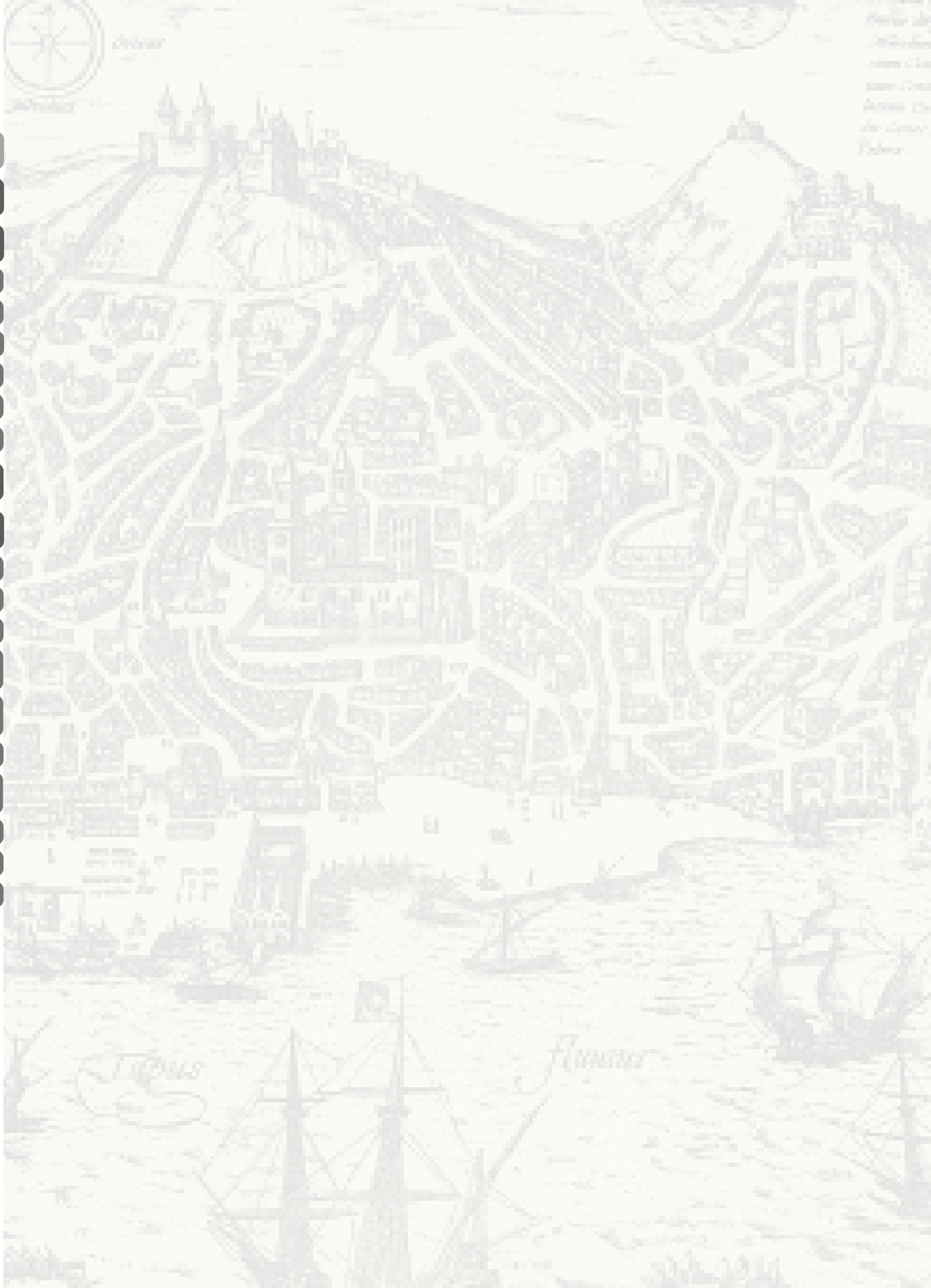
José da Felicidade Alves

Primeiro Tomo

**Templos anteriores à conquista  
de Lisboa aos Mouros (1147)**

ANÁLISE CRÍTICA

**José Luís de Matos**



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

# PEREGRINAÇÃO PELAS IGREJAS DE LISBOA

José da Felicidade Alves

Primeiro Tomo

**Templos anteriores à conquista  
de Lisboa aos Mouros (1147)**

ANÁLISE CRÍTICA

**José Luís de Matos**

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

▶ BIBLIOGRAFIA

▶ ÍNDICE

# FICHA TÉCNICA

## TÍTULO

*Peregrinação pelas Igrejas de Lisboa*

Tomo I: *Templos anteriores à conquista de Lisboa aos Mouros (1147)*

## AUTOR

José da Felicidade Alves

## ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO EDITORIAL

João Salvado Ribeiro e Abílio Tavares Cardoso

## PREFÁCIO

José Mattoso

## ANÁLISE CRÍTICA

José Luís de Matos

## PROJETO E APOIOS

Projeto desenvolvido pelo Centro de Estudos de História Religiosa, UID/HIS/00647/2013 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, e pelo Centro Nacional de Cultura, com o apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian



CATOLICA  
CENTRO DE ESTUDOS  
DE HISTÓRIA RELIGIOSA

1864-1984-1988



FCT  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia



CENTRO  
NACIONAL  
DE CULTURA



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN

## PROPRIEDADE, EDIÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR)

Faculdade de Teologia

Universidade Católica Portuguesa

Palma de Cima – 1649-023 Lisboa

secretariado.cehr@ft.lisboa.ucp.pt / [www.cehr.ft.lisboa.ucp.pt](http://www.cehr.ft.lisboa.ucp.pt)

## REVISÃO EDITORIAL

Mário Farelo e Paulo Esmeraldo Lopes

## CONCEÇÃO GRÁFICA E EXECUÇÃO

Bruno Miguel Leal

ISBN: 978-972-8361-85-3

URI: <http://hdl.handle.net/10400.14/28028>

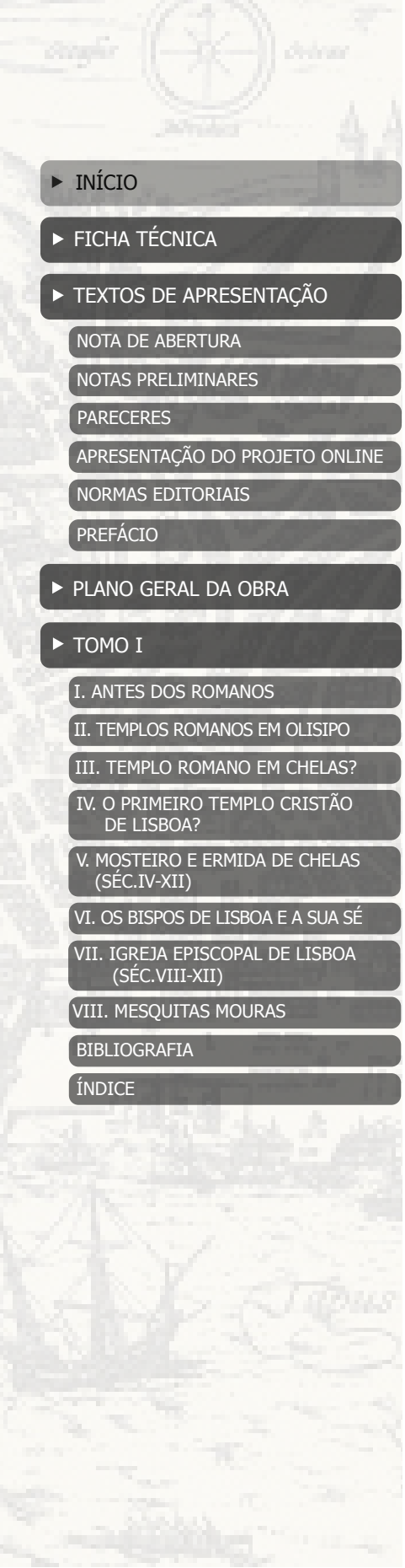
## EDIÇÃO

© Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa / Centro Nacional de Cultura Lisboa, 2020

## CAPA

A partir de *Perspetiva de Lisboa*. Xilogravura de Franz Hogenberg (1535-1590), de c.1598.

© Museu de Lisboa, Palácio Pimenta (MC.GRA.1691)



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

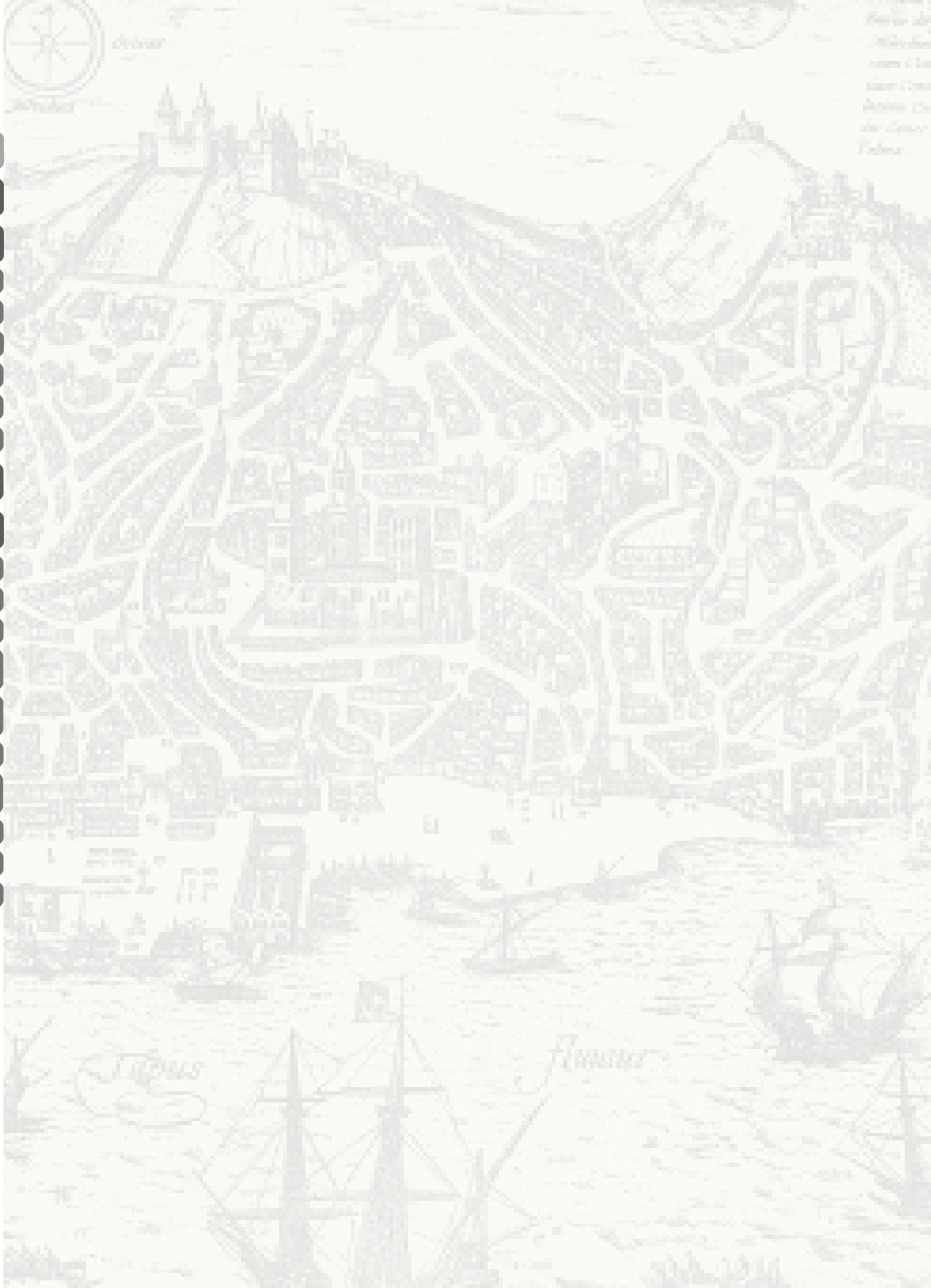
VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## TEXTOS DE APRESENTAÇÃO



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## NOTA DE ABERTURA

### JOSÉ DA FELICIDADE ALVES - UMA OBRA IMPERDÍVEL

José da Felicidade Alves é um exemplo de cidadania democrática que lembramos com saudade. No final da vida dedicou-se à investigação sobre o património cultural religioso, em especial na cidade de Lisboa. Na homenagem que o Centro Nacional de Cultura organizou em dezembro de 2008, tive a oportunidade de afirmar que seria importante promover a publicação dos materiais que se mantinham inéditos, que estavam à guarda da família e dos Livros Horizonte e que correspondiam ao importante labor levado a cabo por Felicidade Alves. É parte desse precioso material que agora se publica, o que permite dispormos de uma importante base de trabalho para investigadores e estudiosos. Assim, não só se homenageia o autor, mas também se abrem novas pistas para o conhecimento de um riquíssimo património cultural. A publicação ocorre no decurso do Ano Europeu do Património Cultural, constituindo uma das iniciativas do mesmo, ainda que a divulgação ocorra já em 2019.

Não posso deixar de recordar neste momento, além da memória do nosso homenageado, a personalidade do Dr. Rogério de Moura, referência do mundo editorial português, alma dos Livros Horizonte e saudoso amigo que não esqueço. Foi graças a ele que o Dr. José da Felicidade Alves foi desafiado a desenvolver este trabalho. Ainda recordo o papel desempenhado pelo Centro Nacional de Cultura (CNC), nos anos sessenta do século passado, no apoio à causa democrática e à defesa das liberdades, personalizado pelo então Padre Felicidade Alves, com a participação ativa de figuras fundamentais, como Nuno Teotónio Pereira, Sophia de Mello Breyner Andresen, Francisco de Sousa Tavares, António Alçada Baptista, João Bénard da Costa e de tantas outras – num momento em que no CNC funcionou na clandestinidade a Comissão de Apoio aos Presos Políticos e em que a polícia política se tornou presença assídua na nossa sede. Recordar-se, aliás, o episódio em que Sousa Tavares salvou os documentos do GEDOC e do Direito à Informação no congelador do velho frigorífico...

Deste modo, a memória que aqui se evoca tem tudo a ver também com a história do CNC e com a resistência dos católicos inconformistas à “desordem estabelecida”. Devemos agradecer a Maria Elisete Felicidade Alves a sua confiança e a generosa doação ao Centro do manuscrito da “Peregrinação pelas Igrejas de Lisboa”, numa versão digital e na sua versão transcrita, revista e anotada por especialistas, sob a orientação do Prof. Doutor José Mattoso, a quem também exprimimos a nossa gratidão. A necessidade de preparar a edição, em livro e em versão digital, levou-nos a solicitar ao Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR) da Universidade Católica Portuguesa (UCP) a indispensável parceria científica neste projeto. Assim, este trabalho passará a estar incluído no Portal de História Religiosa da UCP. Daí o nosso agradecimento a toda a equipa e em especial ao Prof. Doutor Paulo Fontes, pelo indispensável apoio.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Nada teria sido possível sem o empenhamento total dos Drs. João Salvado Ribeiro e Abílio Tavares Cardoso, cuja generosidade, empenhamento, competência e confiança no CNC merecem especial agradecimento. Foram muitas horas de trabalho, sempre com o espírito de total entrega. Ao Prof. Doutor Eduardo Marçal Grilo e ao Dr. Manuel Carmelo Rosa devo uma palavra de gratidão pelo apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, dado desde o primeiro momento, logo em 2009, atenta à importância cultural e educativa do projeto. É uma obra imperdível que chega a bom porto...

*Guilherme d'Oliveira Martins*

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## NOTAS PRELIMINARES

1. A tarefa de organizar o espólio de José da Felicidade Alves, por vontade expressa da viúva Maria Elisete Nunes da Felicidade Alves e formalizada através de procuração, permitiu-nos ir conhecendo, a pouco e pouco, a verdadeira dimensão do acervo literário de José da Felicidade Alves e do seu contributo em termos de investigação, nos mais diversos domínios (estudos teológicos, bíblicos e pastorais; olissipógrafos, políticos e outros).

A biblioteca, doada à Biblioteca Universitária João Paulo II (Universidade Católica Portuguesa), compreendia 1.655 títulos (1.800 unidades), de entre os quais merecem especial destaque, como obras de referência e de grande impacto: Charles Joseph Hefele - *Histoire des Conciles: d'après les documents originaux*, trad. Française (21 vols.); Yves M.-J Congar - *Le Concile au jour le jour - Vatican II - 1962-1966; Les Actes du Concile Vatican II: texts integraux des Constitutions et décrets promulgués*, 1966 (3 vols.); Antoine Wenger - *Vatican II* (4 vols.); Obras de Jean Danielou, Karl Barth, Hans Kung, Henri de Lubac, Garrigou-Lagrange, Schillebeeckx, Paulo Arnaboldi, Riccardo Lombardi, M-D. Chenu; *La Sainte Bible*, trad. en français, École Biblique de Jérusalem, 1948-1954 (10 vols.); Michael Schmaus - *Teologia Dogmática*, trad. espanhola, 1960-1964 (6 vols.); *Compêndio de Teologia Dogmática fundamental segundo a mente de S. Tomas de Aquino - acomodada aos tempos actuais; Institutiones Systematico historicae in Sacram Liturgiam, Phillipus Oppenheim* (8 vols.); Tanqueray - *Teologia Dogmática*, 1932 (7 vols.); Gabriel Roschini - *Mariologia* (4 vols.); Hans Küng - *L'Eglise* (3 vols.); Martin Luther - *Oeuvres*, 1957-1967 (10 vols.); Pio XII - *Discursos e Radiomensagens*; João XXIII - *Encíclicas Sociais*; Theillard de Chardin - *Obras completas*; Uladimir Litch Ulianov - *Oeuvres*, 1969-1977 (44 vols.). E ainda coleções de revistas especializadas, tais como *L'Actualité Religieuse dans le Monde* (coleção completa), *Informations Catholiques Internationales* (coleção até aos anos 70), *L'Anneau d'Or, Fêtes et Saisons, La Maison-Dieu*, e tantas outras.

2. A tipologia dos temas que a biblioteca exhibia, em particular a dos temas respeitantes a áreas de elevada especialização (teologia, estudos bíblicos, liturgia, pastoral e outros), traduzia de forma eloquente a diversidade de matérias e de informações que José da Felicidade Alves dominava, com rara intuição e rigor intelectual. A essa luz se deve entender o interessante leque de estudos e de investigações, documentado por apontamentos, projetos de investigação, monografias, manuscritos, textos em fase de redação avançada, etc., que emerge das várias dezenas de pastas de arquivo. Coube à Fundação Mário Soares acolher esse valioso espólio, acrescido de centenas de cartas e do manuscrito, em fase de prelo, do ROTEIRO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA PORTUGUESA NO SÉCULO XVI, desde o início da utilização da imprensa até à dominação filipina (2.270 fichas).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3. Na sequência das tarefas de triagem de todos os papéis e apontamentos guardados nas referidas pastas de arquivo (cerca 100, com as dimensões, em cm, 0,335x0,265x0,10) de-mo-nos conta que a Livros Horizonte, editora da quase totalidade dos seus livros e onde José da Felicidade Alves desempenhava funções de assessor literário, era depositária de vários estudos considerados em fase de prelo. Um deles era justamente o manuscrito PEREGRINAÇÃO PELAS IGREJAS DE LISBOA, desde os seus longínquos alvares até aos nossos dias.

Encetadas as diligências necessárias, o Dr. Rogério Moura (Director de Livros Horizonte) fez entrega à herdeira Maria Elisete, em janeiro de 2009, das pastas de arquivo que continham o dito manuscrito.

4. Foi, pois, com imensa curiosidade e algum espanto, que fomos compulsando, folha a folha, as múltiplas páginas dessa investigação, organizada em 7 tomos, pacientemente elaborada, ao longo de vários anos (1981-1991), cujas fichas ora surgiam escritas à mão, ora preenchidas por texto dactilografado do próprio autor ou por recortes e fotocópias de textos doutros autores, nem sempre fáceis de identificar. Uma ou outra vez, anotações de “última hora”, escritas nas margens da mancha gráfica ou pequenos aditamentos de texto sobrepostos à página original. Um genuíno manuscrito, produzido sem recurso a computadores!

5. O manuscrito incide sobre um larguíssimo período de tempo, nada menos que 1.600 anos, organizado em fichas (2.360). O estilo de investigação que o caracteriza obedeceu ao critério de proceder a um levantamento, quase exaustivo, “desde os seus longínquos alvares até aos nossos dias”, de todos os edifícios religiosos existentes na cidade de Lisboa.

A informação coligida resultou da consulta de inúmeras obras eruditas dos séculos XVI e XVII e de autores mais recentes, em bibliotecas e gabinetes de estudos, situados na cidade de Lisboa. Para desenhar as suas hipóteses de investigação, o autor optou, em grande parte dos casos, por recolher a informação que autores credenciados apresentavam nas suas obras, valendo-se de fotocópias, que recortava em função da mancha gráfica alusiva aos temas em estudo. Se se pensar que nesse período, em que o manuscrito foi sendo redigido (1981-1991), muitas das obras consultadas ou figuravam em secções de acesso limitado (Reservados) ou então estavam microfilmadas, fica-se com a noção dos milhares de horas de trabalho que o autor, pacientemente, dedicou à sua investigação, ao longo de mais de 10 anos. Por vezes, a identificação de algumas fontes falhou, muito provavelmente porque reservou para a fase final a revisão de eventuais lacunas ou imprecisões de texto. Aliás, conhecendo a casa por dentro, José da Felicidade Alves sabia, melhor do que ninguém, que entre a data de entrada de uma obra “no prelo” e o seu efetivo agendamento para publicação podiam mediar vários anos. Não é de estranhar, por conseguinte, que tivesse criado o hábito de introduzir uma publicação na calha, a partir de um certo nível de desenvolvimento da investigação, contando rever, completar ou mesmo reescrever partes do manuscrito, antes de o entregar à tipografia. Tal não chegou a verificar-se, porém, dado que a revisão final só ocorreu 10 anos após a sua morte. Aliás, terá sido essa a razão para que os tomos VI e VII tenham ficado inacabados, no-

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

meadamente o último que apresentava simplesmente um esquema minucioso, sem qualquer desenvolvimento.

6. Cientes das nossas limitações, fizemos apelo ao Professor José Mattoso, cujo parecer, acrescido de valiosas sugestões e de persistentes diligências para convidar colaboradores credenciados, nos convenceu a abraçar o projeto de publicar a obra. Adicionalmente, a Professora Ana Isabel Buescu, com o seu parecer sobre o tomo IGREJAS DE LISBOA NO SÉCULO XVI, veio reforçar o nosso ânimo para avançar com o projeto. Coube aos investigadores José Luís de Matos, Paulo Almeida Fernandes, Pedro Flor, Miguel Soromenho e João Alves da Cunha empreender as tarefas mais ingratas de ler e reler os textos originais, conferir e elucidar questões ou dúvidas ocasionais e valorizar a obra com notas e comentários laboriosamente tecidos.

7. As tentativas para encontrar editor idóneo tornaram-se muito complexas, tendo em conta a dimensão do manuscrito (previsivelmente 2.000 páginas) e a modéstia do interesse comercial da obra. Afortunadamente, a homenagem a José da Felicidade Alves, que o Centro Nacional de Cultura (CNC) e o Centro de Reflexão Cristã promoveram em 16 de dezembro de 2008, suscitou a curiosidade do Presidente do CNC, Dr. Guilherme d'Oliveira Martins, que se mostrou interessado em espreitar a “arca” dos trabalhos e manuscritos guardados na editora Livros Horizonte.

Em novembro de 2009, apresentámos ao CNC o nosso projeto e manifestámos o desejo de congregiar sinergias para implementá-lo. Os primeiros passos foram algo titubeantes, até que surgiu a hipótese, em 2012, de a Imprensa Nacional Casa da Moeda (INCM) vir a assumir a publicação, desde que se respeitasse o desenho inicial que o autor concebeu para a sua investigação. Mediante parecer favorável do Professor José Mattoso, optou-se, assim, por concluir o tomo 7 com textos de autor. Foram tempos de esperança, que em 2014 se mostraram gorados, alegadamente por efeitos da crise financeira que o país vivia.

8. Surge então a hipótese, em 2014, de o Estudos de História Religiosa (CEHR) da Universidade Católica Portuguesa colaborar na execução do projeto, na sequência do patrocínio entretanto anunciado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Dessa maneira, foi possível assegurar junto dos especialistas convidados a viabilidade da iniciativa e incentivá-los a prosseguir no seu trabalho. Assim, nos termos do protocolo acordado entre o CNC, o CEHR e os coordenadores da edição, a obra PEREGRINAÇÃO PELAS IGREJAS DE LISBOA será editada em formato digital e alojada no Portal de História Religiosa, da responsabilidade do CEHR.

9. Uma última palavra de agradecimento a todos os que decididamente contribuíram para a implementação deste ambicioso projeto, nomeadamente Professores José Mattoso e

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Ana Isabel Buescu, CNC e sua inestimável equipa (Doutor Guilherme d'Oliveira Martins, Professora Maria Calado, Dra.s Teresa Tamen e Maria da Conceição Reis Gomes) e bem assim os investigadores já referidos Doutores José Luís de Matos, Paulo Almeida Fernandes, Pedro Flor, Miguel Soromenho, José Daniel Soares Ferreira e João Alves da Cunha. Sem o seu empenho e generosidade, não teria sido possível realizar este projeto.

1 de dezembro de 2017

*João Salvado Ribeiro*

*Abílio Tavares Cardoso*

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## PARECERES

### PARECER DO PROFESSOR DOUTOR JOSÉ MATTOSO

Tendo examinado o original da obra *As igrejas de Lisboa*, da autoria do Revº Pe. Felicidade Alves, por ele deixada pronta para publicação mas ainda inédita, sou de parecer que merece ser publicada, e que a sua publicação constitui uma digna homenagem ao seu saber, à sua personalidade e à sua obra intelectual. Creio, todavia, que é de recomendar um trabalho prévio de revisão por parte de dois ou três especialistas de História da Arte que assinalem alguns passos em que o autor transmite informações com base em obras eruditas do séculos XVI e XVII que devem ser sujeitas a crítica. Na minha opinião deve-se respeitar o texto deixado pelo Pe. Felicidade Alves; bastaria acrescentar curtas notas de pé de página devidamente assinadas pelos seus autores, para não induzir os leitores em erro. Os passos que seria preciso assinalar não me parecem muito numerosos.

Carvoeiro do Vouga, 13 de Novembro de 2009

*José Mattoso*

### PARECER DA PROFESSORA DOUTORA ANA ISABEL BUESCU

#### **Igrejas de Lisboa no século XVI por José da Felicidade Alves**

Apreciação global:

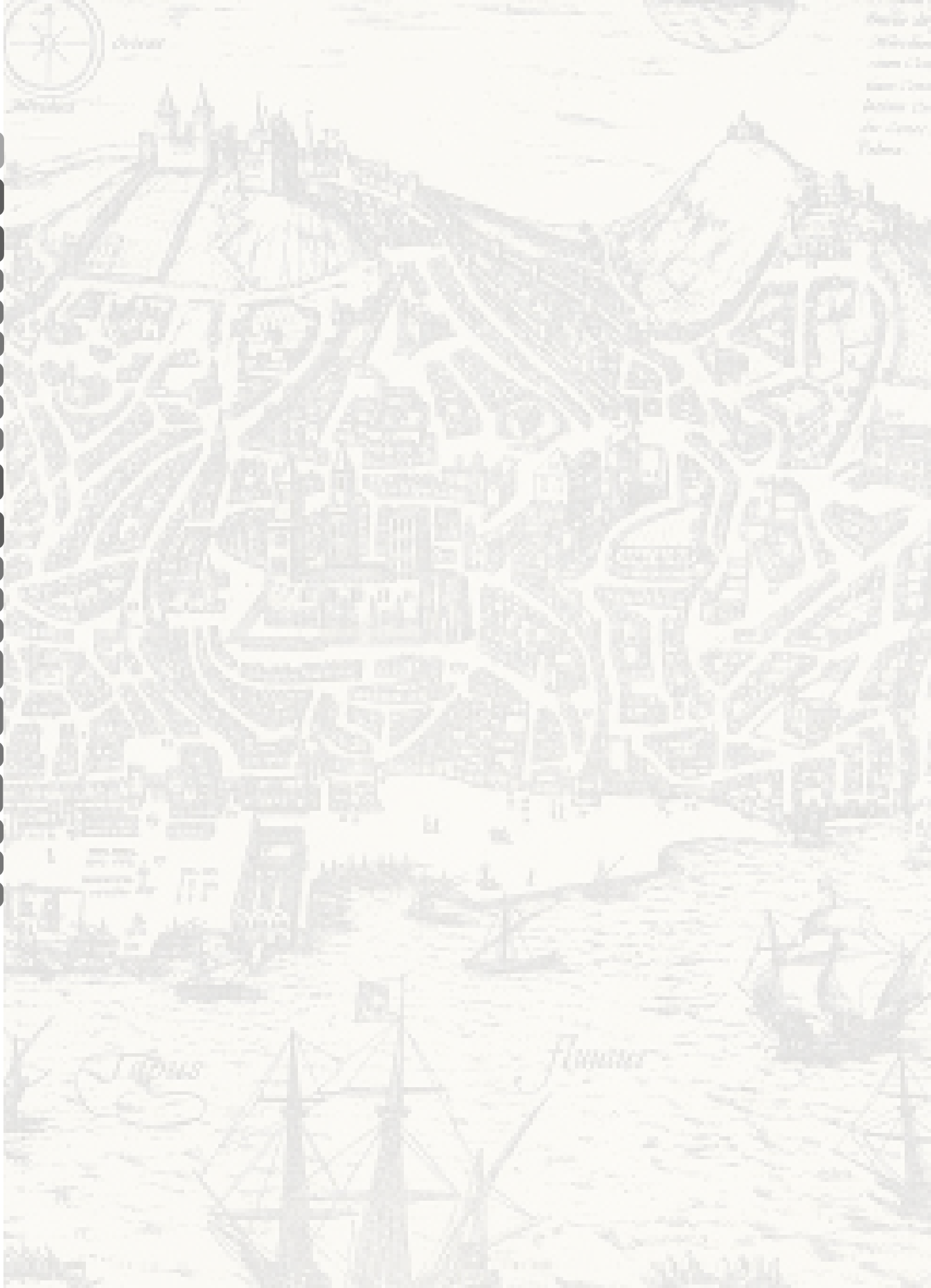
Tem inegável interesse, pelos materiais carreados e sistematizados, sobretudo se tivermos em conta a “atomização” da informação neste campo. Contudo, em nossa opinião, o manuscrito requer um trabalho de edição minucioso, que uniformize critérios, sobretudo de citação e indicação de fontes utilizadas, e preencha algumas – poucas – lacunas de informação existentes, que manifestamente o A. teria intenção de completar\*.

Julho 2009

*Ana Isabel Buescu*

Universidade Nova de Lisboa - Departamento de História

\* Esta apreciação global é seguida de um vasto conjunto de notas em que são elencados, página a página, casos de omissão de fontes, referências bibliográficas, notas do autor incompletas, citações extensas não identificadas, bem como a necessidade de inserir/uniformizar as legendas de figuras. Sendo estas recomendações também válidas para os restantes tomos, tanto os coordenadores como os analistas procuraram tê-las em consideração.



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE EDIÇÃO "ONLINE"

No ano de 2015/2016, o Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP) foi contactado pelo Centro Nacional de Cultura (CNC), no sentido de se estudar a possibilidade de colaboração na publicação da obra inédita do Padre José da Felicidade Alves, intitulada "Peregrinação pelas Igrejas de Lisboa: desde os seus longínquos alvares até aos nossos dias". Iniciou-se um diálogo que conheceu várias etapas e diversos intervenientes, nomeadamente entre os responsáveis do CNC, do CEHR-UCP e os coordenadores do projeto editorial, João Salvado Ribeiro e Abílio Tavares Cardoso. Os coordenadores traziam consigo o manuscrito, uma estrutura editorial em vários tomos, o trabalho de uma equipa de investigadores dedicada à análise crítica do original, através de um sistema de notação do texto do autor e uma firme determinação em fazer publicar a obra na íntegra e de harmonia com o parecer do Professor José Mattoso.

Assegurado o interesse científico e cultural do projeto, por razões que os pareceres já existentes e os textos de análise crítica referenciados no prefácio desta obra explicitam, coube ao CEHR o estudo de uma proposta de publicação, de acordo com os meios disponíveis. Foi então acordada uma publicação em formato digital, que viabilizasse a sua edição e imediata acessibilidade *online* e salvaguardasse, simultaneamente, a possibilidade de uma impressão da obra em papel, ainda que em número reduzido de exemplares e conforme às necessidades advenientes, mas com o mesmo design e paginação. Nas propostas de solução editorial que fomos fazendo, três aspetos fundamentais foram tidos em conta: a extensa dimensão do manuscrito original existente, cuja publicação integral se pretendia assegurar; a natureza diversificada dos textos redigidos, obedecendo a uma recolha e sistematização de informação bibliográfica, frequentemente sob a forma de fichas de citação de textos, cuja autoria haveria que procurar graficamente identificar; e a necessidade de facilitar e tornar o mais acessível possível a consulta da obra, na perspetiva do serviço cultural que se pretendia prestar com esta publicação.

Salvaguardando todo o trabalho já realizado e seguindo os critérios editoriais definidos previamente pelos coordenadores da obra do Padre Felicidade Alves, foi necessário assegurar, no entanto, que a publicação do manuscrito (inacabado) se faria de acordo com as regras científicas em vigor e que o texto publicado seria não só legível, mas ganharia em utilidade se, a par da leitura continuada, a sua consulta se pudesse fazer tirando partido da edição eletrónica. Assim, a par da possibilidade de navegação oferecida pela própria estrutura da obra, conforme ao índice da mesma, a disponibilização do *pdf* do texto permite também navegar em função de necessidades de consulta e de pesquisa de quaisquer temas, mediante a simples introdução de palavras ou expressões chave, a pesquisar em cada um dos sete tomos disponibilizados.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Tendo-se decidido, desde o início, que o conjunto da obra deveria ficar alojado e acessível no Portal de História Religiosa, considerou-se útil que a publicação da mesma fosse enquadrada como um projeto editorial específico, referenciando nomeadamente elementos biográficos e bibliográficos relativos ao Padre Felicidade Alves, seu autor e uma das figuras marcantes do catolicismo português do século XX. É, pois, com redobrado regozijo que assinalamos agora o lançamento do projeto com a criação do *website* e a edição *online* do primeiro tomo da obra ao abrigo de um Protocolo de colaboração estabelecido entre o Centro Nacional de Cultura, o Centro de Estudos de História Religiosa e os coordenadores da obra, em ordem à execução do projeto de edição do manuscrito, protocolo assinado a 15 de novembro de 2017.

Por último, um agradecimento é devido a todos os que ajudaram a definir este projeto e, de modo particular, à pequena equipa de trabalho que se constituiu para o estruturar, sustentando o necessário diálogo entre todas as partes envolvidas, nomeadamente à Dr.<sup>a</sup> Teresa Tamen e à Dr.<sup>a</sup> Maria da Conceição Reis Gomes, que da parte do CNC mantiveram os contactos pessoais e institucionais quotidianos, em ordem ao desenho e concretização desta parceria, e da parte do CEHR, ao Dr. José António Rocha, que comigo assegurou o respetivo diálogo institucional e a conceção da solução agora apresentada; ao Dr. Bruno Leal, que concebeu o design gráfico do sítio e do livro, assim como a respetiva execução; aos Doutores Mário Farelo e Paulo Esmeraldo Lopes, que se ocuparam do trabalho de revisão editorial do texto, nos termos acertados entre todos os intervenientes e cujos critérios explicitam em texto próprio. Aos coordenadores da obra, Doutores João Salvado Ribeiro e Abílio Tavares Cardoso, agradecemos a confiança e a disponibilidade manifestadas para conosco colaborarem na procura de uma solução que viabilizasse a finalização do seu projeto editorial. Ao anterior e à atual presidente do CNC, Professores Guilherme d'Oliveira Martins e Maria Calado, agradecemos a confiança institucional depositada no CEHR desde os contactos iniciais até ao momento de finalização deste projeto. Esperamos que, na simplicidade da resposta tecnológica encontrada, mas com o rigor científico que sempre temos procurado imprimir no trabalho deste Portal, possa o novo sítio agora criado contribuir para um melhor conhecimento da pessoa e do trabalho do Padre José da Felicidade Alves, nomeadamente enquanto investigador da história religiosa da cidade de Lisboa.

Lisboa, julho de 2018

*Paulo F. de Oliveira Fontes*  
(Diretor do CEHR-UCP)

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## NORMAS EDITORIAIS

1. Respeitou-se o texto original, preparado pelos coordenadores, diferenciando de forma inequívoca as autorias (o que é da autoria do Padre José da Felicidade Alves e o que é criação dos analistas).
2. Estabeleceu-se a uniformização do texto, no âmbito do processo de composição e definição do mesmo.
3. Definiu-se um modelo de apresentação do texto do Padre José da Felicidade Alves comum a todos os volumes que compõe a obra.
4. Completou-se e uniformizou-se o aparato crítico, nomeadamente ao nível das referências bibliográficas.
5. As notas do próprio Padre José da Felicidade Alves foram uniformizadas, sendo apresentadas em numeração árabe (1, 2, 3 ...) e sobre fundo branco.
6. As notas da autoria dos analistas foram igualmente uniformizadas, sendo apresentadas em numeração romana (I, II, III, IV, V, ...) e cor azul, por forma a não deixar dúvidas ao leitor acerca da sua proveniência. O objetivo é evitar o risco de confusão entre as notas do autor e as dos analistas.
7. A bibliografia evocada pelo Padre José da Felicidade Alves surge ao longo do próprio texto, nos locais exatos onde o mesmo efetua as referências, e compilada no final de cada tomo por ordem temática (e, no interior desta, por ordem alfabética). Vejam-se os seguintes exemplos:

### Fontes Impressas

AZEVEDO, Rui de (ed.) (1944) – *Documentos Medievais Portugueses. Documentos Régios*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.

### Estudos

ALMEIDA, Fernando (1958) – “Pedras Visigodas de Lisboa”, *Revista de Guimarães*, vol. LXVIII, nº 12, pp. 117-137.

8. No interior de cada subcapítulo, no caso do primeiro volume, apresenta-se entre parêntesis retos a numeração reconstituída de forma a completar a utilizada pelo próprio autor: [1], [2], [2.1], [3] ...

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

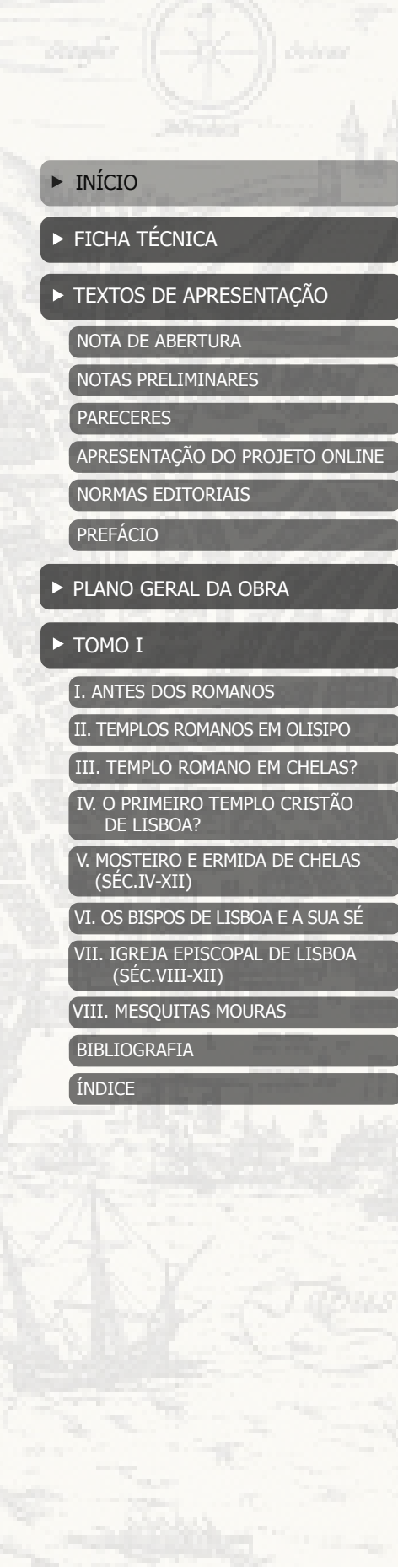
BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

9. As citações extensas (três linhas ou mais) efetuadas pelo autor surgem sobre um leve fundo cinzento. O objetivo é que o texto do próprio José da Felicidade Alves fique bem diferenciado relativamente ao citado de outros autores. Evitam-se desta forma eventuais confusões sobre a proveniência de cada bloco de texto, ficando ao mesmo tempo salvaguardada a originalidade do texto autoral.

*Mário Farelo*

*Paulo Catarino Lopes*



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## PREFÁCIO

Provavelmente nenhum católico português com alguma cultura, e que tenha vivido pelos anos 60 ou 70 do século passado, ignora quem era o “Pe. Felicidade”. Falecido em 1998, a sua memória foi evocada, dez anos mais tarde, numa sessão solene do Centro Nacional de Cultura. Quem com ele contactou pessoalmente não pode esquecê-lo. O grande público conhece sobretudo a sua ação veemente e corajosa na condenação da Guerra Colonial e na denúncia da submissão da hierarquia católica ao regime do Estado Novo, através, nomeadamente, da publicação clandestina dos Cadernos GEDOC. Excomungado pelo Patriarca de Lisboa D. Manuel Gonçalves Cerejeira em 1970, manteve sempre as suas posições políticas e convicções religiosas. Entre 1968 e 1975 tornou-se a referência unânime e obrigatória dos assim chamados “católicos progressistas”, quaisquer que fossem as suas opiniões ideológicas e atitudes pragmáticas. Depois do 25 de Abril, aderiu ao Partido Comunista Português, mas retirou-se progressivamente da política ativa, e dedicou-se ao estudo da História da Arte, concentrando a sua atenção sobretudo nas igrejas e monumentos religiosos de Lisboa e na obra artística de Francisco de Holanda. Publicou alguns dos resultados destes estudos, concretamente acerca dos mosteiros de S. Vicente de Fora e dos Jerónimos (três volumes). Entretanto foi tomando notas acerca das outras igrejas de Lisboa. Em 1991 completou uma obra a que chamou *Peregrinação pelas igrejas de Lisboa*, onde reuniu uma grande quantidade de informações sobre os monumentos religiosos da cidade, mas não chegou a comprometer-se com nenhum editor. Não pretendia fazer investigação original nem publicar documentos inéditos, mas reunir sistematicamente os dados necessário para conhecer o essencial da história das suas igrejas.

Aos olhos dos seus herdeiros e amigos, a obra parecia estar pronta para ser publicada. Pensaram fazê-lo como homenagem à sua inesquecível personalidade. Todavia, tiveram o cuidado de procurar um parecer que garantisse o valor da informação fornecida, nomeadamente acerca das igrejas fundadas na época medieval. Tendo eu aceitado a tarefa, como admirador que sempre fui do Pe. Felicidade, e partindo do princípio de que se tratava de uma obra de divulgação, verifiquei que a grande maioria dos dados nela registados procediam da historiografia erudita dos séculos XVII e XVIII, a qual consagrava sobretudo notícias lendárias e fantasistas de origem local ou regional, empoladas pela mentalidade barroca da época. Com efeito, as memórias locais serviam de base, muitas vezes imaginária, a manifestações de rivalidade entre ordens religiosas, sempre prontas a exagerar os elementos maravilhosos e edificantes para proclamarem um passado glorioso. As informações documentais eram lidas à luz dos princípios do Direito Canónico pós-tridentino, criado na época moderna para dirimir conflitos de jurisdição eclesiástica segundo princípios anteriormente inexistentes. Pareceu-me impossível publicar uma obra que, na prática, teria o efeito perverso de consagrar

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

informações erradas e interpretações abusivas. Ao mesmo tempo, pareceu-me, em contraste com as informações relativas à época medieval, as da época moderna eram corretas e objetivas. Propus, então, que os dados referentes à época moderna, sobretudo ao século XVI, fossem examinados por um especialista, para certificar a validade global das informações neles registadas. O parecer que para esse fim foi benevolmente dado pela então minha colega da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Professora Catedrática Ana Isabel Buescu foi favorável à publicação desta parte da obra. O carácter sistemático das monografias redigidas pelo Pe. Felicidade Alves era também uma qualidade a recomendar a sua edição. Mas tinha de se decidir o que fazer com o volume sobre as igrejas da época medieval. Propus a sua publicação anotada por um especialista de História da Arte Medieval. A solução foi aceite e a tarefa confiada a Paulo Almeida Fernandes. José Luís de Matos, que tinha sido amigo pessoal do Pe. Felicidade, arqueólogo e especialista da História da Península Ibérica no período da Antiguidade Tardia, encarregou-se de rever e anotar as informações relativas às igrejas anteriores ao princípio da Idade Média.

O trabalho foi mais demorado do que se esperava, mas acabou por ser feito. Com as notas de pé de página consideradas necessárias, com o patrocínio institucional do Centro Nacional de Cultura, o apoio do Presidente, Guilherme de Oliveira Martins, e o suporte mecânico da Fundação Calouste Gulbenkian, encontravam-se finalmente reunidas as condições necessárias para que a obra do Pe. Felicidade Alves fosse publicada, e assim se cumprissem os objetivos que ele lhe destinava.

Duas palavras mais para sublinhar alguns aspetos que tornam esta publicação um acontecimento *sui generis*. Quinze anos depois da sua redação e vinte e três depois da morte do seu autor, pode-se perguntar o que justifica de facto a sua publicação póstuma. Uma obra de piedade e devoção dedicada um amigo desaparecido? A memória de alguém que lutou de forma exemplar, sem desfalecimento e com sacrifício da própria vida por uma causa justa? O serviço cultural prestado ao público interessado e de conteúdo ainda válido? Os depoimentos de Joana Lopes (in *Entre as brumas da memória - Os católicos portugueses e a ditadura*, p. 125-128) e o de Diana Andringa, prestado no Centro Nacional de Cultura em 2008, situavam-se na primeira ou segunda de tais perspetivas. Ignoravam a terceira. Quem não conheceu pessoalmente o Pe. Felicidade poderia pensar que o autor erudito e cuidadoso, especialista de História de Arte religiosa não era o mesmo que o combatente da luta pela independência política dos católicos na época marcelista. A verdade é que o Pe. Felicidade cumpriu ambas as tarefas de maneira exemplar. A sua personalidade pluriforme não se esgotava em nenhuma delas. Com efeito, o seu rigor intelectual obrigava-o a tomar a sério tudo aquilo que fazia. Se a História da arte e a História religiosa eram para ele, de certa maneira, um *hobby*, nada poderia ser mais alheio à sua personalidade do que a irresponsabilidade de um diletante. Por isso os seus amigos e aqueles que o consideram um modelo de fidelidade às suas convicções se

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

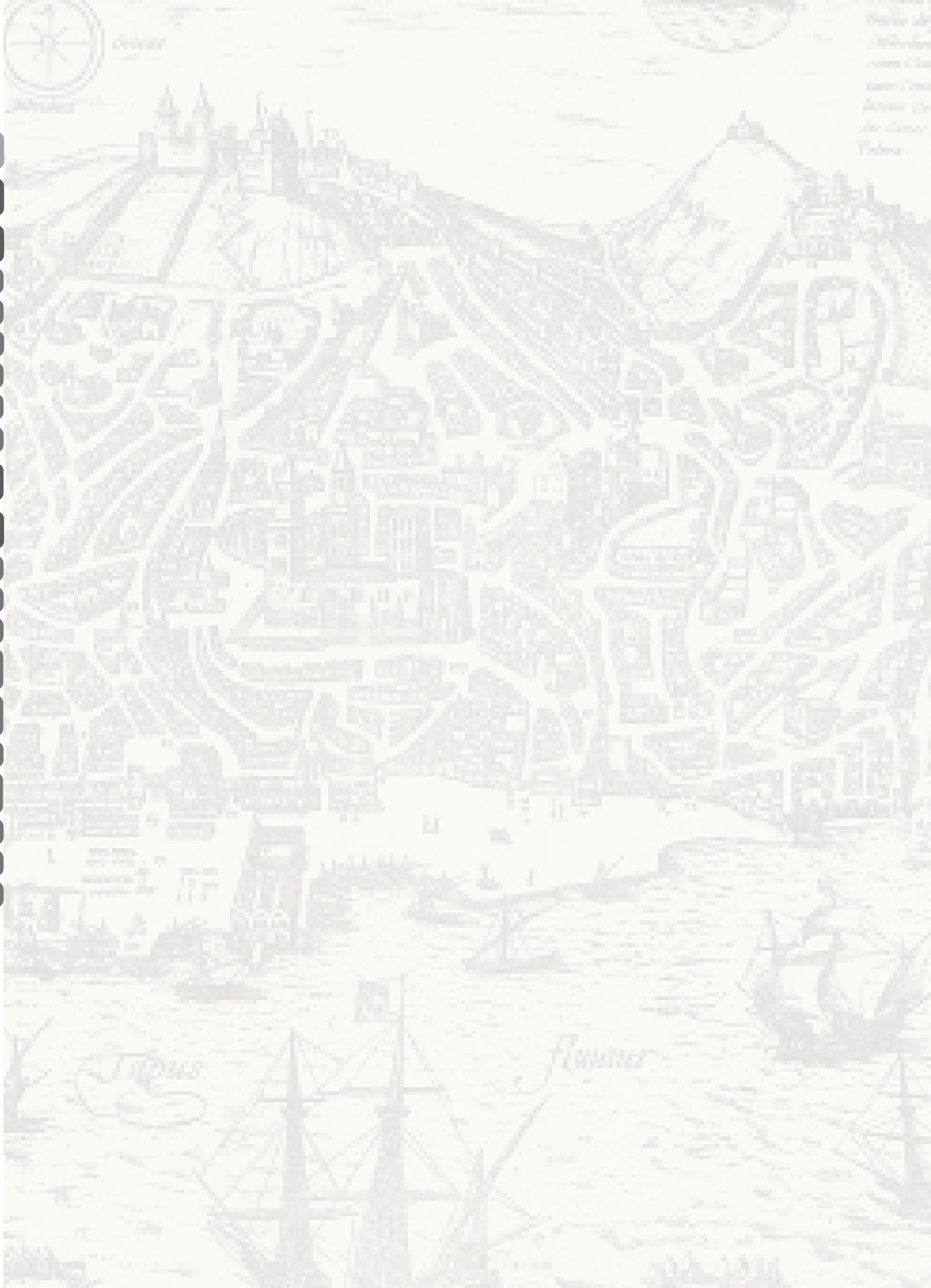
ÍNDICE

preocuparam tanto com o conteúdo da sua obra. Não quiseram publicá-la sem verificar antes o seu valor efetivo. Estou certo que o Pe. Felicidade não deixaria de aprovar estes cuidados.

A obra que da conjugação destes fatores resulta, e aqui se apresenta, constitui de facto, creio eu, não só uma fonte de informação sistemática e bem selecionada dos dados mais importantes para a história da arte sacra e da história religiosa da cidade de Lisboa, mas também uma novidade importante do ponto de vista da historiografia medieval. Com efeito, o conjunto das notas de atualização de conhecimentos reunidas por Paulo Almeida Fernandes transmite uma visão completamente diferente da que anteriormente se conhecia a tal respeito, com base na cronística seiscentista e setecentista. Apenas ligeiramente tocada pelo pensamento iluminista do século XVIII, e sofrendo nos séculos XIX e XX de violentos ataques anticlericais, a historiografia eclesiástica portuguesa só soube responder-lhe de forma apologética e ineficaz. A sua efetiva incapacidade permaneceu até aos nossos dias. As informações transmitidas pelas enciclopédias e corografias portuguesas, baseadas nas crónicas das ordens religiosas e diocesanas, estavam cheias de erros e confusões. Ora a investigação medieval tem feito progressos enormes durante os últimos vinte ou trinta anos, tanto no domínio da história social e económica, como no da cultura e mentalidades. Mesmo no domínio da história das instituições, terreno privilegiado da historiografia universitária portuguesa desde o tempo de Herculano, se verifica que a projeção dos conceitos jurídicos tridentinos sobre o passado medieval, multiplicou os equívocos e contradições. Hoje, porém, graças a uma minuciosa investigação monográfica sobre muitas entidades religiosas medievais, e a uma efetiva coordenação do passado religioso com o seu enquadramento social, económico e político, torna-se possível apresentar uma visão mais coerente e mais exata da realidade histórica. A contribuição do jovem investigador que aceitou rever o texto do volume da *Peregrinação pelas igrejas de Lisboa* relativo à época medieval, confere às suas notas, não só um valor acrescentado à memória do Pe. Felicidade Alves, mas também um contributo notável para a história religiosa da cidade de Lisboa por si mesma. Só quem tem explorado o terreno da medievalidade se apercebe da importância deste facto. Com efeito, o carácter predominantemente rural da civilização medieval, aliado ao relevo que a historiografia tradicional atribui aos centros da vida monástica (considerada também como fenómeno rural) manteve a religiosidade urbana como uma área praticamente desconhecida. Em Portugal, sobretudo. O conjunto das notas redigidas por Paulo de Almeida Fernandes, que procede a uma cobertura completa e sistemática dessa mesma área, confere-lhe uma importância própria. Aliado às informações sobre a evolução de cada um dos seus elementos, desde a sua criação até à época contemporânea, torna-se um estudo de valor inestimável. Creio que o Pe. Felicidade ficaria contente com tudo o que aconteceu à sua obra.

S. Pedro do Estoril, 14 de janeiro de 2014.

*José Mattoso*



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## PLANO GERAL DA OBRA

### **TOMO I**

#### **Templos anteriores à conquista de Lisboa aos Mouros (1147)**

Análise crítica - José Luís de Matos

### **TOMO II**

#### **As Igrejas medievais (1147-1495)**

Análise crítica - Paulo Almeida Fernandes

### **TOMO III**

#### **As Igrejas do século XVI (1495-1580)**

Análise crítica - Pedro Flor

### **TOMO IV**

#### **As Igrejas de Lisboa desde 1580 a 1755**

Análise crítica - Miguel Soromenho

### **TOMO V**

#### **As Igrejas de Lisboa ao Tempo do Terramoto**

Análise crítica - José Daniel Soares Ferreira e Paulo Almeida Fernandes

### **TOMO VI**

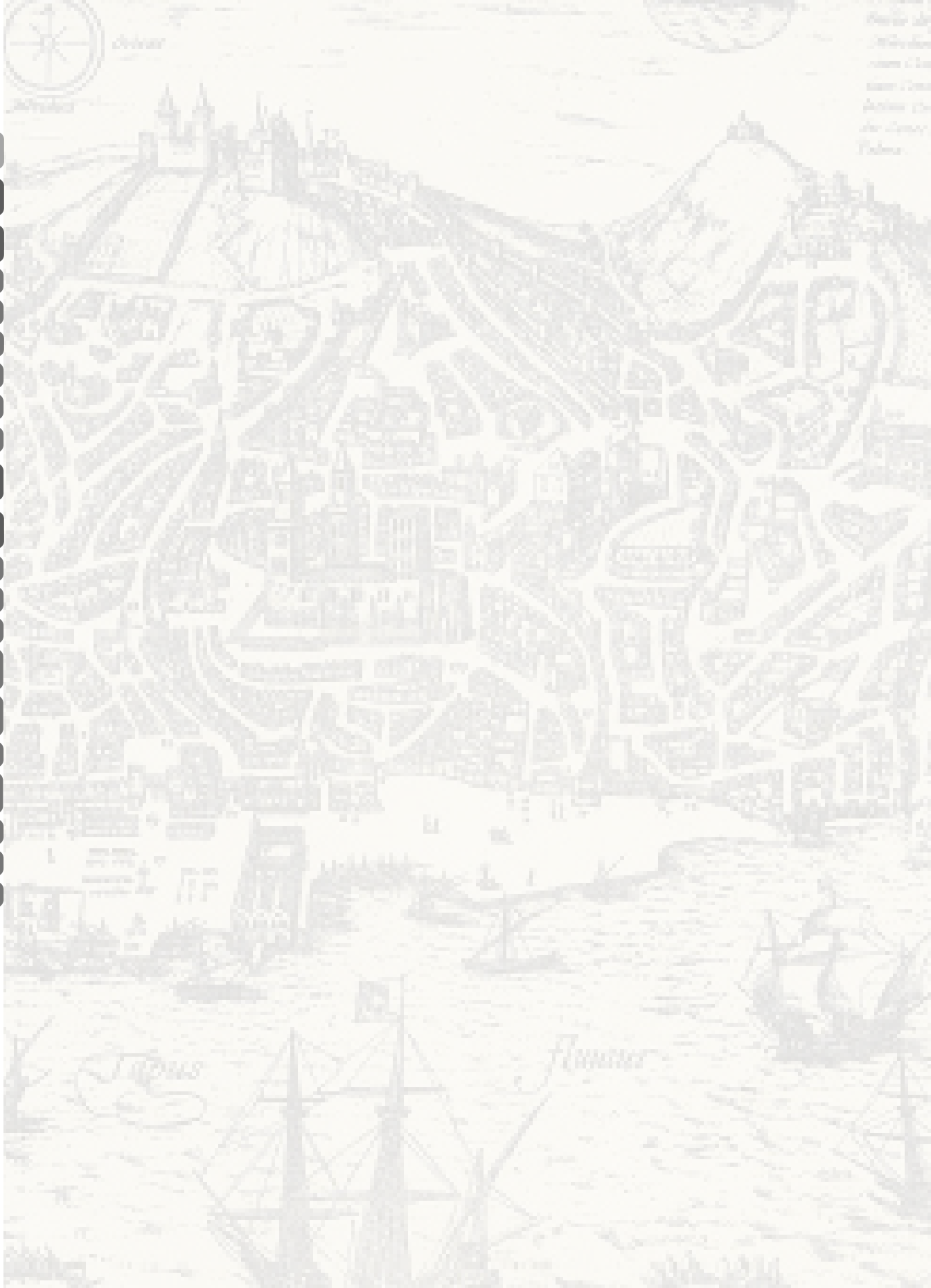
#### **As Igrejas de Lisboa desde 1755 a 1834**

Compilação - Abílio Tavares Cardoso e João Salvado Ribeiro

### **TOMO VII**

#### **Panorama das Igrejas existentes no séc. XIX e séc. XX (1834-1995)**

João Alves da Cunha



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

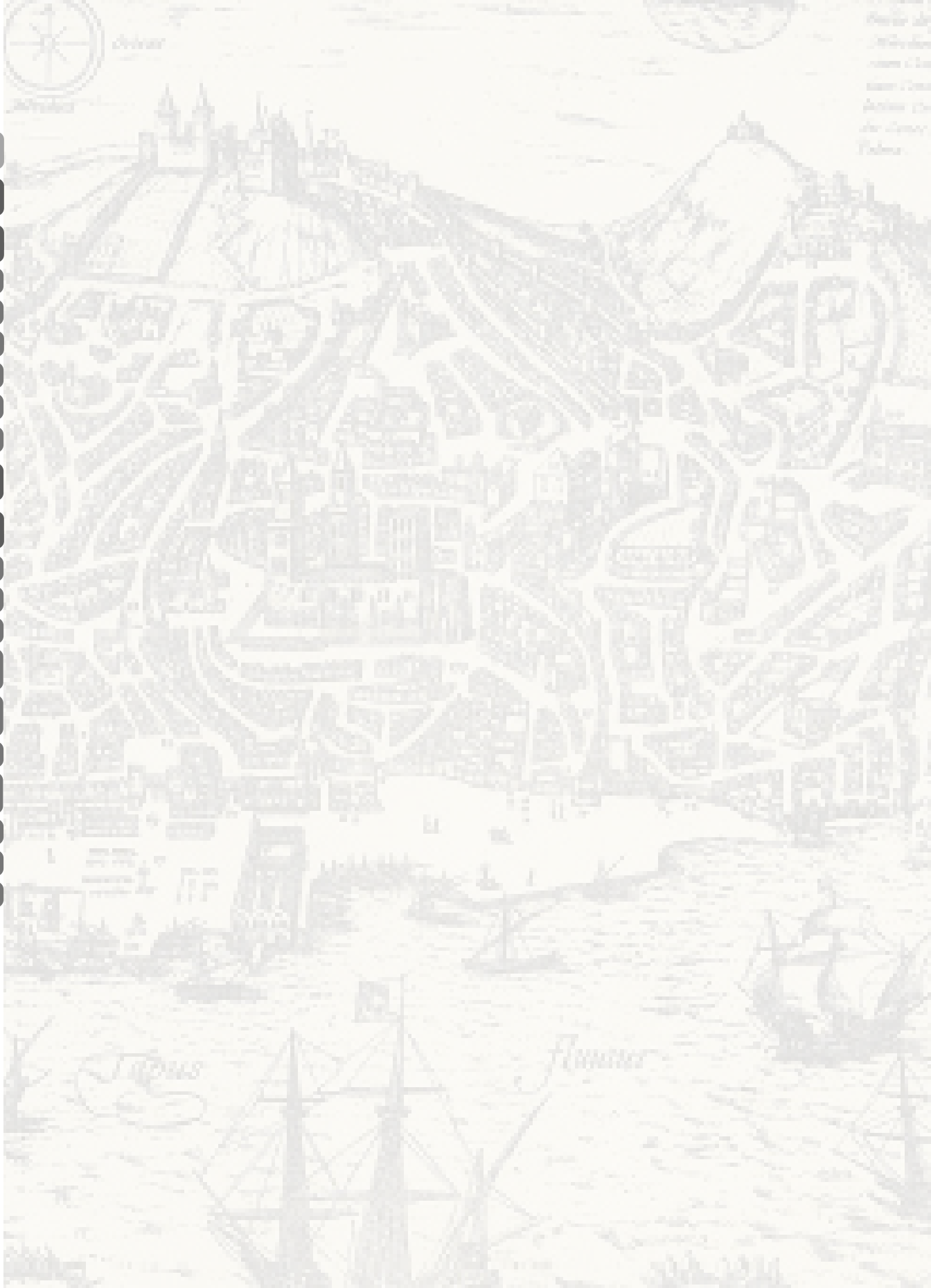
BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## TOMO I EDIFÍCIOS RELIGIOSOS DE LISBOA ANTERIORES A 1147

Templos romanos  
Igrejas e ermidas cristãs  
Mesquitas mouras

Análise crítica José Luís de Matos



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## I. ANTES DOS ROMANOS...

Os Lusitanos acreditavam nas forças naturais e prestavam-lhes culto: aos rios (Tejo...), aos bosques (vd. Monsanto), aos altos promontórios, à lua (a Serra de Sintra, ou Serra da Lua), às estrelas, aos ventos, ao sol...

Tinham também grandes deuses, mais ou menos antropomorfizados, tais como Endo-vélico, Ataegina, Macário...

O panteão lusitano está cheio de deuses da terra e da fecundidade.

Mas não temos vestígios de templos.

### O MONTE SACRO (=MONSANTO)

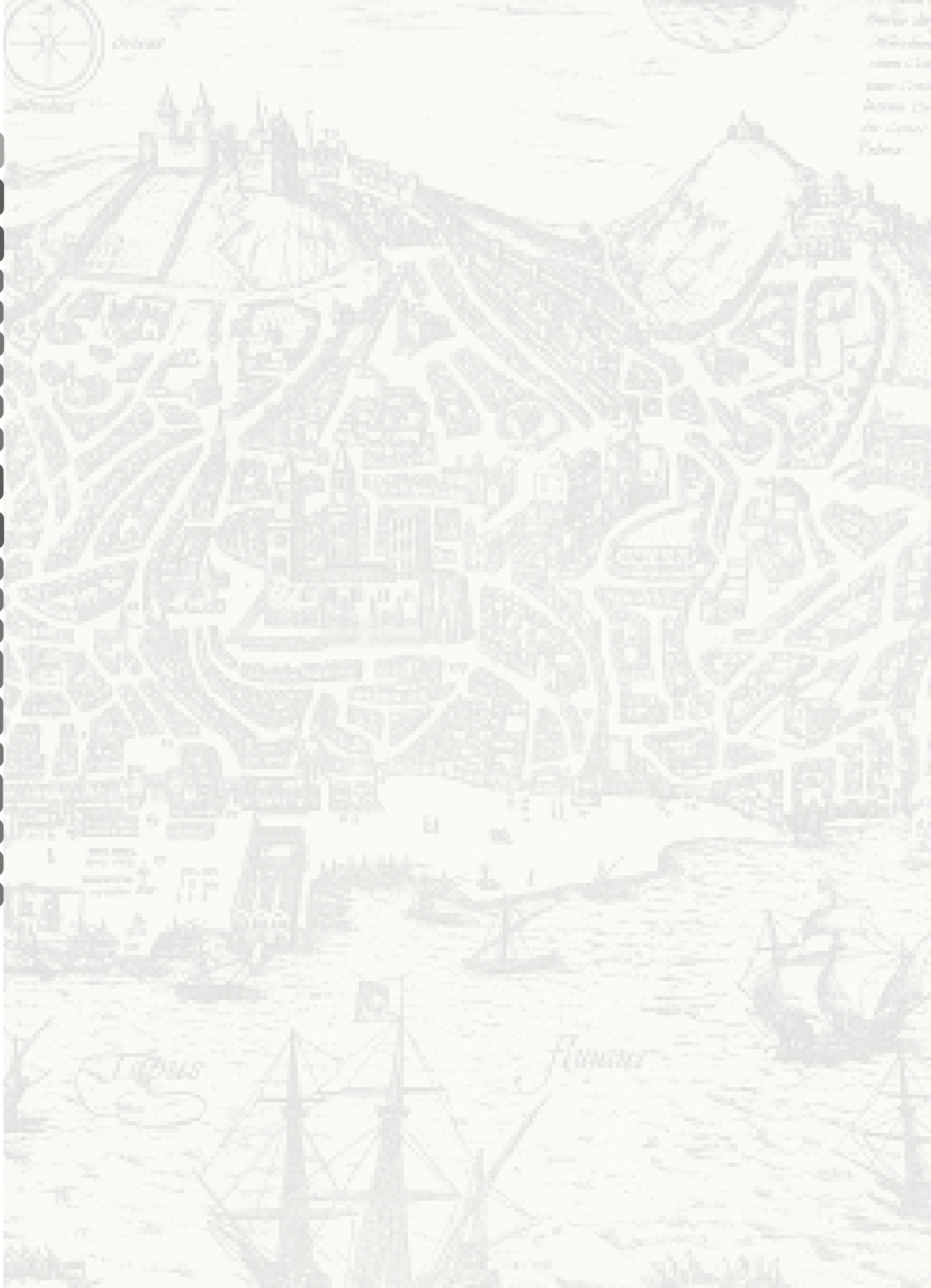
J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, 2º volume, Lisboa, 1905, pp. 30 e 103-108.

J. Leite de Vasconcelos, *Páginas olisiponenses*, Lisboa, 1959, pp. 78 (nota 14) e 87-88.

Segundo o testemunho de M. T. Varrão (116-27 a. C.) e de L. J. Columella (século 1º d. C.), situado junto ao mar lusitano existia um monte, que os povos tinham por sagrado. Varrão localiza ao pé de Lisboa o Monte Sacro, que corresponde à actual *Serra de Monsanto* (note-se que o pleonasma “serra” e “monte” denota que “monte-santo” era uma expressão ideológica única).

Não nos é explicada a natureza do carácter sagrado desse monte. Seria por existir por ali algum local ou templo consagrado aos deuses? Seria por ali se prestar culto a alguma divindade dos bosques? Seria porque a própria montanha em si mesma era sagrada?

Obviamente, trata-se de algo que pertence ao mais primitivo património cultural-religioso do povo (como pensa J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, vol. 2º p. 104).



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

Lisboa esteve sob dominação romana durante cerca de 550 anos, desde o ano 138 a. C. até ao ano 409 d. C.

Os Romanos elevaram Olisipo – que já antes deles era entreposto comercial importante – a um alto grau de magnificência: ergueram edifícios de culto, de reunião cívica e de recreio, cobriram-na de estátuas, instalaram termas e teatro, abriram vias de comunicação, asseguraram o fornecimento de água, garantiram-lhe a protecção e o bem-estar, criaram as condições favoráveis ao exercício e desenvolvimento do comércio, da cultura, das relações sociais.

Os vestígios dessa presença são, no entanto, escassos. E mal conservados, mal inventariados, mal divulgados. O que ainda estará enterrado por debaixo da cidade actual? Como assinala Júlio de Castilho, “A Lisboa de hoje ergue-se a bons três ou quatro metros sobre as cinzas da sua avoenga” (Castilho, 1935: I, 97).

Tudo desapareceu com o rodar dos tempos, a voracidade dos incêndios, a inclemência dos sismos, a crueldade dos sucessivos conquistadores (povos bárbaros do Norte, sarracenos, cristãos...), a insensibilidade dos urbanizadores. Hoje, nem sabemos bem como era a rede das vias públicas da cidade romana, nem sequer o âmbito que abrangia.

Os Romanos, embora respeitassem os cultos indígenas, puseram as populações locais em contacto com as religiões do mundo clássico; e fomentaram, particularmente, o desenvolvimento do culto imperial e formas associadas, como agentes de aglutinação político-social.

A principal fonte de informações reside nas *lápides olissiponenses*: daí, dedicarmos um primeiro artigo a esse tema (1). Seguidamente, damos uma panorâmica dos templos romanos que as lápides permitem identificar (2). E, finalmente, analisaremos cada um dos templos identificados (3).

### 1. LÁPIDES ROMANAS COM REFERÊNCIAS RELIGIOSAS

Estão identificadas no âmbito da actual cidade de Lisboa 148 lápides romanas. Consideram-se extraviadas (restando todavia cópias), 102. Subsistem ainda, portanto, 46<sup>1</sup>. Destas, estão incrustadas em muros de edifícios, 6. E conservam-se em museus, 40<sup>2</sup>.

São especialmente de considerar nesta nossa pesquisa as lápides com referências religiosas: evocam o culto religioso então praticado na cidade.

<sup>1</sup> Para referência, damos a relação de todas as lápides romanas conhecidas, quer ainda existentes, quer já desaparecidas, indicando os locais onde foram encontradas. Esta relação foi elaborada com base na obra de A. Vieira da Silva, *Epigrafia de Olisipo*, Lisboa 1944. A cota ou número de ordem de classificação é a do referido autor.

<sup>2</sup> Locais onde se encontram as 46 ainda existentes:

Museu da Alcáçova do Castelo (14)

n.ºs. 1-4, 6-8, 10-11, 14-16, 18-19

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Nelas se faz referência a 15 divindades, às quais foram consagrados santuários, edículas, cipos ou aras.

Damos uma relação (os números indicam as cotas sob que estão registadas na obra de Vieira da Silva).

· à mãe dos Deuses (Cibele) .....	: 26
· à grande Mãe dos Deuses, Frígia, do Monte Ida .....	: 25
· a Thétis e ao seu templo .....	: 104
· a Esculápio .....	: 31, 73, 103
· à deusa Concórdia.....	: 24
· aos deuses Manes .....	: 9, 67, 97, 100, 108, 113, 118, 144H
· aos deuses do Mar .....	: 104
· Deuses Lares.....	: 31
· Apolo.....	: 101
· a Baco.....	: 144F
· Diana.....	: 1
· Júpiter.....	: 81
· Júpiter Ótimo Máximo .....	: 127
· Júpiter Asseco .....	:144E
· Mercúrio.....	: 27

Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia de Belém (13)

n.ºs. 5, 61, 65, 66, 83, 101, 103, 110, 111, 114, 115, 120, 126

Museu de Arqueologia do Carmo (4)

n.ºs. 42, 88, 98, 102

Museu Regional de Évora (3)

n.ºs. 55, 142, 143

Museu do Louvre em Paris (1)

n.º. 139

Biblioteca Nacional da Ajuda (1)

n.º. 140

No Museu da Cidade (Palácio Galveias) (4)

n.ºs. 144E a 144H

Incrustadas em paredes do Castelo de S. Jorge (2)

n.ºs. 9, 12

Incrustadas em paredes, no exterior de um prédio da Travessa do Almada (4)

n.ºs. 25, 26, 27, 28

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

- Mercúrio Augusto ..... : 78
- Mercúrio Thorial (?) ..... : 2<sup>I</sup>
- Saturno..... : 115
- Coarânio (?) de Niceia..... : 121
- Flâmine (sacerdote) ..... : 41
- Flamínias ..... :36, 83
- Cernéfora (encarregada dos vasos sagrados) ..... : 25
- Confraria de devotos..... : 31
- Augustais (encarregados do culto de Augusto) ..... : 8, 11, 70, 71, 74, 78, 101, 103<sup>II</sup>

São ao todo 41 lápides. Compare-se com o número de lápides funerárias: 97.

Locais onde foram encontradas	Inscrições conhecidas Nº	Ainda existentes		Já desaparecidas	
		Nº	Cota de ref <sup>a</sup> .	Nº	Cota de ref <sup>a</sup> .
Castelo de S. Jorge	19	17	1-12, 14-16, 18, 19	2	13, 17
Porta da Alfafa	2	-	-	2	20, 21
Pedras Negras	1	-	-	1	22
Madalena	8	4	25, 26, 27, 28	4	23, 24, 28-30
Porta de Ferro (Lg Stº António)	36	5	42, 55, 61, 142-143	31	31-41, 43-54, 56-60, 62-63, 64
Na muralha a Sul da Porta de Ferro	2	2	65, 66	-	-
Sé	3	-	-	3	67, 68, 69
Rua de S. Mamede	2	-	-	2	70, 71
Beco do Bugio (à Sé)	1	-	-	1	72
São Tiago	3	-	-	3	73, 74, 75
Porta do Sol	3	-	-	3	76, 77, 78
São Tomé	1	-	-	1	79
São Vicente	5	1	83	4	80-82, 84

<sup>I</sup> Esta inscrição foi recentemente lida como “Mercúrio Cortalis” (Mantas, 2002: 160).

<sup>II</sup> Se considerarmos como autêntico culto religioso a homenagem aos imperadores, é de referir que o título “Divus”, divino, é aplicado comumente aos imperadores romanos pela epigrafia lapidária honorífica de Lisboa. Ver igualmente o estudo de Guerra, 2006: 279, inscrição com dedicatória à “Liberdade Augusta”, e uma outra publicada por Silva, 1944: 182-184, novamente estudada por Quenteira e Encarnação, 2009: 143-146.

## ▶ INÍCIO

## ▶ FICHA TÉCNICA

## ▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

## ▶ PLANO GERAL DA OBRA

## ▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Calçada do Cardeal	1	-	-	1	85
Chelas	4	1	88	3	86, 87, 90
Quinta da Bela Vista	1	-	-	1	89
Xabregas	1	-	-	1	91
São João da Praça	1	-	-	1	92
Chafariz d'El-Rei	5	-	-	5	93-97
Arco de Jesus	1	1	98	-	-
Campo das Cebolas	2	-	-	2	99, 100
Rua das Canastras	2	2	101, 102	-	-
Rua da Prata	1	1	103	-	-
São Nicolau	5	-	-	5	104, 105, 106, 107, 108
Igreja de São Domingos	1	-	-	1	109
Largo de S. Domingos	2	2	110, 111	-	-
Anjos	2	-	-	2	112, 113
Avenida da República	2	2	114, 115	-	-
Ameixoeira	1	-	-	1	116
Boa-Hora (Baixa)	1	-	-	1	117
Rua Vítor Cordon	1	-	-	1	118
Calçada dos Caetanos	1	-	-	1	119
R. Escola Politécnica	1	1	120	-	-
São Paulo	4	-	-	4	121, 122, 123, 124
Santos-o-Velho	1	-	-	1	125
Belém/ Calçada da Ajuda	1	1	126	-	-
Poço de Cortes (Poço Bispo)	4	4	114E-114H	-	-
Locais indeterminados	16	2	139, 140	14	127-138, 141-144
<b>TOTAL</b>	<b>148</b>	<b>46</b>		<b>102</b>	

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2. VESTÍGIOS DE TEMPLOS ROMANOS

Da interpretação dos dados fornecidos pela leitura das lápides, conclui-se pela existência [provável, ou certa, ou apenas conjectural] dos seguintes templos romanos da cidade de Olisipo.

### 2.1 TEMPLO ROMANO DE CIBELE, MÃE DOS DEUSES

Em 1753 descobriram-se imponentes ruínas romanas, no ângulo que faz o Largo da Madalena com a Travessa do Almada; junto havia duas inscrições dedicadas a Cibele (donde a suposição de as ruínas serem restos de um grande templo dedicado à mãe dos deuses), e outra inscrição dedicada a Mercúrio.

“Colunas e capitéis da ordem jónica, que talvez tivessem pertencido ao templo romano que existiu no Largo da Madalena”, estão servindo de suporte a uma varanda, por cima da porta nº 17 do Largo do Chafariz de Dentro.

Em 1943 descobriram-se alguns trechos arquitectónicos no Largo da Madalena, alguns dos quais teriam sido do mencionado templo. (vd. Vieira da Silva, *Epigrafia de Olisipo* (fotografia entre as pp. 52-53).

### 2.2 TEMPLO ROMANO DEDICADO À DEUSA THÉTIS [?]III

No sítio da actual igreja de S. Nicolau. A inscrição numa lápide que estava patente na antiga igreja, anterior ao terramoto de 1755, fazia-lhe referência.

### 2.3 ARA DEDICADA À DEUSA CONCÓRDIA

Encontrada na parede da igreja da Madalena (está embebida na parede do prédio que faz esquina da Travessa do Almada para o Largo da Madalena).

### 2.4 ARA DEDICADA A ESCULÁPIO

Encontradas lápides de monumentos consagrados a Esculápio. Uma delas, nas chamadas Termas dos Augustais, é particularmente sugestiva.

### 2.5 TEMPLO ROMANO DEDICADO A AUGUSTO OU A ROMA

Existiu muito provavelmente no sítio onde agora é a Sé. Foi entretanto ali uma das mesquitas do aglomerado islâmico (durante a ocupação moura); depois dos romanos, e antes dos mouros, teria sido uma igreja catedral visigoda cristã.

III O culto do sagrado ligado às actividades marítimas permaneceu no local. S. Nicolau foi na Idade Média e no sul da Europa o patrono dos marinheiros (Matos, 2001: 46).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2.6 TEMPLO DE MINERVA

Teria existido em Olisipo um templo de Minerva, onde se encontravam pendurados determinados objectos (tais como escudos, festões, esporões de navios) alusivos às viagens de Ulisses. Disso nos dá testemunho Asclepiades Mirliano, conforme nos refere Damião de Góis, *Vrbis Olisiponis Descriptio* (ano de 1554). Tradução com o título *Descrição da Cidade de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001.

## 2.7 CULTO DE NABIA

Nos arredores de Olisipo, na margem esquerda da ribeira ou vale de Alcântara, aproximadamente na baixa da ermida do Senhor Jesus dos Triunfos, teria havido culto a uma deusa romana das fontes ou dos rios: Nabia ou Navia<sup>IV</sup>.

## 2.8 TEMPLO ROMANO DEDICADO A VESTA, NO SÍTIO DE CHELAS<sup>3</sup>

Habitado e servido por virgens vestais (?). Subsistem, ou temos notícia de diversas lápides romanas provenientes desse local:

- uma pedra de alabastro, no claustro velho, com seis palmos de comprido e três de largo, que seria um cipo; tem uma inscrição que fala (?) da “vestal Júlia Flaminia”; seria a ara do fogo perpétuo;
- quatro lápides, indo do claustro velho para a cerca;
- algumas colunas coríntias, as figuras de Juno, de Minerva, e de outras divindades.

<sup>IV</sup> Interpretação do topónimo por Correia, 1928: 254. Outra é a leitura de autores mais recentes como Serra, 1994: 440-441, identificando o local da “Horta Navia” como uma propriedade pertencendo a um antigo “Nabi”, ou clérigo muçulmano.

<sup>3</sup> Atendendo à sua especial curiosidade, dedicamos um capítulo especial a este templo das “vestais”.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

### 3. DESENVOLVIMENTO DAS NOTÍCIAS SOBRE ALGUNS TEMPLOS

#### 3.1 TEMPLO ROMANO CONSAGRADO A CIBELE

[1]

Em 1753 (dois anos antes do terramoto), descobriram-se imponentes ruínas romanas, no ângulo que faz o actual Largo da Madalena com a Travessa do Almada.

As ruínas denunciavam uma construção grande e majestosa. “Este edifício, pelos restos dos trechos arquitectónicos encontrados, muitas e grossas colunas (com cerca de 0,45m de diâmetro), bases e capitéis jónicos, pedras com epígrafes e polidas, etc., cujo inventário nos foi deixado pelo Pe. Bem (Carta, [1755:] 159), levam-nos a supor que devia ter sido um templo rico e vasto, provavelmente de estilo jónico” (Silva, 1944: 51).

Nos desastros que durante o 3º trimestre do ano de 1943 se fizeram para a construção do prédio do Largo da Madalena, contíguo ao que atrás foi referido, ainda se encontraram mais restos da primitiva construção romana: uma base ática, um fragmento do fuste duma coluna, e outros, que vieram como que servir de contraprova às asserções do Pe. Bem (Silva, 1944: 51).

Vieira da Silva considera que eram deste mesmo edifício, provavelmente, as duas colunas com bases e capitéis jónicos, que servem de suporte a uma varanda sobre a porta nº 17 do prédio do Largo do Chafariz de Dentro. O autor reproduz uma fotografia das ditas duas colunas (Silva, 1944: 51-52).

“Ao mesmo [edifício romano] pertenceram também, porventura, algumas pedras que, no princípio do século XVII estavam dispersas, tais como uns pedaços de colunas que se viam, conforme nos diz Azevedo ([1652:] livro III, pág. 233), um junto a uma parede na antiga Rua do Barão, defronte da íngreme rua que então descia à Praça dos Canos (exactamente no local das portas nº 7 a 11 do prédio da actual Rua do Barão), e outro numa loja defronte das casas do Correio-mor (que devia corresponder aproximadamente ao sítio da porta nº 18 da actual Calçada do Correio Velho)”. (Silva, 1944: 52)

“Ainda possivelmente eram deste templo uns troços de colunas de encosto ou semi-cilíndricas, de calcário, com 0,57m de diâmetro, que existem no Beco chamado Arco Escuro, dois ao lado da porta nº 7, e outro em frente da mesma porta. Um quarto troço, com cerca de 1m de comprimento, foi encontrado como entulho, em Fevereiro de 1944, na demolição da muralha da *cerca romana* que passava ao fundo da loja nºs. 140-142 da Rua dos Bacalhoeiros” (Silva, 1944: 52).

[2]

Junto às ruínas encontradas nas escavações da Rua da Madalena, atrás referidas, havia duas inscrições com ex-votos, dedicadas à Mãe dos Deuses, Cibele. Daí a suposição de as ruínas dessa grande e majestosa construção serem restos de um grande templo dedicado à Mãe dos Deuses. Vieira da Silva (Silva, 1944: 81) considera tal “conjectura muito plausível”.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Também por ali apareceu uma ara a Mercúrio; e na parede da igreja da Madalena via-se uma ara em dedicatória à deusa Concórdia.

[2.1]

*Lápide com inscrição encontrada no sítio das Pedras Negras, esquina da Rua da Madalena para a Travessa do Almada. Ainda existente, encravada na parede externa da casa da Travessa do Almada.*

Classificado Monumento Nacional

(Silva, 1944: nº 25)

\*A inscrição está num cipo ou árula calcária de uns 0,47m de altura por 0,23m de largura. Refere-se ao ano 108 d. C.

Texto latino (leitura de Vieira da Silva):

MATRI DEVM MAG(nae) I[D]AE PHRYG(iae)  
FL(avia) [TY]CHE CERNOPHOR(a), PER  
M(arcum) IVL(ium) CASS(ianum) ET [C]ASS(iam)  
SEV(eram), M(arco) AT(ílio) ET AN(nio)  
CO(n)S(ulibu)S GAL(lo).

Tradução (de A. Vieira da Silva):

“À Grande Mãe dos Deuses, Frígia, [adorada no monte] Ida, [consagrou esta memória] a cernóphora Flávia Tyche, por intervenção de Marco Júlio Cassiano (?) e Cássia (?) Severa, no consulado de Marco Atílio e Annio Gallo”.

Notas:

- “Grande Deusa...”, “Mãe dos Deuses”, “Frígia”, “Idéia”: eram títulos atribuídos a Cibele ou Rhea. Frígia, por seu culto ser oriundo dessa região da Ásia Menor, nos arredores de Tróia; Ideia, por ser adorada especialmente no Monte Ida, alta montanha da Frígia.
- “Cernóphora”: acólita, encarregada de transportar a vasilha sagrada, com as primícias dos frutos da terra, nas procissões e danças rituais em honra de Cibele.
- A teologia de Cibele, extremamente rica de conteúdo cultural, está fora do âmbito deste apontamento.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

[2.2]

*Lápide e inscrição que ainda se encontra num prédio que torneja do Largo da Madalena para a Travessa do Almada, encravada na parede externa oriental do referido prédio.*

É Monumento Nacional (decreto 27. Dez. 1919).

(Silva, 1944: nº 26)

Texto latino:

DEV M MATR[I] T(itus) LICINI VS  
AMARANTHVS, V(otum) S(olvit)  
L(ibens) M(erito)

Tradução:

“À Mãe dos Deuses.  
Tito Licínio Amaranto  
Cumpriu de bom grado  
O voto [que fizera à  
mãe dos Deuses]”.

É de cerca de 108 (?) d. C.

Encontrados nas escavações feitas no ano 1753.

#### Bibliografia:

SILVA, Vieira da – *Epigrafia de Olisipo*. Lisboa: 1944, pp. 51-53, 81.

BEM, Pe. Thomas Caetano de – *Carta acerca de huns Monumentos Romanos descobertos no Sítio das Pedras Negras*, incluído na 2ª edição (1755) do “Summario” de Cristóvão Rodrigues de Oliveira.

[ALMEIDA, D. Fernando de] – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Lisboa: 1973, vol. 5º, Tomo 1º, p. 85.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

### 3.2 TEMPLO ROMANO DEDICADO A THÉTIS

[1]

No sítio da actual igreja de S. Nicolau encontrou-se uma lápide do teor seguinte:

DI(=ii)S MARIS SAC(rum).

NAVTAE . ET . REMIG(es)

OCEA(ni) [HOC] [MU]NUS

IN TEMPL(o) THET(idis)

OBTVLE

RUNT . PRO . TVENDIS

.....

E(x) V(oto) D(edicaverunt)

(Leitura de Silva, 1944, nº 104)

Ou seja:

Consagrado aos Deuses do Mar

Pelos marinheiros e navegantes

Do oceano, no templo de Thétis,

Em cumprimento dos seus votos

Pelos bons sucessos nas tempestades.

Dedicaram-na por voto.

[2]

Esta inscrição estava em um canto (cunhal) da igreja velha da paróquia antiga de São Nicolau e permanecia inteira (segundo afirma D. Rodrigo da Cunha) cerca dos anos 1623 a 1638.

Foi copiada pelo licenciado João Baptista Grafião, e depois lançada nos alicerces da igreja nova de S. Nicolau, que então se estava construindo.

#### Bibliografia:

CUNHA, D. Rodrigo da – *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*. Lisboa: 1642, fl. 9 (= 10).

SILVA, Vieira da – *Epigrafia...*, pp. 219-220, 83.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

BEM, Pe. Thomas Caetano de – *Carta acerca de huns Monumentos Romanos descobertos no Sítio das Pedras Negras*, incluído na 2ª edição (1755) do “Summario” de Cristóvão Rodrigues-de Oliveira<sup>V</sup>.

### 3.3 CULTO DE ESCULÁPIO

Das lápides conhecidas pode concluir-se que era intenso o culto de Esculápio (ou Asclépio).

[1]

Lápide, um marco pequeno, ou ara com seu friso. Encontrada na antiga Porta de Ferro (a Santo António da Sé) ou Arco de Nossa Senhora da Consolação, no primeiro degrau da escada de acesso à capela de Nossa Senhora, que ficava por cima do vão da porta. A lápide perdeu-se (já não existia em 1763), mas é conhecida a inscrição.

AESCVLAPIO  
AVG(usto)  
SACRUM . CVL  
TORES . LARUM  
MALIAE . ET . MALIOLI  
M[arcus] . COSSVTIVS  
MACRINVS  
DONAVIT

(Silva, 1944: nº 31)

= Monumento [consagrado] a Esculápio Augusto. Marco Cossúcio Macrino presenteou com ele os confrades (devotos) dos [deuses] Lares de Mália e Malíolo.

[2]

No adro ou na parede da igreja (?) de São Tiago, ao pé da cruz que estava no adro:

ASCLEP[I]O  
C(aius) LICINI[us]  
DECIMI[anus?]

(Silva, 1944: nº 73)

<sup>v</sup> Cf. nota III.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

= A Esculápio. Caio Licínio Decimiano (?)

[erigiu esta memória]?

**NB.** As duas inscrições atrás referidas (n.ºs. 31 e 73 de Vieira da Silva) deviam pertencer às Termas dos Cássios, onde deveriam ter estado em nichos ou edículas. Foram depois soterradas nas estruturas do palácio do Conde de Penafiel (Rua das Pretas).

[3]

Existe ainda uma lápide grande, de mármore, dedicada a Esculápio, mandada gravar por dois augustais, de origem grega, e por eles oferecida ao município olisiponense. Foi encontrada em 1770, nas Termas dos Augustais, quando se faziam as escavações para a construção dos prédios n.ºs. 63 a 77 e 79 a 91 da Rua dos Retroseiros, e n.ºs. 53 a 65 da Rua da Prata. Estes prédios assentam sobre as “Termas”, devendo o cipo ter estado num nicho, edícula, ou recinto sagrado, no interior do edifício. Foi levada em 1915 para o Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, em Belém, onde se encontra.

Dimensões: 0,74m de altura x 0,72m de largura x cerca de 0,54m de espessura.

SACRVM AESCVLAPIO . M(arcus)  
AFRANIVS EVPORIO ET L(ucius)  
FABIVS DAPHNV(s) AVG(ustales)  
MVNICIPIO D(ono) D(ederunt)

(Silva, 1944: n.º 103)

=Monumento consagrado a Esculápio.  
Os augustais Marco Afrânio Euporião  
E Lúcio Fábio Dafno deram (este  
Monumento) ao Município.

Bibliografia:

SILVA, Vieira da – *Epigrafia...*, n.ºs. 31, 73, 103, pp. 131-132, 181-182, 212-218.

VASCONCELOS, Leite de – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: 1913, Tomo 3, pp. 263 e 477.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

### 3.4 ARA DEDICADA À DEUSA CONCÓRDIA

A ara foi encontrada perto da antiga e desaparecida igreja de São Mamede, na actual Rua de São Mamede ao Caldas. Está embebida na parede do prédio que faz esquina da Travessa do Almada para o Largo da Madalena.

Diz:

Concordiae Sacrum. M(arcus) Baebius, M(arci)  
F(ilius) M(uniceps) M(unicipii) Felic(itatis) Jul(iae)

Dat.

= Monumento à [deusa] Concórdia. Marco Bébio,  
filho de Marco, munícipe de  
Felicidade Júlia, doa [este monumento].

Bibliografia:

SILVA, Vieira da – *Epigrafia...*, nº 24, pp. 118-119.

CUNHA, D. Rodrigo da – *Historia Ecclesiastica...*, fl. 16v., Parte I, cap. 17, nº 15.

### 3.5 TEMPLO ROMANO DEDICADO A AUGUSTO OU A ROMA

No local onde actualmente se ergue a Sé de Lisboa, existiu provavelmente um templo romano dedicado a Augusto, ou a Roma: a Sé de Lisboa “assinala o local onde terá existido (...) até, muito provavelmente, um primitivo templo romano dedicado a Augusto ou a Roma” (Silva, 1973: 39)

Note-se a persistência da tradição religiosa local. Depois de templo romano, deve ter sido sé episcopal no período cristão romano e visigótico; durante a ocupação moura, foi ali a mesquita-mor do aglomerado islâmico; depois da reconquista cristã, tem sido ininterruptamente a Sé episcopal, arquiepiscopal e patriarcal, de Lisboa<sup>VI</sup>.

Bibliografia:

SILVA, Jorge Henriques Pais da – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Lisboa: 1973, vol. 5º, Tomo 1º p. 39.

<sup>VI</sup> O fórum que tudo indica ter-se erguido na plataforma artificial onde está construída a actual Sé de Lisboa comportaria naturalmente um pequeno templo imperial (ao Imperador, à Tríade Capitolina ou à “Dea Roma”) e naturalmente, como é comum aos “fora” romanos, uma “basílica” (tribunal e mercado), utilizada como local de culto em época cristã. Cf. Matos, 2007: 85 e ss. (com destaque para a nota 1 da p. 86).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

### 3.6 CULTO DA DEUSA NABIA OU NAVIA

Nos arredores de Olisipo, na margem esquerda da Ribeira ou Vale de Alcântara, aproximadamente na baixa da ermida do Senhor Jesus dos Triunfos, teria havido culto a uma deusa romana (ou deusa indígena romanizada) das Fontes ou dos Rios: *Nabia* ou *Navia*. Ainda ali subsiste uma propriedade chamada *Horta Navia*, que já é citada nas *Inquirições* do reinado de D. Afonso II ou III (século XIII), na qual um abundante jorro de água brota de uma mina proveniente do morro dos Prazeres (vd. A. Vieira da Silva).

A deusa Nabia ou Navia era uma deusa aquática, ou divindade de fonte. Várias inscrições, todas dentro dos limites da antiga Lusitânia, mencionam o nome dessa deusa. Vd. Vasconcelos, 1981: vol. 2, 277-281; *Idem*, 1981: vol. 3, 202-207 [a 1ª edição é de 1905]<sup>VII</sup>.

### 3.7 TEMPLO DO SOL

“Auctores antigos e dignos de fé sustentam que os romanos fundaram próximo ao Tejo um templo dedicado ao Sol (ou a Apollo, que é o mesmo). Ignoramos em qual das margens do rio existiu (se existiu) este templo; porém não poucos escriptores acreditam que era no sítio onde hoje está a Sé patriarchal, e que sobre as suas ruínas edificaram os arabes a sua *mesquita-maior*, que mais tarde foi purificada e convertida em igreja christan.

Miguel Leitão de Andrade, na sua *Miscellanea*, que se publicou em 1629, diz que o templo d’Apollo tinha um grande zimborio cercado por uma monstruosa serpente, symbolizando a serpente *Python*, que aquelle deus mythologico motou às séttagas, e por isso foi chamado *Pythio* (1).

É certo que o nosso bem conhecido antiquário e botânico distincto, o abbade José Francisco Correia da Serra achou na Sé algumas inscrições romanas que levavam a acreditar terem pertencido a um templo do Sol, e que o cónego Antonio José da Cruz, que dirigiu as obras da reedificações da Sé de Lisboa, depois do terramoto de 1755, commeteu o vandalismo de mandar metter nos alicerces aquellas lapides. É também certo, que por baixo da actual Sé havia (como em todos os templos gentilicos) um vasto – e até insondável – subterrâneo, que foi descoberto pelo terramoto de 1755, quando desabou a torre do Sul, e que estava em perfeito estado de conservação, posto se lhe não achasse o fim. Foi entulhado em 1776. Plácido Rodrigues Velho, então reitor da Sé; fez d’isto assento no livro das suas memorias.

Nas columna lateraes da porta principal d’este templo, que ainda existem, e nos capiteis, se não vê vestigio algum que denote pertencerem a mesquita mourisca, ou terem sido feitas para templo christão; antes levam a crêr que foram de templo idolatra.

Da parte direita da entrada, está uma mulher com duas creanças, que se imagina ser Leda, com seus dois filhos, Castor e Pollux – um génio com quatro asas, entre dois delphins (os de Amphitrite, mulher de Neptuno). – Da parte esquerda – uma mulher coroada, entre dois ornatos, que parecem ser formados de espigas, e se julga ser Ceres, – Hércules, sobre o leão, armado de clava, um touro, que uma mulher cavalga, e é a figura d’Europa que Júpter

<sup>VII</sup> Cf. nota IV.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

roubou, transformado em touro. É verdade que tudo isto podia vir do templo d’Apollo, que houve no Cabo da Roca, em baixo, junto aos rochedos, dos quaes ainda existiam vestígios e inscrições do tempo do nosso antiquário André de Rezende; mas é mais provável que pertencessem a outro templo, que existisse no mesmo lugar”.

(1) Segundo a mythologia, *Python* era um reptil monstruosissimo, formado do lodo que ficou sobre a terra depois do diluvio, a pelle d’esta serpente serviu depois para cobrir a *cortina*, (tripode ou tripeça) sobre que a sacerdotisa de Apollo, no templo de Delphos, dava os seus oráculos, e por cuja circumstancia se lhe dava o nome de *pythonissa*...

Extraído de LEAL, 1873: vol. 4, 360-361.

### 3.8 OUTROS DEUSES ROMANOS COM CULTO EM OLISIPO<sup>VIII</sup>

As lápides romanas olisiponenses que subsistem, ou de que temos notícia, dão-nos conhecimento do culto religioso prestado a diversas divindades romanas, às quais se dedicavam ex-votos, ou se erguiam templos, edículas, ou aras, ou cipos.

Temos referências a cerca de 15 divindades (pelo menos). São elas, além das que foram mencionadas atrás (*Cibele, Thétis, Concórdia, Esculápio*...):

*Apolo* (Rua das Canastras; 101).

*Coarânio de Niceia* (em São Paulo; 121).

*Júpiter* (São Vicente de Fora; 81).

*Júpiter Ótimo Máximo* (local indeterminado; 127).

*Diana* (Castelo; 1).

*Saturno* (ao Capo Grande; 115).

*Mercúrio* (à Madalena; 27).

*Mercúrio Augusto* (à Porta do Sol; 78).

*Mercúrio Thorial* (Castelo; 2).

*Deuses Lares* (Porta de Ferro; 31).

*Deuses do Mar* (São Nicolau; 104).

*Deuses Manes, ou dos Infernos* (numerosas lápides).

<sup>VIII</sup> Duas estátuas de Baco ou Sileno foram encontradas em 1789 no Teatro Romano de Lisboa. Uma delas está depositada no Museu Nacional de Arqueologia e outra, muito semelhante à primeira está no Museu da Cidade. “Sileno, a figura mítica que educou Baco ou Diónisos, ele próprio identificado com Baco envelhecido, embriagado e adormecido junto do odre de vinho, deitado sobre a pele de lobo ou pantera, animais relacionados com os cultos báquicos ou dionisiacos” (Matos, 1995: 52). As estátuas presidiam no teatro às cerimónias do culto a Diónisos e aos espectáculos teatrais possuindo caracter acentuadamente religioso (Matos, 2007: 86, nota 1). É talvez de época romana a estátua de um Sátiro (figura ligada ao culto dionisiaco) depositada no “Museu da Cidade” em Lisboa (Vasconcelos, 1913: vol. III, p. 243).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Conservam-se nomes de vários sacerdotes de culto pagão, tanto masculinos como femininos:

- vários *augustais* (8, 11, 70, 71, 74, 78, 101, 103). Eram os encarregados do culto de Augusto<sup>IX</sup>.
- um *flâmine* (41).
- duas *flamínias* (36, 83).
- uma *cernéfora* (25). Era encarregada dos vasos sagrados.
- dois devotos dos deuses Lares (31)

Vieira da Silva, *Epigrafia...*

Os n.ºs. indicam a classificação das lápides pelo autor citado, e os locais onde as lápides foram encontradas.

<sup>IX</sup> Cf. nota II.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

### III. TEMPLO ROMANO DAS VESTAIS EM CHELAS?

Uma tradição refere que, no tempo do domínio romano, havia em Chelas, no sítio onde posteriormente se ergueu o Mosteiro de São Félix, um templo dedicado a Vesta, e, por conseguinte, habitado e servido por virgens vestais [ver subcapítulo III.1].

Nesta tradição se enxertou a lenda do famoso herói grego Aquiles na casa das vestais, disfarçado de mulher; aqui o teria vindo descobrir o astuto Ulisses que o levaria consigo para a guerra de Tróia.

Não temos documentos que nos permitam detectar essa tradição, anteriormente ao século XVI. A lenda já é registada por D. Francisco de Monçon, que escreveu no tempo do rei D. João III, segundo Marinho de Azevedo (*Fundação, Antiguidades e Grandezas da mui insigne cidade de Lisboa e seus varões ilustres...*, 1753: III, 1, 1-4). Esta obra, escrita entre 1636 e 1640, foi editada em Lisboa no ano de 1652 (1ª ed.) e 1753 (2ª ed.).

A lenda ou tradição ficou memorada numa inscrição mandada esculpir pelo arcebispo D. Miguel de Castro, por ocasião das obras de reedificação executadas no Mosteiro de São Félix de Chelas em 1604. A inscrição foi colocada superiormente ao altar dedicado a Santo Adrião, que está do lado da epístola. Diz assim a referida inscrição:

ESTE CONUENTO HE DE CONEGAS REGRANTES DE  
S. AUGOSTINHO, POR ESCRIPTURAS ANTIQVISSIMAS. FOI CAZA  
DE UESTAES ANTES DA UINDA DE CHRISTO N. S. O Q SE  
UÊ PELLOS UESTIGIOS DAS PEDRAS Q ESTAÕ NA CLAVSTRA  
UELHA POR. O. CIPO DE IULIA FLAMINEA, E ARA DAS UES=  
TAES, CÕ O BURACO DA URNA DO IGNE PERPETUO. ASSIM  
Q SE ACHA SER REEDIFICADA ESTA CAPELLA QVATRO  
UEZES; HUMA EM TEMPO DAS UESTAES, OUTRA NA PRI=  
MITTUA IGREIA DE HESPANHA, E DUAS DEPOIS.

A inscrição supra extraímo-la de Borges de Figueiredo (1890: 6), que esclarece:

“A inscrição posta por D. Miguel de Castro superiormente ao altar tem muitas letras conjuntas, pelo que preferi dar aqui, por conveniência typographica, a transcrição que se encontra na parede, junto do altar, e do lado da [epístola?]. Segue-se, na mesma capella, a dedicação do altar em latim. Essa transcrição foi feita sem dúvida por ocasião dos reparos que houve a executar no mosteiro logo depois do terremoto de 1775, a que allude o Sr. V. Barbosa (1864: 375)”.

Esta inscrição é mencionada por todos os autores. D. Rodrigo da Cunha, contemporâneo a bem dizer, dá-a com pequenas variantes.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A lápide é peremptória: “Foi a casa das Vestais antes da vinda de Cristo N. S.”. Mas a opinião não era unanimemente aceite. D. Rodrigo da Cunha revela-nos que no seu tempo havia quem duvidasse: “aprovando uns, reprovando outros, o que em uma pedra ali se mandou entalhar” (Cunha, 1642: fl. 146v). E cita a oposição do Padre Frei Luís de Sousa (Cacegas, 1868: I, 121), embora não se solidarize com essa oposição.

A afirmação peremptória proclamada pela referida inscrição de 1604 diz, pois, “ser o mosteiro de Chelas casa de virgens vestais, antes da vinda de Cristo”; disso não duvida a pedra (Cunha, 1642: fl. 148 v).

Poderia suscitar-se a dúvida sobre se consentiriam as leis e ritos romanos que houvesse virgens vestais fora de Roma. Parece-nos não ser impossível que as houvesse [ver subcapítulo III.2].

O problema essencial é saber em que se fundamentava a tal pedra? “O que se vê pelos vestígios das pedras que estão na claustra velha, por o cipo de Júlia Flaminia, e [pela] ara das Vestais com o buraco da urna do igne perpetuo” (Figueiredo, 1890: 6)<sup>x</sup>.

Um inventário exaustivo dos “vestígios das pedras” dá os seguintes resultados: vestígios que foram directamente interpretados a favor da existência da casa das vestais são cinco:

- lápide e inscrição do chamado “cipo de Júlia Flaminia”;
- a “ara das vestais, com o buraco da urna do igne perpetuo”;
- painel de mármore com seis figuras humanas de joelhos;
- o “friso da tampa de um sarcófago”;
- uma lápide mencionando a “era de 300”...

Da análise destes cinco vestígios não resulta uma certeza evidente acerca da tese das vestais [ver subcapítulo III.3].

Todavia, esses cinco vestígios, e mais algumas lápides funerárias [ver subcapítulo III.4], assim como alguns outros dados arqueológicos [ver subcapítulo III.5], forçam-nos a concluir, *como mínimo*, que houve ali em Chelas “algum edifício importante durante o domínio romano” (Silva, 1944: 67).

A propósito do hipotético templo das Vestais em Chelas, é de referir a bela lenda da estadia de Aquiles no meio delas, romance tardiamente entrado no “ciclo de Aquiles” [ver subcapítulo III.6].

<sup>x</sup> As lendas de Aquiles e das Vestais em Chelas não resistem a uma análise histórica e arqueológica minimamente exigente, dada a improbabilidade de o herói grego ter vindo até à Península e às especificidades do culto autêntico de Vesta, um (quase) exclusivo do templo da deusa em Roma. Questão bem diferente é a existência de um grande edifício ou de uma Villa agrária romana em Chelas, que, dados os indícios mencionados por Felicidade Alves, poderia ter sido um mosteiro cristão primitivo, de época tardo-romana.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Em nota, além de mais amplas informações, damos um quadro sinóptico dos “vestígio arqueológicos” [ver subcapítulo III.7] e algumas referências bibliográficas [ver subcapítulo III.8].

## 1. NOTA SOBRE AS VESTAIS EM ROMA

Antes de mais, uma palavra para explicar sucintamente *qual a origem das vestais, suas funções e privilégios*. Em vez de criarmos prosa original, oiçamos D. Rodrigo da Cunha (1642: fls. 148v a 149v), em versão modernizada.

“As Vestais receberam o nome de VESTA [que corresponde à deusa do lar helénica, Héstia]: assim se chamava uma filha de Saturno e de Rhea. Vesta teve por irmãs mais novas Ceres e Juno, por irmãos Júpiter, Plutão e Neptuno (Ovídio chama a Vesta a mais moça das suas irmãs).

Com Vesta relacionam alguns autores, ora o fogo, ora a terra; mais frequentemente o fogo. E nesta significação é que deu o nome às Vestais (como diremos a seguir).

Tróia foi a primeira cidade em que saibamos foi Vesta adorada; daí, com Eneias, passou a Itália e teve templo em Lavínio, em Alba Longa e finalmente em Roma (todavia, Prudêncio duvida qual das duas cidades, Tróia ou Atenas, lhe ergueu o primeiro templo).

O primeiro que em Roma lhe edificou templo e meteu naquela cidade a cerimónia e o culto do fogo foi Numa Pompílio (c. 715 – c. 672 a. C.), rei lendário de Roma, sucessor de Rómulo. Numa Pompílio não lhe deu a forma dos demais templos, mas sim a forma redonda: alusão à figura da terra e à esfera do fogo; e colocou esse templo quase no meio da cidade, a igual distância do capitólio e do paço real. Com severíssimas leis se proibia que entrassem homens no mais interior dele, onde o fogo se guardava. Nem se concedia que nele houvesse qualquer figuração de outros deuses ou deusas, nem sequer da própria mãe Ceres que por outros lugares retratavam em várias formas, em especial com uma facha [ou facho] de fogo na mão esquerda e uma taça na mão direita, e esta letra Vesta populi romani quiritium. Na taça faziam alusão aos sacrifícios, no fogo ao nome de Vesta e fogo perpétuo, com que a veneravam.

As Vestais eram as servidoras (ou sacerdotisas) de Vesta. Por servirem a uma deusa que sempre guardara perpétua castidade, além de significar o fogo de que nada se gera, era necessário que elas fossem virgens. Tomavam-se para este mistério meninas de idade não inferior a seis anos nem superior a dez. Primeiro, Numa Pompílio escolheu e deputou quatro; subiu depois para seis, ou Tarquínio Prisco (o 5º rei de Roma, que teria governado de 616 a 579 a. C.), ou Sêrvio Túlio (6º rei, século VI a. C.). Deste número não passaram (segundo uns); enquanto outros afirmam terem chegado até vinte.

Eram oferecidas ao Pontífice máximo pelos pais; ou então ele as escolhia, na falta de oferta voluntária, seleccionando de toda a cidade vinte, de entre as quais se tirava à sorte uma. Assim, a escolha ficava mais sem suspeita, e era mais facilmente aceite quer pela sorteada quer pelos pais (que nem sempre davam as filhas de boa vontade para este ministério).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

As qualidades que nas escolhidas se requeriam eram de sangue: que não fossem filhas de gente que servisse na república ofícios baixos, nem tivesse sido alguma vez escravo; e eram também da pessoa: que não tivesse doença alguma contagiosa, falta de algum membro principal, ou deformidade, ou mostrasse já naquela idade inclinação a vícios que desaconselhassem a escolha. Em suma, faziam-se nela grandes exames pelo Pontífice máximo, e então, ou era aceite quando oferecida, ou era metida em sortes quando por esta via se procedia.

As suas ocupações e particular missão e consagração consistiam em vigiar e alimentar o fogo, para que sem interrupção ardesse de noite e de dia, fornecer-lhe lenha, ter em custódia o Paládio, isto é, a imagem de Pallas, de cuja conservação se persuadiam dependia a duração do império romano.

Permaneciam neste ofício trinta anos inteiros. Terminados estes, podiam ou ficar na mesma ocupação, ou deixá-la para se casarem ou tomar qualquer outra vida que melhor lhes parecesse.

A mais antiga delas chamava-se Virgo Maxima, não pela superintendência ou superioridade sobre as outras, mas por ter mais anos ao serviço da deusa.

Para que com mais cuidado atendessem a estas suas obrigações eram continuamente vigiadas e castigadas, se nelas faltavam, particularmente na guarda da virgindade: a sua perda custava-lhes a vida, com a morte infame que lhes aplicavam, enterrando-as vivas, com grande afronta sua e de seus parentes.

Por outra parte, honravam-nas com extraordinários privilégios. Os principais foram poder herdar ainda em vida de seus pais; andar em cadeira pela cidade, em liteira ou carroça; levar diante de si algum ministro de justiça que as acompanhasse; não poder, no coche ou liteira de que se serviam, entrar outra pessoa, sob pena de morte; ficar livre de todo o género de pena o réu que ia ser justicado, que com elas se encontrasse no caminho, sendo o encontro casual e não propositado, para o que bastava a palavra dela sem algum outro juramento quando ela não o quisesse tomar. Viviam (ao que parece) numa pequena comunidade: seria esta o primeiro convento feminino conhecido...

As Vestais traziam umas certas fitas sobre a cabeça, que nenhuma das outras matronas podiam trazer. Vestiam púrpura, da mesma maneira que os magistrados maiores. Eram sustentadas pelo público, além das rendas particulares que cada uma tinha e dos donativos que recebiam dos príncipes e do Senado Romano. Nos teatros era-lhes designado lugar eminente, defronte do pretor, donde viam os jogos públicos. Nas causas criminais podiam interpor sua valia diante dos magistrados em favor dos culpados; de ordinário, pelo respeito com que eram tratadas, alcançavam o que pretendiam.

Subsistiram no império romano, desde a fundação de Roma e tempos de Numa Pompílio até ao 16º ano do império de Teodósio, o Grande (346-395), ou seja, até ao ano 394".

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 2. VEROSIMILHANÇA DA EXISTÊNCIA DE VESTAIS FORA DE ROMA

Sobre a *verosimilhança da existência de um templo de vestais fora de Roma*, objecção das mais fortes oposta pelos que contestavam o teor da inscrição, é interessante e flexível a posição de D. Rodrigo da Cunha (1642: fl. 150):

Pode levantar-se a dúvida sobre se consentiriam as leis e ritos romanos que houvesse virgens vestais fora de Roma.

Sabemos que as houve em Tróia, em Lavínio, em Alba Longa, antes de fundada Roma.

Parece não subsistir dúvidas de que as houve noutras partes da Ásia e da Europa. Tertuliano nos assegura que existiam na Acaia: animando com este exemplo as donzelas cristãs a sacrificarem a sua pureza a Deus, pois em Acaia o faziam muitas gentias a Vesta e a Juno, em Delfos a Minerva, a Diana e Apolo. O mesmo se via em Atenas.

O conservar-se o fogo perpétuo, ou por sacerdotes, ou por mulheres honestas, desobrigadas das leis do matrimónio, é referência mais que vulgar nas histórias humanas entre os Caldeus, Egípcios, Medos, Assírios, Persas... O livro do Levítico (VI, 12) diz: *Ignis in altari semper ardebit, quem nutriet sacerdos*.

D. Rodrigo da Cunha (1642: fl. 150) conclui: E deste género de Vestais poderiam ser as de Chelas. “Se as não houve com perfeição, e com os privilégios e prerrogativas dos Romanos, as houve como arremedadas”. O referido arcebispo de Lisboa é levado a esta conclusão, impressionado favoravelmente pelos vestígios das pedras: “...segundo os argumentos que disso alega a pedra, e na realidade se acharam e se conservam ainda naquele mosteiro” (ib).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

### 3. VESTÍGIOS INTERPRETADOS A FAVOR DA CASA DE VESTAIS EM CHELAS

#### 3.1 LÁPIDE E INSCRIÇÃO DO CHAMADO "CIPO DE JÚLIA FLAMÍNEA" [MUSEU DO CARMO]

É o mais importante documento lapidar ou epigráfico a que se refere a inscrição de 1604, atrás referida.

A lápide foi encontrada nas ruínas da parede do altar-mor da igreja do Mosteiro de Chelas em 23 de Junho de 1603; estava enterrada a pouca profundidade, cobrindo uma sepultura, que os trabalhadores por ignorância destruíram. A priorosa, D. Luísa de Noronha, salvou a lápide. Foi mudada depois para o muro do quintal da sacristia, da banda da capela-mor da igreja. No fim do século XIX – mais precisamente em Junho de 1893 – foi levada para o Museu do Carmo, onde se conserva.

As suas dimensões são: 1,08m de altura; 0,535m de largura; 0,27m, aproximadamente, de espessura. A lápide está partida, faltando-lhe algumas letras. Azevedo (1753: II, 6, 19) notava que alguns curiosos leram determinadas letras, “posto que agora [1640...] se não lêem tão claramente”. Os caracteres são romanos e com abreviaturas.

O que aparece à vista é o seguinte:

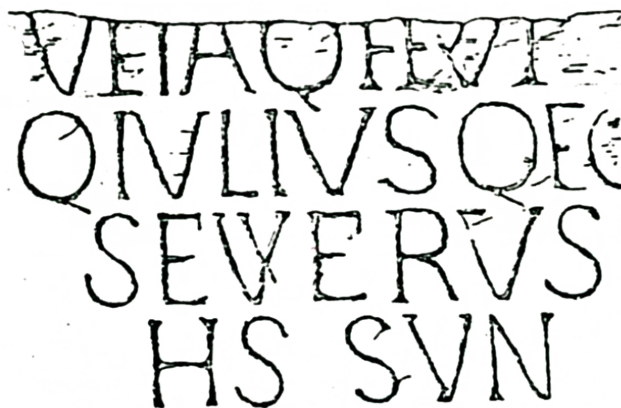


Fig. 1 - Cipo de Júlia Flamínea, reprodução em Barbosa (1864: 380).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Que parece dar as letras seguintes:

...VLIA QFFVI...  
QIVLIVS QFC  
SEVERVS  
HS SVN...

A inscrição está registada no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, 290; e é o nº 88 da *Epigrafia de Olisipo*, de A. Vieira da Silva.

O problema reside na leitura e interpretação daquelas letras.

a) A leitura que logo foi feita por “alguns curiosos” (Azevedo, 1753: II, 6, 19), e que está na base da tese do “cippo da Vestal Júlia Flamínea”, é como se segue:

[J]VLIA Q[uinti] F[ilia] F[lamen] V[estalis] I[ulii]  
Q[uintus] IVLIVS Q[uinti] F[ilius] C[aius]  
SEVERVS  
H[ic] S[epulti] SVN[t]

ou seja:

Aqui estão sepultados: Júlia Flamínea, Vestal,  
Filha de Quinto Júlio, e Quinto Júlio Caio Severo,  
Filho de Quinto Júlio.

Seria, pois, a sepultura de dois irmãos, filhos de um Quinto Júlio: uma, Júlia Flamínea, Vestal; outro, Quinto Júlio Caio Severo.

Esta leitura “foy a que deu ocasião para escreverse sobre o altar de Santo Adrião, que era cippo de Júlia Flamínea...” (Azevedo, 1753: II, 6, 19).

Ficou assim reforçada a lenda de ter havido em Chelas um colégio de Vestais, lenda essa que vinha (pelo menos) de D. Francisco de Monçon, que escrevera no tempo de D. João III (Azevedo, 1753: II, 1, 3).

b) No fim do século XIX, Borges de Figueiredo tenta outra leitura. Para ele, “as últimas letras da primeira linha, únicas que nunca foram bem lidas, são indubitavelmente F V N; a pedra partiu pela haste do N parecendo esta letra um I a olhos inexperientes; mas qualquer que examinar a pedra, reconhecerá claramente o que fica apontado” (Figueiredo, 1890: 8).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

c) Vieira da Silva aceita a leitura de Borges de Figueiredo, mas põe uma interrogação (Silva, 1944: nº 88). A leitura seria, pois, a seguinte:

[J]VLIA Q[uinti] F[ilia] FV[ndana?]  
 Q[uintus] IVLIVS Q[uinti] F[ilius] G[aleria] [tribu]  
 SEVERVS  
 H[ic] S[epulti] SVNT

... De F(lamen) V(estalis) para FV(ndana?), o salto é de tomo! Terá sido dada a última palavra?

### 3.2 A “ARA DAS VESTAIS, COM O BURACO DA URNA DO FOGO PERPÉTUO” [†]

Outro documento lapidar, a que a inscrição de 1604 faz referência. Marinho de Azevedo descreve-a assim (1753: II, 5, 17):

“Conservão-se hoje algumas pedras no Convento de Chéllas, já gastadas, e consumidas com a grande antiguidade; ...em hua parede da claustra velha, se conserva huma pedra quadrada de alabastro finissimo, já muy gastada, a qual vista, e notada attentamente pelo Doutor Fernão Sardinha do Couto, Medico deste Convento (pessoa bem conhecida nesta Cidade por suas lettras) affirma ter no meyo um buraco ovado, e quatro pequenos nos cantos, que se pôde conjecturar, serem encaixes de véllas, ou candieiros. A esta pedra chãmo as Religiosas a urna do fogo Vestal, o qual ardendo em alguma materia, que ficava dentro do buraco ovado, cahião as cinzas na parte baixa, e interior das bases, ou meya pyramide, em que a pedra se encaixava, na fôrma, que demonstrão algumas moedas Romanas de ouro, prata, e metal, que traz estampadas Justo Lipsio nos capítulos quinto, e decimo do livro de Vesta”.

Coelho Gasco (1924: fls. 40r-40v) nada mais diz.

Vilhena Barbosa (1864: 379) escreve:

“As pedras de que fallam as duas outras inscrições, e que se acham no claustro velho, são as seguintes: Uma pedra quadrada de alabastro, com um buraco oval no meio, e quatro mais pequenos nos cantos. É a que dizem ser a ara do fogo perpetuo”.

Donde se infere que a pedra ainda existia em 1864.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Todavia, Borges de Figueiredo (1890: 7) confessa que “por mais pesquisas que ultimamente fiz no mosteiro, não pude encontrar esta pedra, nem notícia d’ella”. E acrescenta algo que é inquietante:

“O que desde uns doze ou quatorze annos alli existe, como sendo, segundo a tradição, o objecto que as freiras chamavam *ara das vestaes*, é uma pedra quasi quadrada, com uma larga cavidade rectangular d’um lado e arredondada do outro, e com um só orifício da banda semi circular. É uma simples pia de esgoto, evidentemente destinada a ser embutida na parede por quatro lados, contado o inferior. O que é provável é ter sido talhada essa pia numa antiga peça de cantaria que servira a outro uso que eu não posso determinar”.

Ainda existirá a pedra?

Mas... como se chegou à afirmação de que era a urna do fogo vestal?

Desde quando as religiosas lhe chamavam assim? No tempo de Azevedo chamavam...

Borges de Figueiredo avança hipóteses (1890: 31-32):

“A chamada *ara das vestaes*, que, segundo já vimos (p. 7), tinha *um buraco oval no meio e quatro mais pequenos nos cantos*, e de que não encontrei o mais pequeno vestígio, foi provavelmente um monumento romano”

Eis, segundo as descrições, qual a disposição das cavidades ou orifícios:

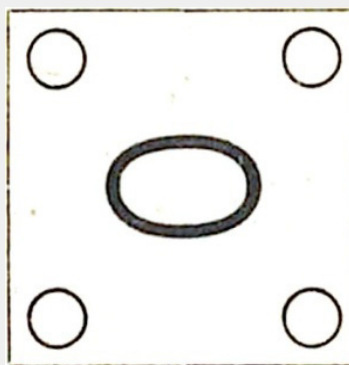


Fig. 2

Pode optar-se por que a pedra fosse effectivamente a parte superior dum altar domestico, a *ara impluvii* com a sua competente cavidade (*focus, foculus*) onde se accendia o fogo e se consumiam as offertas. As cavidades pequenas nos cantos seriam acaso destinadas a receber

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

as extremidades de hastes que sustinham figuras de divindades? Lembro-me de que li ou ouvi esta hypothese, sem poder dizer onde nem quando, com referência às aras de Panoias.

Mas não é também despropositada á hypothese, que a pedra fosse a parte superior d'um monumento funebre; o buraco oval seria a cavidade do cippo destinada a conter as cinzas; e os quatro pequenos buracos dos angulos seriam feitos com o fim de nelles se collocarem outras tantas pequenas urnas funerarias.

Poderia até ser uma simples *mensa* funeraria, que tinha ao centro um orificio, por onde se lançavam perfumes no interior da sepultura.

Não tendo visto o monumento, apresento estas três hypotheses, sem ter motivos para preferir nenhuma d'ellas, mas notando que a última é a menos acceitavel”<sup>XI</sup>.

### 3.3 PAINEL DE MÁRMORE COM SEIS FIGURAS HUMANAS DE JOELHOS... [†]

Foi outro achado arqueológico feito durante a reedificação do Mosteiro em 1604, e que existia ainda em 1864 no mesmo lugar. Perdeu-se, entretanto, e já não foi visto por Borges de Figueiredo em 1890.

Não é assim possível, actualmente, examinar a qualidade da pedra, a idade da escultura, o assunto gravado. Registamos a descrição feita por vários autores.

Marinho de Azevedo (1753: II, 5, 17-18) diz:

“Acha-se mais na mesma parede da clastra velha huma taboa de marmore com follia-gens, e montaria por molduras, a qual parece obra Grega, e no vão della seis figuras de joelhos, com as mãos levantadas, e os rostos tão comidos, e gastados, que com certeza se não pode affirmar, se são homens, se mulheres: com também se não pode affirmar de outra, que se divisa em lugar alto com differente vestido, e parece estar sentada...”

Tem cada huma destas figuras vestido hum genero de manto, que as cobre: o qual, conforme a meu juizo, he o que os antigos chamavão *suffibulum*, como se colhe do mesmo Fésto, com o qual as Vestaes cobrião as cabeças quando sacrificávão; e os cabellos cortados, a modo de nossos antigos Portuguezes...

A figura, que parecia estar sentada na parte alta da pedra, não se poderá affirmar, que seja o Pontifice Maximo, porque se lhe não divizão as feições do rosto... O que parece mais conforme á boa razão, he ser a figura da cadeira alguma Flaminea, ou Prelada das nossas Vestaes”.

<sup>XI</sup> É hoje consensual entre os especialistas que a tradição da existência do templo das vestais em Chelas resultou de uma errada interpretação do cipo de Júlia Flaminia o que provocou a errada interpretação do significado da ara das vestais.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Coelho Gasco (1924: fls. 41v-42r) descreve:

“Nas claustras velhas deste nosso antiquissimo mosteiro, está huã formosa taboa de fino marmore, obra Grega, excellentemente esculpida, onde estão alguãs uirgêns uestaes de releuo, com habitos ecclesiasticos, e rosagantes, a quem os Latinos chamarão *suffibula*, que vem a m.<sup>o</sup> corresponder com o habito do glorioso Padre Sam Bernardo: estão com os cabellos tosquiados, e huã dellas está de ioelhos, emcostada em hũ menino, com as mãos leuantadas. E logo, iunto della, está hũ uenerando sacerdote gentio, uestido ao modo, de q se pinta Jupiter, assentado, em hũa cadeira alta: algũas destas Vestaes estam lendo por liuros, e cada hũa metida em hum marco”.

Quanto a Vilhena Barbosa (1864: 379-380):

“Uma lapida grande de marmore, em fôrma de painel, fazendo-lhe moldura caçadas de diferentes animaes, ornadas e entremeadas de folhagens, em bem acabado releuo. No centro tem seis figuras humanas de joelhos, com as mãos erguidas; e em logar mais alto outra figura que mostra estar sentada. Trajam vestidos talaes, mas tem os rostos gastos de modo que se não distinguem feições. Poderão representar vestaes adorando a sua divindade, ou em qualquer cerimonia do seu rito, diante da sua companheira mais velha e superiora, que se intitulava *Virgo Maxima*. Porém, seja o que for que representem, é, sem questão, uma esculpura de arte romana”.

Será?

Borges de Figueiredo (1890: 37) arrisca uma conjectura:

“As attitudes das figuras *de joelhos e com as mãos erguidas*, segundo uns, ou lendo por livros e cada huma mettida em hum marco (*léde*: nicho), segundo outro; o terem *os cabellos tosquiados*, e o *trajo muito semelhante ao habito de S. Bernardo*, tudo isso parece indicar um monumento christão. Além d’isso havia tambem, conforme notou Gasco, um menino com as mãos erguidas. Ora, como já adverti, as mulheres devotas de Lisboa costumavam levar as creanças em romaria a S. Felix; e assim, approximando factos, é admissivel ser a lapide um *ex voto* mandado executar por alguma pessoa em reconhecimento da cura milagrosa d’uma creança. O baixo-releuo representaria, pois, ao centro a imagem de S. Felix, e ante esta, a mãe em attitude de supplica apresentando a creança ao sancto; as restantes figuras seriam de algu-mas freiras que se interessavam pela cura, e oravam para conseguil-a.”

Conjectura...

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

### 3.4 O “FRISO DA TAMPA DE UM SARCÓFAGO”

[MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA]

É outro documento importante. A ele se referia provavelmente Marinho de Azevedo (1753: II, 6, 20) nas seguintes palavras: “Acharão-se mais no claustro velho deste Convento em algumas colunas de diferentes pedras, entalhadas de relevo as figuras de Pallas, Minerva, e outros ídolos da cega gentilidade”.

Já segundo Vilhena Barbosa (1864: 380):

“Indo do claustro velho para a cerca, vêem-se mais estas pedras: uma de marmore branco, no meio da qual está esculpida uma grande cara com um olho fechado. Outra do mesmo marmore com duas figuras, uma d’ellas sentada e a outra em pé, e no meio um pequeno rosto. Outra com quatro figuras, duas sentadas e duas em pé, tendo cada uma d’aquellas seu livro na mão, e caíndo-lhe dos hombros comprido manto. Do centro da pedra resalta uma grande cara”.

Borges de Figueiredo (1890: 12), por sua vez, informa-nos que

“Por ocasião da *Exposição retrospectiva da arte ornamental* em Lisboa, no anno de 1882, foi o monumento emprestado para nella figurar. O respectivo catálogo menciona-o da maneira seguinte: ‘25, Baixo-relevo em marmore branco. Obra romana, Comprimento 2<sup>m</sup>,13; altura 0<sup>m</sup>,29. Estava em tres fragmentos nas paredes de um claustro, de onde veiu em 1881.

*Extinto convento de Chellas, Lisboa”.*

(vd. respectivo catálogo, p. 333)

O mesmo Borges de Figueiredo (1890: 12-15) faz uma descrição pormenorizada da peça, acompanhando uma estampa, reprodução fiel do monumento, declarando também que é obvio tratar-se da “parte anterior do friso da tampa de um rico sarcophago”:

“Ao centro do friso estava gravado o epitaphio, que brutalmente foi apagado de modo que nem uma só lettra se pode perceber. Dizer como, quando e por quem foi praticado o vandalismo não é coisa possível. Mas havendo margem para conjecturas, não deixarei de apresentar a que mais plausivel me parece, e é que o friso foi utilizado para servir de deanteira a uma banquetta de altar. As suas dimensões de comprimento e altura auxiliam esta hypothese, bem como em ajuda vem o facto de haverem mutilado em baixo o friso, fazendo desaparecer a parte inferior das pernas das figuras: o que visivelmente foi feito para mais facil adaptação do objecto a um espaço determinado. Se o baixo-relevo não houvesse sido applicado a um uso christão, não teriam obliterado a inscripção sepulcral, como o não fizeram à lápida de Julia Fundana, e ás outras que conservaram intactas. Serviu pois esta reliquia esculptural de deanteira de banquetta nalgum altar, e passou sem ser notada durante alguns annos mesmo por essa causa. Alli se encostavam as sacras; e as bellas figuras que o adornam passaram por effigies de santos ou bemaventurados. Numa occasião, porém, ao fazer-se modificação no altar, foi substituido na sua serventia e embutido em três porções na parede do claustro, onde estava já no tempo de Azevedo, se é effectivamente a este monumento que este auctor

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

se refere na passagem que ultimamente d'elle citei. Deixemos, porém, este ponto bem pouco importante afinal, e examinemos esta preciosa reliquia romana.

Nas duas extremidades do friso ostentam-se duas mascaras cómicas excellentemente trabalhadas; atravez dos olhos e boccas d'ambas ellas se vêem os olhos e boccas dos actores, que o artista cinzelou cuidadosa e habilmente. Este ornato das mascaras era muito usado em sarcophagos, como é sabido, e do que se encontram muitos exemplos na obra de Montfaucon e noutras muitas antigas e modernas.

Os baixos-relevos que se vêem dos dois lados do quadro que teve a inscripção são muito semelhantes; a mão do artista era habil, mas a sua imaginação pouco fertil; porque, embora pelo assumpto escolhido não houvesse excessiva facilidade em variar as scenas, salta logo aos olhos a repetição da disposição e attitudes das figuras. Examinemos os dois grupos.

Grupo da esquerda:

Thalia, a musa da comedia, bem caracterisada pela sua túnica (*χitón*) de pelles ao modo das bacchantes, e coberta com o *pallium* (*imótion*), que sustem com a mão esquerda, eleva na direita a mascara que lhe compete. Está de pé em attitude de colloquio com um homem barbado, e envolto em toga (*anaxolh*), o qual, sentado num *lectulus*, com as duas mãos segura e lhe mostra um volumen aberto.

Ao lado de Thalia, está a musa da tragedia, Melpomene, com a costumada *tunica talaris* (*citón ποδήρης*) de largas e altas prégas, cingida por um largo *cingulum* (*zónh*); a sua mão direita, que estava pendente segurando a massa, como é natural, desapareceu; a direita ergue a mascara tragica. Escuta, de pé, um homem barbado sentado num *lectulus*, com a toga descincta deixando o peito nú; o qual, com a mão esquerda aberta e descaída, e tocando no hombro da musa com a direita, parece fazer um rasgado gesto de persuasão.

Por detrás das figuras, uma cortina (*aulaeum*) forma o fundo do quadro.

Grupo da direita:

Polymnia, a musa da poesia sublime, de pé, encostada á sua característica columna, appoia a frente na mão direita e escuta attentamente um homem em quem desponta a calvicie e cujo rosto está completamente barbeado, ao inverso de todas as outras figuras masculinas. Está elle sentado numa dobradiça de pernas curvas (*sella curulis*), com a toga sustida no hombro esquerdo, ficando-lhe o peito e braço direitos completamente a descoberto; na mão esquerda tem um volumen meio desenrolado, e une a direita ao peito com um emphatico gesto de quem se exprime com convicção.

Segue-se Clio, a musa da historia, a qual está toda involta no *pallium*, e na sua costumada attitude meditativa: o cotovello direito firmado sobre a mão esquerda que segura um volumen, e a face encostada à mão direita. Parece attender um homem de rosto barbado, com a toga descaída do hombro direito ficando-lhe o braço e o peito a nú; está elle sentado num *lectulus* onde appoia a mão esquerda com um volumen, e ergue a mão direita com um gesto oratório.

Por detrás das figuras o *aulaeum*.

Todas as quatro musas tem ornada a frente com a dupla penna, conhecido tropheu da victoria alcançada pelas nove irmãs sobre as sereias (...)

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Tanto num como noutro grupo a acção está toda nos homens, as musas conservam uma impassibilidade que se concerta com a sua natureza. Parece que o artista quiz representar quatro poetas; mas quaes teve elle em mente figurar é o que eu não sei reconhecer, deixando a empreza a quem tiver para isso sagacidade. Demais a mais é difficil distinguir se o artista quiz representar poetas gregos se latinos”<sup>XII</sup>.



**Fig. 3** - Friso da tampa de um sarcófago de Chelas.

A peça que se encontra actualmente no Museu Nacional de Arqueologia apresenta uma reconstrução da base.

Após relacionar com este sarcófago dois outros, (um aparecido no Valado, próximo de Alfeizerão, nas proximidades de Alcobaça, hoje no Museu do Carmo em Lisboa; outro, encontrado no Monte-da-Azinheira, concelho de Vila-Nova-de Reguengos, distrito de Évora, e pertencente hoje ao Museu Municipal do Porto), notando entre o de Chelas e o que está no Porto grandes pontos de relação (a mesma pedra, mármore branco chamado de Estremoz; trabalho idêntico; figuras e trajos tratados da mesma sorte; etc.), conclui:

“O que é indubitável é ter sido mandado fazer por um personagem abastado e naturalmente importante” (Figueiredo, 1890: 15)<sup>XIII e XIV</sup>.

<sup>XII</sup> Este sarcófago tem uma leitura mais recente e parcialmente diversa da de Borges de Figueiredo que dada a sua complexidade e extensão não parece ser pertinente desenvolver aqui (Matos, 1995: 104-107, n.º 47).

<sup>XIII</sup> Existem outros sarcófagos com painéis em baixo-relevo no Museu Nacional de Arqueologia que não foram mencionados por Borges de Figueiredo, os chamados sarcófagos: da Vindima, do banquete, dos leões, dos trabalhos de Hércules (Matos, 1995: n.ºs 45, 46, 48 e 49).

<sup>XIV</sup> A estatuária do sarcófago dos Filósofos e Musas e de um modo geral os baixos-relevos funerários dos sarcófagos encontrados em Portugal constituem uma ponte entre as concepções religiosas ditas romanas ou helenísticas e a religião cristã: “o significado religioso das representações órficas e apolíneas de musas e filósofos remetem para um mais além, ou a felicidade além-túmulo. A sabedoria do defunto a quem se destinava o sarcófago afirma-se através da figuração das musas, companheiras de Apolo patronas de actividades culturais e inspiradoras de filósofos. O culto das musas é por isso penhor da felicidade além-túmulo e fundamento da salvação socrática e órfica” (Matos, 1995: 104). A simbólica utilizada nos relevos dos sarcófagos tardios descobertos na Lusitânia ocidental é aparentemente de tipo clássico: trabalhos de Hércules, musas, erotes, jardins e símbolos dionisíacos, leões funerários, “Tellus” (a Terra) e o Oceano, as estações, a caça e o banquete... Note-se que não é desvirtuado o sentido antigo dos símbolos, mas a simbólica do discurso figurativo transcende os anteriores significados. Aprofunda-se, nos séculos III e IV o entendimento órfico e platónico acerca do Mais Além, materializado, através da arte, na esperança da libertação dos infernos e consequente subida dos espíritos fúnebres até aos Campos Elisios para aí gozarem uma sobre-vida de Bem-Aventura.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

### 3.5 UMA LÁPIDE MENCIONANDO A "ERA DE 300" [ ? † ]

Vilhena Barbosa cita uma lápide com esta inscrição (1864: 380):

Era de 300 que este convento  
teve princípio das vestaes. CCC

Onde se encontrará? De que data seria? Qual a sua origem?

## 4. LÁPIDES COM INSCRIÇÕES ROMANAS EM CHELAS

Além dos vestígios que são alegados em favor [?] da existência da casa das virgens vestais em Chelas (e que analisámos na nota 3), conhecem-se ainda algumas lápides funerárias.

a) Lápide votiva que foi “achada na última reformação que se fez da Igreja de Chellas, debaixo do Altar mór”, portanto por volta do ano 1600; “e está hoje em huma parede do quintal da Sacristia”, portanto em 1636-1640 (Azevedo, 1753: III, 26, 102). Ainda lá estava em 1864 (Barbosa, 1864: 380). Borges de Figueiredo (1890: 11) já não a conseguiu encontrar, em 1890. A lápide parece que estava primitivamente num marco miliário duma via romana de Olisipo para Emérita, passando por Chelas e Santarém (cf. Vieira da Silva, 1944: 203).

Distinguem-se apenas as letras do princípio das suas quatro linhas:

MAC  
N. ET. I  
O. IMP  
AVG

A leitura tentada por Borges de Figueiredo (1890: 11) e aceite por Vieira da Silva (1944: nº 90) é como segue:

[domino nostro]  
MAG[nentio magn]  
N[o]. ET. I[nvict]  
O. IMP[eratori]  
AVG[usto]

= Ao grande e invicto Imperador [Magnêncio(?)]  
Augusto, [Senhor nosso].

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A dedicatória referir-se-ia ao imperador Magnêncio (350-353). Segundo outra leitura, dirigir-se-ia a Macrino (M. Opilio Severo Macrino), que imperou em 217-218, apenas durante um ano e dois meses.

**b)** Lápide funerária, que estava “na parede do quintal da Sachristia do Mosteiro de Chellas”, encontrada por volta do ano 1600, “mas já tão gastada, que haverá trinta e três annos, quando foy descoberta, se não poderão ler mais que estas letras” (Azevedo, 1763: III, 4, 14):

F.GAL  
A. Q. FL  
H. S.

Vieira da Silva (1944: nº 86) regista a seguinte leitura:

F(ilius) GAL(eria) [tribu]  
[Juli?] A. Q(uinti) [F](ilia)  
FL[?] H(ic) S(iti) [S?](unt)

= [?] filho de (?), [da tribu] Galéria,  
Júlia (?) FI [?], filha de Quinto,  
[estão?] aqui sepultados.

**c)** Lápide funerária, encontrada em Chelas num quintal junto à sacristia do Mosteiro, em 8. Maio. 1606 (Gasco, 1924: fl. 41) ou em 18. Março. 1608 (segundo Azevedo, 1753: I, 25, 98-99).

A leitura tem sido diversa. Vieira da Silva (1944: nº 87) regista a seguinte:

C(aio?) [G? ou FL?]AVIO. C(aii) [F](ilio) GAL(eria) [tribu]  
REC[to?]  
AEDIL[i]  
ANN(orum)XXVIII

= Ao edil Caio Gávio (?) Recto (?), Filho de Caio,  
[da tribu] Galéria, [falecido aos] 29 anos de idade.

**d)** Lápide funerária encontrada perto do Mosteiro de Chelas, na Quinta da Bela-Vista, que pertenceu ao pai de Coelho Gasco (talvez no 1º quartel do século 17), e que dista cerca de 1 quilómetro para norte do lugar de Chelas. Desapareceu.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Vieira da Silva (1944: nº 89) regista a seguinte leitura:

D. M.  
IVLIAE . LABERNARIAE  
ANN . XXXVII  
C . IVLIVS . SILVANVS  
IVLIA . GLAVCA  
PARENTES  
F

= Aos Deuses Manes de Júlia Labernária, [falecida aos] 37 anos de idade [os seus] pais Caio Júlio Silvano e Júlia Glauca mandaram fazer [esta sepultura]

**NB.** Note-se que o chamado “cipo de Júlia Flamínia”, analisado na nota nº 3, pode também ser considerado como uma lápide funerária.

## 5. OUTROS VESTÍGIOS ROMANOS

### 5.1 MOEDA DE ELAGABALO [ ? ]

Borges de Figueiredo (1890: 32) regista a seguinte informação numismática:

“Consta-me que por varias vezes apareceram dentro do recinto do mosteiro moedas romanas, mas desconheço o destino que levaram, ficando na ignorancia das epochas a que pertenciam.

Ultimamente comtudo, por ocasião de serem destruidas as ruinas do claustro antigo e de se terraplenar o local para servir de deposito de material de guerra, encontrou-se, além de moedas portuguesas, um mediano bronze de Elagabalo, que foi obtido pelo sr. Estacio da Veiga. Este bem conhecido archeologo, sabendo que eu estava tractando das antiguidades romanas de Chellas, teve a gentileza de m'ò offerecer. Apezar do muito mau estado da moeda, pude classifical-a:

[IMP C]A[ES M A]VR ANTON[INUS PIVS AVG] – Busto laureado de Elagabalo com rosto juvenil, voltado à direita, com o paludamento.

R. VICTOR AN[TONINI AVG]S C – Victoria, caminhando para a direita, tendo na mão esquerda uma palma que se lhe apoia no hombro, e erguendo uma corôa na mão direita”.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 5.2 CAIS DE ENXELHARIA [=SILHARIA] [ † ]

E ainda, para dar uma ideia mais ampla do que seria a importância do local no tempo dos romanos, faremos referência a um *cais de enxelharia*. Marinho de Azevedo (1753: IV, 8, 166) transmite-nos que “pello valle de Chellas entrava hum esteiro de mar, o qual chegava até o pateo do Mosteiro onde está o poço dos Sanctos Martyres”. Noutro passo (1753:II, 6, 22) diz:

“E no lugar, em que hoje está o claustro do Convento, se acharão no tempo da reedificação muitas argolas de ferro e bronze, prezas nas pedras de um caís de enxelharia, a que se amarrávão as embarcações, que pelo esteiro subião até ao templo de que ficou memoria no letreiro, que fica sobre a capella de S. Félix”.

Coelho Gasco (1924: fl. 42) fala do cais, dizendo que era “à porta, que vay para o Parlatório”.

Borges de Figueiredo (1890: p. 3 a 5), embora hesite quanto ao crédito que se deva dar a tal tradição, dá-nos conta dum dado que convém registar. Escreve ele (1890: 4-5):

“Na mesma parede do quintal da sacristia, à altura do rosto d’uma pessoa de estatura ordinaria, lê-se a seguinte inscripção gravada na argamassa do revestimento, com letras de 0m,04 de alto:

NESTE ALICERCE 12 PALMOS DEBAIXO DA TERRA

///ST/////

Fizeram traços horizontaes sob as palavras da primeira linha, para continuar o letreiro, mas desistiram de completal-o, existindo do pouco que se fez apenas duas letras legíveis. Talvez esta memoria indique existirem alli soterasdas as ruinas do caes de silharia.

Se este caes era obra romana, coisa que nada teria de extrordinario, só o poderia mostrar um exame que demandaria escavações naquele local”.

## 5.3 PEÇA QUE SE DUVIDA ROMANA OU VISIGÓTICA [ † ]

Uma outra peça, que foi apelidada de *armas d’el-rei Wamba*, é assim descrita por Marinho de Azevedo (1753: IV, 10, 177):

“Entre as mais pedras, e antiguallas, que forão achadas na reedificação da Igreja do Mosteiro de Chellas foy huma pedra quadrada com huma Cruz lavrada, que a divide em quatro partes, quarteada de huma malafada, e huma rosa mal feita, que logo parece não ser obra Romana, a qual dizem (não sabemos com que fundamento) ser as armas de Vuamba, como o declara o letreiro, que está sobre a Capella de S. Félix”.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Vilhena Barbosa (1864: 380) diz:

“Por cima [dum fragmento que tem a data E . D . M], em bastante altura, acha-se outra pedra de forma quadrada, ressaltando da parede, e que não terá menos de metro e meio em cada face. É guarnecida de moldura e esquartelada, tendo em dois quadrados duas rosas ou florões, e nos outros dois um lavor espherico a modo de botão. Afigura-se-nos ser peça de tecto d’um peristyllo”.

O letreiro a que se refere Marinho de Azevedo (1753: II, 6, 22) fora mandado esculpir e colocar por D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa, no ano de 1604, no altar do lado do evangelho, consagrado a São Félix:

ESTA CAPPELLA SE REEDIFICOU EM TEMPO DO ILLUSTRISSIMO SENHOR D. MIGUEL DE CASTRO, ARCEBISPO DE LISBOA, PRELADO DESTA CAZA, CÕ CUIO GOVERNO FOI SEMPRE ADMINISTRADA ANTES DOS REIS DE PORTUG. COMO SE UE DE HUM CIPO FEYTO NA ERA DO S. DE MIL, E DAS ARMAS DE ELREI VUAMBA, Q REPARTIO OS BISPADOS, EM ESPANHA, O Q TUDO SE ACHOU NESTA REEDIFICAÇÃO CÕ RUINAS DE HUM CAIS DE ENXELHARIA, ONDE DESEMBARCARAÕ ESTES SANTOS MARTIRES, POR ESTE UALLE SER MAR.

Borges de Figueiredo dá um esquema do monumento:

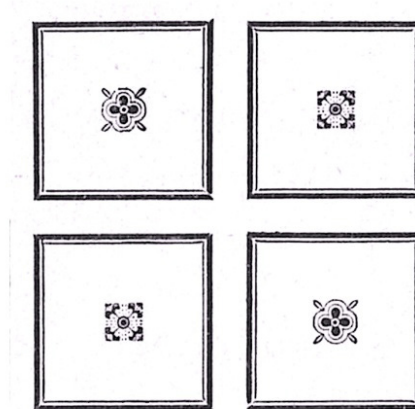


Fig. 4 - *Armas d’el-rei Wamba* (Figueiredo, 1890: 31).

Na sua opinião, “parece-me poder affoitamente afirmar-se que é trabalho romano”. “Os florões são quintifolios com um botão central; dois são rodeados d’um anel liso” (1890: 31).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 6. A LENDA DE AQUILES E ULISSES NO MOSTEIRO DE CHELAS<sup>XV</sup>

Já que estamos em Chelas, não o deixemos sem nos deleitarmos com um curioso romance, tardiamente entrado no “ciclo de Aquiles”.

### 6.1 A LENDA DE AQUILES NA MITOLOGIA HELÉNICA

A lenda de Aquiles é uma das mais ricas da mitologia grega, e também das mais antigas. Foi celebrizada pela *Iliada*, o poema épico mais lido de toda a antiguidade. Outros poetas e lendas populares completaram as lacunas das narrativas homéricas. Assim se elaborou um complexo “Ciclo de Aquiles”.

Segundo a lenda, Aquiles era filho de Peleu (portanto, descendente de Zeus) e da Deusa Thétis (filha do Oceano). Ora Thétis tentava eliminar de seus filhos os elementos mortais herdados de Peleu. Para tanto, mergulhava-os no fogo. Tal operação causara a morte aos seus seis primeiros filhos. Peleu exerceu maior vigilância ao nascer o sétimo, justamente *Aquiles*; e salvou-o a tempo do fogo. Irritada, Thétis separou-se de Peleu e recolheu-se ao reino das Nereidas.

Para que seu filho Aquiles ficasse invulnerável aos ataques, Thétis banhou-o nas águas do Estige, que precisamente tinham o condão de tornar invulnerável quanto tocassem. Mas o “calcanhar” de Aquiles não foi tocado pelas águas...

Confiado ao Centauro Quíron, aprendeu as artes e as ciências adequadas à sua alta condição; e foi exercitado na dureza da vida e na austeridade da alimentação.

Quando os Gregos consultaram o adivinho Calcas, para saber como recuperar a bela Helena, raptada pelo troiano Paris, e se seriam felizes na guerra que intentavam contra Tróia, Calcas respondeu (entre outras indicações) que seriam baldados todos os esforços dos gregos, sem a participação do moço Aquiles nos combates.

Thétis concebeu tão grande temor pela sorte do filho Aquiles (já que um oráculo a avisara do triste fim que o esperava, se entrasse na guerra: havia de morrer ferido de uma seta), que o fez vestir hábitos femininos e o introduziu como dama na Casa e Paço do Licomedes, rei de Cyros, uma das lhas do Egeu. A filha do rei Licomedes, Deidamia, apaixonou-se por aquela gentil dama, que não teve dificuldade em lhe revelar que era varão; assim, concebeu dele o famoso Neoptolemeu, que depois tomou o nome de Pirro.

Entretanto, os Gregos confiaram ao sagaz Ulisses a tarefa de descobrir o paradeiro de Aquiles. Foi facilmente identificado, graças às artimanhas empregadas. Ulisses apresentou-se disfarçado em negociante e ofereceu as suas mercadorias; enquanto as mulheres escolhem rendas e tecidos, Aquiles foi direito às armas de guerra. Ou então: Ulisses fez ouvir no meio do harém o som da trombeta de guerra; enquanto as mulheres fugiam espavoridas, Aquiles pediu armas para enfrentar o perigo... Ulisses convenceu-o a segui-lo, mesmo contra a von-

<sup>XV</sup> Cf. nota x.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

tade da mãe Thétis, para a guerra contra Tróia. Thétis armou o filho com armas forjadas por Hefesto (=Vulcano) com tal têmpera, que pudessem resistir a todas as investidas. Com elas se bateu Aquiles no cerco de Tróia, acabando por vencer o grande troiano Heitor. Aquiles pagou essa façanha com a própria vida, vítima duma seta de Paris, cravada na planta do pé, único sítio que não ficara imunizado nas águas do Estige.

Esta a versão sucinta da lenda de Aquiles. Muitas outras lendas complementares, por vezes contraditórias, rodeiam a figura deste herói helénico.

## 6.2 AQUILES E ULISSES NO TEMPLO DAS VESTAIS, EM CHELAS

Luiz Marinho de Azevedo (1753: II, 1, 3-4) refere ainda que o Doutor Francisco de Monçon (1571: cap. 90) e D. Francisco de Herrera (1633: cap. 30) seguiram a opinião vulgar que remontava a Homero, segundo a qual Thétis escondera Aquiles, para que não fosse a guerra de Tróia, *em um templo de Virgens Vestais, edificado junto da praia do mar Oceano, nos últimos fins da terra*. Aqui chegou Ulisses, feito bufarinheiro; e armando sua tenda à entrada do templo, em que Aquiles estava disfarçado em hábito de vestal, saíram todas as vestais a ver e a comprar as coisas que Ulisses vendia; só Aquiles, não podendo desmentir o seu carácter guerreiro, se interessou tanto por uma espada que havia na tenda, e a manobrou com tal destreza e galhardia, que logo o astuto grego Ulisses concluiu não poder ser outro senão Aquiles, que procurava; e lançando mão dele, o obrigou a deixar o hábito, em que se disfarçava, trocando-o pelo de soldado e de valeroso capitão; e, seguindo sua fortuna, acompanhou a Ulisses, descobrindo-lhe na jornada como, estando no recolhimento das vestais, lhe nascera de uma seu filho Pirro.

“Acrescenta mais o Doutor Monçon, de quem he toda esta relação, *que estava o templo edificado na praya do mar, onde agora vemos o Convento de Chellas*, huma pequena légoa desta cidade, nome corrupto de Achylles, que nele esteve: onde Ulisses se agradou tanto do deleitoso sitio, e amenidade dos campos contiguos àquella praya, que julgou ser este porto o melhor, que tinha visto, e a terra mais fresca, e fértil, ficando logo com pensamento de tornar a ella e edificar huma cidade, se escapasse da guerra Troyana. Até aqui Monçon, o qual neste Reyno foi pessoa de grande authoridade em tempo d’El Rey D. João o Terceiro, de cuja ordem veyo a Portugal, para Lente da Universidade de Coimbra, novamente por elle fundada na cathedra de Theologia, sendo depois Conego Doutoral na Sé desta Cidade, tido por homem muy erudito em todo género de Letras”.

## 6.3 ESBOÇO DE REFLEXÃO CRÍTICA

Marinho de Azevedo (1753: II, 1, 4) acrescenta:

“E ficáramos mais satisfeitos desta sua opinião, se nos dissera, quaes erão os Autores della, para que não corra por conta de sua reputação o credito, que se lhe pode dar; bem, que devemos presumir sempre de tão grave Author, que o não escreveria sem muito fundamento”.

Não obstante este rebate de espírito crítico, Marinho de Azevedo procurou buscar fundamentos, “para satisfazer aos que della duvidão”, embora confesse que “difícultosa cousa será

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

querer provar que Achylles estivesse nestas partes occidentais, escondido em Chellas, sendo templo de virgens vestais”. A esta ingrata empresa dedica, no entanto, todo o capítulo 2º do II livro da sua obra, achando que “o melhor fundamento de todos he conservar Chellas o nome de Achylles grande numero de annos, sem mais corrupção, que trocar-se as letras e e y, o que se prova com o livro dos óbitos...”. Cita uma boa dúzia de documentos nesse sentido.

Mas há mais:

“Escreve também o Doutor Monçon, que nas paredes deste templo das Vestaes, se pintarão depois os principais feitos, que no cerco de Troya sucederão, particularmente os de Achylles, em memória do tempo, que nele esteve escondido”, além de ter deixado o seu nome naquele Convento, de que todo o vale o tomou... (l.c.).

É pena que não conheçamos fundamentos certos para tão bela aventura!...

## 7. QUADRO SINÓPTICO DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS EM CHELAS

VESTÍGIOS ROMANOS	Designação	ref. n/ estudo	Onde se encontram	
Lápides com inscrições	- “cipo de Júlia Flamínea” (88)	3.1	Museu do Carmo	
	- lápide votiva (90)	5.1	Desapareceu	
	- lápide funerária (86)	5.2	Desapareceu	
	- lápide funerária (87)	5.3	Desapareceu	
	- lápide funerária (89)	5.4	Desapareceu	
	Pedras sem inscrições	- “ara do fogo perpétuo”	3.2	Desapareceu
		- friso de tampa de sarcófago	4.1	Museu Nacional de Arqueologia
	Outros vestígios	- mármore com figuras	4.2	Desapareceu
		- “armas d’el rei Wamba”	4.3	Em Chelas
- moeda de Elagabalo		4.5	?	
- restos de cais de enxelharia		4.6	?	
INSCRIÇÕES QUE FAZEM ALUSÃO AOS VESTÍGIOS ROMANOS:				
Lápide “era de 300”		4.4	?	
Inscrição (1604)		2.1		
Inscrição (1604)		4.3		

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

OUTRAS PEDRAS, QUE SERÃO DISCRIMINADAS NOUTROS CAPÍTULOS, ORIGINÁRIAS DE CHELAS

Pedras Visigodas: são 5<sup>XVI</sup>

Inscrição sobre túmulo S. Félix

Inscrição sobre túmulo S. Adrião

Inscrição latina sobre túmulo S. Félix (1604)

Inscrição latina sobre túmulo S. Adrião (1604)

São ao todo 23 peças.

## 8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CACEGAS, Fr. Luis de – *Primeira Parte da História de S. Domingos particular do reino e conquistas de Portugal por Fr. Luis Cacegas, da mesma ordem e provincia, e chronista d'ella reformada em estilo e ordem, e amplificada em sucessos e particulares por Fr. Luis de Sousa, filho do convento de Bemfica*, 3ª edição, vol. I. Lisboa: Typographia do Panorama, 1866. I, I, 23

GASCO, António Coelho – *Antiguidades da muy Nobre Cidade de Lisboa Imporio do Mundo e Princeza do Mar Oceano*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924. Escrito em 1627-1633. A, 3, 37

CUNHA, D. Rodrigo da – *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*. Lisboa: Lisboa 1642. Parte II, capítulo 38.

AZEVEDO, Luís Marinho da – *Fundação, Antiguidades e Grandezas da mui insigne Cidade de Lisboa e seu varões ilustres*. Lisboa: 1652 (1ª edição), 1753 (2ª edição), Livro II, capítulos 1 a 4. Escrito entre 1636 e 1640.

BARBOSA, Inácio Vilhena de – “Fragmentos de um Roteiro de Lisboa (inédito). Arrabaldes de Lisboa. Chelas, Charneca e Camarate”, *Archivo Pittoresco*, 7 (1864), pp. 374-378, 379-381.

FIGUEIREDO, Borges de – “Antiguidades Romanas de Chelas”, *Revista Archeologica*, 1890, pp.1-15, 30-37, 126-128.

SILVA, A. Vieira da – *Epigrafia de Olisipo. Subsídios para a História da Lisboa Romana*. Lisboa: 1944, pp. 198-203, 66-67.

<sup>XVI</sup> Estes “vestígios visigóticos” do Mosteiro de Chelas e outros encontrados em Lisboa foram estudados por Almeida, 1958. A especificidade do trabalho escultórico destas e de outras pedras semelhantes da região olisiponense levou o autor a caracterizá-las como um grupo específico pertencente a uma “Escola de Lisboa”. Os estudos de Real, 1995 e, sobretudo, de Fernandes, 2002, classificam as pedras como moçárabes, esculpidas nos séculos IX-X em pleno período islâmico.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## 9. CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

1ª. Penso que não está encerrado o inventário, nem dos vestígios, nem dos eventuais testemunhos literários. Outros vestígios arqueológicos estarão ainda dispersos, ou virão a descobrir-se em futuras pesquisas; novas técnicas permitirão identificar melhor a época dos vestígios e a sua precisa natureza; novos estudos clarificarão zonas ainda obscuras.

2ª. O que está inventariado daria já, no entanto, para se organizar em Chelas um mini-museu de moldagens ou fotografias, permitindo in loco uma panorâmica de conjunto dos vestígios da história de Chelas.

3ª. É deveras singular, e digno da mais atenta reflexão, o facto de existirem em Chelas tão numerosos monumentos romanos, continuados depois ininterruptamente até nós. O que estará latente no terreno do Mosteiro e arredores?

4ª. Os Autores emitem hipóteses, contraditórias por vezes. Ainda não se poderá considerar suficientemente clarificado o período romano do sítio de Chelas.

5ª. “O que parece certo, é que houve, no sítio onde se fundou o Mosteiro [de Chelas], algum edifício importante durante o domínio romano”, diz Vieira da Silva (1944: 67).  
É realmente o mínimo que se pode dizer. Será também o máximo?

6ª. Borges de Figueiredo (1890: 126-127) tenta ir mais longe:

“Chellas foi na epocha romana a casa de campo, a *villa* d’um rico cidadão de Olisipo, inscripto na tribu Galeria, com o nome Júlio. Não podemos saber se foi o próprio Q. Julius Fundanus, se algum seu antepassado o edificador d’ella. Se nos é absolutamente desconhecida essa particularidade, abundam em compensação as razões para crermos que a família perseverou naquele logar. A inscrição de Júlia Fundana alcança o primeiro século, como o friso do sarcophago; temos aqui um ponto de partida.”

7ª. A tradição de ter ali havido um templo romano, habitado e servido por Virgens Vestais, não oferece provas literárias nem documentais que lhe garantam apoio sólido.

8ª. Manda ou aconselha a prudência não atirar para a vala comum os restos de tradição com séculos, só pelo facto de já não as podermos justificar documentalente. Talvez seja preferível manter o espírito em atitude de crítica expectativa... Aliás, a fantasia criadora, neste caso, é inofensiva!...

9ª. Quanto à estadia do famoso Aquiles, viagem maravilhosa no reino da aventura, terá a mesma consistência de tantas e tantas lendas do vasto mundo da mitologia...

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

### 1. A ERMIDA DOS SANTOS MÁRTIRES, VERÍSSIMO, MÁXIMA E JÚLIA †

c. 308 d. C. (?)

#### [1] O MARTÍRIO DOS TRÊS IRMÃOS VERÍSSIMO, MÁXIMA E JÚLIA

Estes três irmãos – “irmãos no sangue, na pátria e no martírio” – eram naturais de Lisboa, nascidos de pais nobres e ricos (e certamente cristãos). Tendo ido em peregrinação a Roma, a visitar os seus santuários, aqui se lhes tornou imperioso voltar a Lisboa para dar testemunho da sua fé em Cristo. Presos e torturados, mantiveram-se constantes na sua fé e testemunho. Foram finalmente degolados. Os seus corpos foram sujeitos a várias tentativas de destruição: mas tudo concorreu para aumentar a devoção dos cristãos e o espanto dos inimigos. Estes não ousaram impedir a solenidade e lágrimas com que os cristãos lhes deram piedosa sepultura, no local onde os corpos deram à praia.

O acontecimento ocorreu na sequência da perseguição ordenada pelo imperador Diocleciano, cerca do ano 308 ou 306. Vd. *Anexo 1 e 2*.

#### [2] MEMORIAL E ERMIDA ENTRE 308 E 714

Faltam os documentos... Mas é tradição que, próximo do sítio onde os corpos foram arrojados à praia, se construiu um memorial, ou seja, uma Ermida. O local era defronte da praia que depois e até ao presente se chama de “Santos”.

Conjectura-se que a Ermida terá sido edificada, ou no mesmo ano do martírio ou então pouco depois do reconhecimento da liberdade religiosa por Constantino (imperador romano em 306; pelo Édicto de Milão de 313 autorizou o livre culto do cristianismo).

Esta ermida seria, pois, um dos primeiros, se não o primeiro, templos cristãos de Lisboa.

A população de Lisboa considerava estes três Santos Mártires como benfeitores, já que não padroeiros, pelas “muitas vezes que milagrosamente valeram a esta cidade, na entrada dos Suevos, Godos, e Vândalos, e outras nações setentrionais, como na dos Mouros, quando a conquistou nosso primeiro Rei dom Afonso Henriques, como referem os cronistas Frei Bernardo de Brito e Frei António Brandão...” (Cunha, 1642: I, XVIII: fl. 41).

#### [3]

Chegada a destruição dos Mouros em Espanha, para que não viessem estes santos corpos a cair em poder dos bárbaros, os cristãos esconderam os ditos corpos no lugar onde está hoje a igreja paroquial de Santos-o-Velho. O nome veio a este lugar, dos mesmos Mártires, a que por excelência nesta cidade chamam *Santos*.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Durou desde aqueles tempos até ao da recuperação da cidade (isto é, desde 714, data da entrada dos Mouros em Lisboa, até 1147), a tradição do local onde se presumia que estavam enterrados estes mártires, ainda que em confuso.

A ermida foi totalmente arrasada pelos Mouros (vd. testemunho citado no § seguinte).

[4]

Como encontraram em 1147 o Memorial dos Santos Mártires, disso temos o precioso testemunho do Cruzado que escreveu a Osberno, nesse mesmo ano:

“Sub temporibus regum christianorum priusquam mauri eam [Lisbonam] optinuissent, trium martyrum memoria juxta urbem in loco qui dicitur Compolet celebratur, scilicet Verissimi et Maximae et Juliae virginis, quorum ecclesia a mauris solotenus destructa, tres tantum adhuc lapides in signum ruinae suae ostendit, qui nunquam ab inde potuere sustulli. De quibus alii dicunt eos fore altaria, alii bustalia”.

= Nos tempos dos reis cristãos, antes de os mouros terem conquistado [Lisboa], celebrava-se a memória dos três mártires, ou seja, de Veríssimo, Máxima e da virgem Júlia, num lugar próximo da cidade, chamado Compolet. A igreja deles [mártires], totalmente arrasada pelos mouros, apresenta ainda apenas três pedras, como testemunho da sua destruição, as quais nunca conseguiram tirar dali. Alguns dizem que as pedras foram altares, outros dizem que foram pedras tumulares.

Voltaremos a encontrar a Memória dos Santos Mártires, no século XII.

### Bibliografia

Além de Coelho Gasco, Marinho de Azevedo, Nicolau de Oliveira..., vd.:

CUNHA, D. Rodrigo da – *História Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, I parte, capº. 18, fl. 38-41 v;

Autor anónimo, *Resumo da Vida dos Santos Mártires de Lisboa...*, 1920

Autor anónimo, “Origem e fundação do Mosteiro de Santos-o-Velho”, *Miscelânea Histórica*, 1 (Nov. 1861) [BNL J. 108 B]

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ANEXO 1. O TESTEMUNHO DOS MARTIROLÓGIOS

O Martirológio de Floro menciona o martírio dos três cristãos em Lisboa, na perseguição de Diocleciano, nestes termos:

“Elissipona civitate passio Sanctorum Verissimi, Maximi et Juliae qui passi sunt sub Datiano Praeside. Quorum Datianus confessione comperta, parari secretarium jubet, et intromitti lictores, extendi Martyres, admoveri verbera, colligari ungulas, exponi aculeus et tendiculas imperavit. Et, cum nihil horum Dei famulos aut terrui promissum, aut superavit appositum, gladio tandem consummantur”.

= Na cidade de Lisboa [celebra-se] a paixão dos Santos Veríssimo, Máximo (sic) e Júlia, que sofreram sob o prefeito Daciano. Daciano, uma vez averiguada a confissão, mandou preparar o tribunal; e deu ordens para que entrassem os lictores [=carrascos], fossem estendidos no chão os mártires, trouxessem os azorragues, reunissem as forquilhas, pusessem à vista os aguilhões e as varas. E, como os servos de Deus nem se deixaram amedrontar com a ameaça destes tormentos, nem se vergaram com a aplicação deles, foram finalmente liquidados pela espada.

O martirológio de Usuardo acrescenta que eram irmãos:

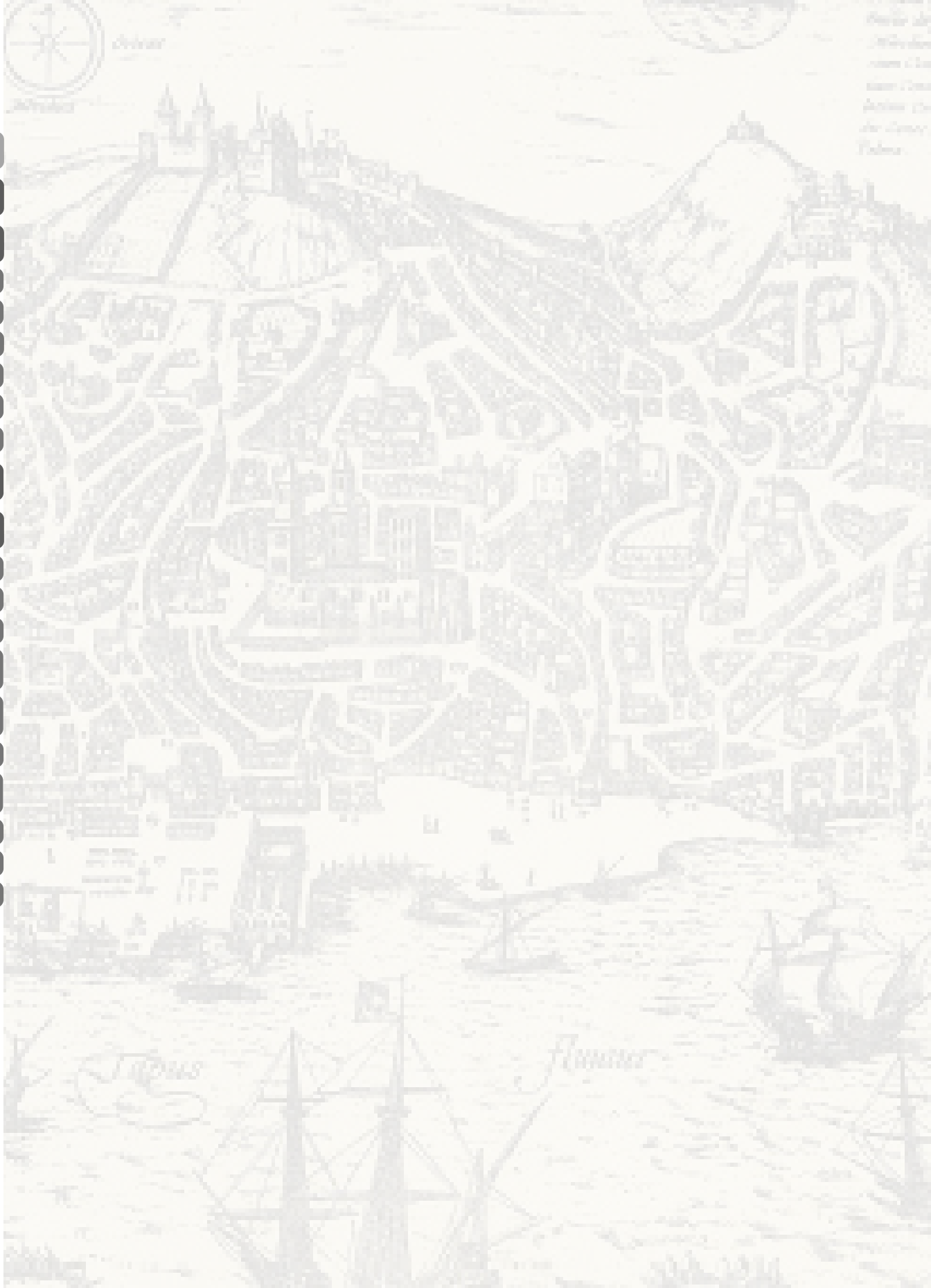
“Apud Provinciam Lusitaniam, Civitate Olisepona, Sanctorum Martyrum Verissimi, Maximae et Juliae sororum”.

=Na Província da Lusitânia, na cidade de Lisboa, [memória] dos Santos Mártires Veríssimo, Máxima e Júlia, irmãos.

Os breviários antigos registam a tradição de que os corpos destes mártires foram lançados ao Tejo, mas logo vieram dar à praia e receberam sepultura no lugar onde depois se erigiu por memória a igreja dos Santos.

## ANEXO 2. VIDA DOS SANTOS MÁRTIRES

Veja-se D. Rodrigo da Cunha (1577-1643), que foi arcebispo de Lisboa, e cujo título é *História Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, 1642 (Parte I, cap. 18, fl. 38v e ss): reproduzido in Tomo II-1 ERMIDA, OU IGREJA DOS SANTOS MÁRTIRES, VERÍSSIMO, MÁXIMA E JÚLIA.



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## V. O PRIMITIVO MOSTEIRO E PRIMEIRA ERMIDA CRISTÃ DE CHELAS (SÉCULOS IV A XII)

### 1. ERMIDA CRISTÃ DE CHELAS, IGREJA PRIMITIVA DE SÃO FÉLIX E SANTO ADRIÃO, PRIMITIVO MOSTEIRO †

[1]

No século IV, o cristianismo tinha penetrado profundamente em toda a extensão do Império Romano. Adquirida a liberdade e beneficiando da protecção dos imperadores, os cristãos tomaram posse, pouco a pouco, das instituições religiosas romanas, dando-lhes sentido e uso novos. Assim terá sucedido em Chelas. Os habitantes da povoação tornaram-se cristãos; e o conjunto habitacional romano ali existente – fosse ele templo de Vesta, ou templo dedicado a qualquer outra divindade, ou simplesmente casa de campo de um rico cidadão romano – passou a ter destino cristão. Isto terá acontecido porventura já no século IV.

[2]

Derrubado o Império Romano pela invasão dos povos do norte (o que sucedeu no século V), ficou em ruínas a casa das Vestais, em Chelas: se é que alguma vez ali habitaram e serviram as ditas Vestais; e se é que não tinham já sido absorvidas pelos cristãos as suas casas...

Simultaneamente, deu-se o desenvolvimento do monaquismo, também a partir do século IV, propagando-se muitíssimo os mosteiros.

Diversos documentos convergentes parecem mostrar que a antiga villa romana de Chelas se transformou um dia em pequeno mosteiro. Citamos Borges de Figueiredo (1890: 127):

“No quarto século começaram, como é sabido, a desenvolver-se as instituições monásticas, propagando-se muitíssimo os mosteiros, já por mera devoção, já pelas vantagens de que elles gosavam; e, como qualquer pessoa podia fundar um d’esses institutos, havia muitos pequenos mosteiros. Começavam, por pequenas igrejas ou ermidas, que o proprietário fundava, para os seus colonos ou escravos satisfazerem alli os preceitos da religião: tomavam o nome titular de um santo, e annexavam as pequenas povoações vizinhas, chamadas *decanias* ou *deganias*. E porque o presbytero, que ahi officiava, que muitas vezes era o mesmo dono do terreno, tomava o habito de monge, e aggregava a si alguns companheiros, convertia-se em Mosteiro ou *Asceterio*. Outras vezes os proprietários fundavam estes Asceterios immediatamente por devoção, ou por interesse, para gosarem dos privilégios de coutos, que as leis lhes concediam. É certo que taes Mosteiros continuavam a ser propriedade do fundador, perpetuavam-se nas famílias por testamento ou successão, sujeitos a toda e espécie de contractos. Pelo decurso dos tempos uns extinguiram-se, outros formaram parochias seculares; mas a maior parte foi absorvida pelos grandes Mosteiros’. (44)

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Ao que tão bem diz Coelho da Rocha pode acrescentar-se, segundo o que se colhe nos documentos medievaes, que algumas famílias se dedicavam aos exercícios de devoção, passando a constituir mosteiros, que d'aqui provém naturalmente a origem dos dúplices; e que alguns d'elles não se extinguiram ou foram absorvidos por outros, antes se desenvolveram e se tornaram mosteiros grandes e poderosos. (45)

Os documentos de diversa natureza e varias epochas, que ficaram apontados ou descriptos, parecem-me mostrar que a antiga *villa* romana se transformou um dia em pequeno mosteiro; o qual, por motivos que se ignoram, mas a que se deve juntar o da visinhança d'um grande centro, ao contrario de definhir e se extinguir, se foi engrandecendo com a adhesão de outros devotos, e com as doações e dadivas de christãos e moiros”.

<sup>44</sup> Coelho da Rocha, *Ensaio sobre a hist. do gov. e da legisl. em Portugal*, 3ª ed., pag. 39-40.

<sup>45</sup> Veja *Memoria para a hist. da legisl. e costumes de Portugal*, por A. C. do Amaral (nas Mem. da Acad. R. das Sc. de Lisboa, t. VII) §§ 47 segg.; e grande copia de documentos nos *Port. Mon. Hist., Diplomata et Chartae*.

[3]

O novo local do culto cristão terá sofrido um renovado impulso e incremento por volta do ano 665 ou 666.

Com efeito, por volta desse ano, reinando na Espanha e na Lusitânia RECESVINTO (652? - 672), chegaram a Chelas as relíquias de São Félix e dos seus doze companheiros mártires, que haviam sofrido o martírio na cidade de Gerona (Catalunha), em 1 de Agosto de 301, sob o imperador Diocleciano.

O povo do lugar, ou edificou nova igreja para nela recolher as santas relíquias, ou reconstruiu o anterior templo romano, ou fabricou sobre as ruínas deste um novo templo. E deu-lhe a invocação de São Félix. Junto da igreja ficou funcionando um mosteiro duplex (homens e mulheres).

Naquele tempo (refere a tradição), “pelo valle de Chellas entrava hum esteiro de mar, o qual chegava até o pátio do mosteiro onde está o poço dos Santos Mártires” (Azevedo, 1753: IV, 8, 166; cit. por Figueiredo, 1890: 3).

[4]

Poucos anos depois, em 716, deu-se a invasão dos Mouros. E o templo terá sido convertido em mesquita. Os eremitas, ou foram expulsos, ou fugiram.

Provavelmente, os cristãos tiveram de esconder as santas relíquias, enterrando-as talvez, para assim as livrarem de serem reduzidas a cinzas, como era hábito dos conquistadores praticar com todas as imagens e relíquias que lhes caíam nas mãos.

“Alguns supõem que, passada a primeira sanha dos Mouros, conseguiram os Monges a conservação do seu mosteiro, mediante certo feudo, como aconteceu a muitos”.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

[5]

Nos fins do século IX, numa altura em que Lisboa foi ocupada por D. Afonso III, o *Magno*, rei de Leão e das Astúrias, (866-910), foram ali depositadas as relíquias de Santo Adrião, de sua mulher Santa Natália, e de mais onze companheiros, que haviam recebido o martírio em Nicomédia, no tempo do imperador Maximiano.

As relíquias teriam sido doadas ao mosteiro de Chelas pelo Conde Servando, quando este regressava duma missão junto do Papa Leão III e se dirigia a Leão.

O mosteiro passou a intitular-se “de São Félix e Santo Adrião”.

[6]

Presume-se que os Mouros, reconquistando Lisboa aos leoneses, expulsaram mais uma vez do mosteiro de Chelas os seus habitantes, e converteram a igreja em mesquita<sup>XVII</sup>.

Assim se encontrava o local, quando D. Afonso Henriques tomou a cidade de Lisboa em 1147.

Os sucessos posteriores a 1147 serão objecto de artigos particulares.

### Bibliografia

Além dos já citados: Coelho Gasco; Marinho de Azevedo; D. Rodrigo da Cunha; Vilhena Barbosa; Borges de Figueiredo...

ALMEIDA, D. Fernando – “Pedras Visigodas de Lisboa”, *Revista de Guimarães*, vol. 68, nº 12 (1958), pp. 117-137.

<sup>XVII</sup> Esta concepção é discutível. Tudo indica que os cristãos tenham permanecido em Chelas nomeadamente a existência de pilastras atribuíveis ao período moçárabe (sécs. IX e X). A ter havido perseguição aos cristãos é mais provável que o facto tenha tido lugar só a partir de finais do século XI quando os almorávides se estabeleceram em Lisboa em 1095 (cf. nota. n.º xxiv).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM LISBOA

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## APÊNDICE I - DUAS LÁPIDES COMEMORATIVAS DA DEPOSIÇÃO DAS RELÍQUIAS

Pelo menos desde o princípio do século 17 que são mencionadas duas lápides comemorativas da 1ª deposição das relíquias dos Santos Mártires em Chelas.

[1]

Marinho de Azevedo (1753: IV, 7 e 8, 161-170) relata a existência da inscrição que estava colocada “na igreja (...) na parede do arco, pelo qual as mulheres devotas desta cidade passam as crianças que levão em romaria a S. Félix”. “He a pedra de forma redonda, de mármore vermelho, jaspeado; e ainda que está partida em dois pedaços, se deixam ler as letras”.

Vilhena Barbosa (1864: 376) reproduz e descreve a lápide da seguinte forma:

“Existem ainda as lapidas commemorativas do primeiro deposito das santas relíquias n'aquelle logar. Acharam-se enterradas, e depois foram embebidas na parede. A que diz respeito a S. Félix é a seguinte:



É uma pedra de fôrma circular de mármore avermelhado. Acha-se partida quasi pelo meio. A inscrição, posta em vulgar, reza assim: *Em os idos de Dezembro de 703 (13 de Dezembro de 665 da era de Christo) se fez o deposito de S. Felix, de boa memoria, martyr do verdadeiro Deus.*

Na parte superior da lapida vêem-se as duas letras gregas, *alpha* e *omega*, e no centro d'ella o P com o X ou cruz atravessada, que é a abreviatura do nome de Christo. Como a alpha era a primeira letra do abecedario grego, e a omega a ultima, designavam por este modo que Jesus Christo era o principio e o fim de todas as coisas. Começaram os godos a usar d'este emblema nas sepulturas dos catholicos para as distinguir das dos herejes Arrianos, que nega-

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

vam a Santíssima Trindade, e por conseguinte que Jesus Christo fosse igual ao Padre Eterno, e constituísse com elle e o Espírito Santo uma só pessoa.

Estes emblemas, pois, e os caracteres romanos provam a antiguidade da inscrição, por quanto aquelles deixaram de se usar depois da invasão dos mouros, e estes também então começaram a ser substituídos pelos caracteres gothicos”.

HÜBNER, Emil – *Inscriptiones Hispaniae Latinae. Supplementum* (= *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II). Berlin: 1892, nº 18 (=CIL 2) faz uma leitura diferente na 4ª linha: em vez de “mart(yris) v(e)ri Dei” lê “martyr(is) id(est)”.

[2]

Existia, ainda em 1864, no mosteiro, outro monumento, do qual Marinho de Azevedo dizia que era “pedra já muy gastada, e quebrada, que está em huma das paredes do pátio, e no alto della se divisão parte das duas letras gregas *Alpha et Omega*; e abaixo se divisão estas latinas, barbaramente escriptas...” (1753: IV, 17, 205).

Vilhena Barbosa (1864: 376) reproduz e comenta:

“A outra pedra, também de fôrma redonda, está partida pelo meio, restando só a metade superior, como abaixo se vê.



Os emblemas que a outra contém não se divisam nêsta. Esta inscrição era relativa, provavelmente, ao martyr Santo Adrião e seus companheiros.”

Referir-se-ia a Santo Adrião? A mim parece-me soletrar “Ecteria...”.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

[3]

Borges de Figueiredo (1890: 3), citando Coelho Gasco, diz:

“Gasco, dando conta do aparecimento de varias antigualhas, exprime-se do modo seguinte ácerca do achado da lapida de S. Félix: ‘na reedificação que de nouo se fez neste sagrado Convento, em tempo de seu bom Prelado, Dom Miguel de Castro... que foi no Anno de 603, se acharão ainda nos altares em que estáuão postas, ferros, e taboas de não em que ellas (*as relíquias*) uierão, e acharãose mais, fechaduras, e taboas tão antiguas, que paresião cortiça; afora hu cofre que está ainda todo inteiro, cheo todo de Reliquias. Sobre estes sanctos corpos, se achou hua pedra redonda (...)’ (1924: fl. 47 v).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## APÊNDICE II - VESTÍGIOS VISIGÓTICOS DO MOSTEIRO DE CHELAS<sup>XVIII</sup>

### 1. PILASTRA EM CALCÁRIO BRANCO, DE SECÇÃO QUADRADA

Encontra-se actualmente no Museu do Carmo.

Proveniente do Mosteiro de São Félix de Chelas.

Dimensões actuais: altura 96 cm x largura 43 cm em dois lados paralelos e 41 cm nos outros dois lados. Depois de M. de Azevedo escrever (dando-lhe seis palmos de comprido e dois de largo, com três círculos), foi reduzido a dois terços, porque serraram uma parte para o adaptar ao cunhal em que foi colocado (Borges de Figueiredo).

Fora encontrada com outras em Chelas, ao abrirem-se os alicerces da Capela Mor (Azevedo, 1753: III, 8,34). Foi embutida no cunhal do quintal da sacristia, por baixo da inscrição de “Júlia Flamínea”.

É historiada nas quatro fases, com o mesmo motivo em todas: dentro de medalhões marcados por festões de folhagem, vê-se um animal fantástico (cavalo alado? grifo?) em cada uma delas. Os medalhões estão sobrepostos, dois por face, totalizando oito; os animais estão voltados alternadamente para a direita e para a esquerda. A decoração é inspirada em motivos bizantinos.

Vilhena Barbosa (1864: 380) acha que “pelo gosto do desenho, e por certa perfeição do trabalho, é inquestionavelmente obra dos romanos”, acrescentando que “este género de ornatos era muito usado nos frisos dos edifícios romanos, sobretudo nos templos, alternando-se aquelas ou outras figuras em toda a extensão do friso. (...) Pertencia provavelmente ao templo de Vesta”.

Borges de Figueiredo (1890: 33-34) declara não poder subscrever a opinião que julgou o trabalho romano, nem acredita na existência dum templo de Vesta em Chelas. “Tudo contribue para fazer considerar *românico* este monumento: o estilo ornamental e a execução” (1890: 34). Faz analogia com uns baixos-relevos que ladeiam o portal da igreja de San-Miguel-de-Lillo, perto de Oviedo (Astúrias). D. Fernando de Almeida (1958) classifica-a entre as *Pedras Visigodas*; e opina que o tema decorativo, inspirado em motivos bizantinos, teria sido importado para Lisboa na ocasião da vinda das relíquias de Santo Adrião e seus companheiros, em 882.

### 2. FRAGMENTO PRISMÁTICO DE UM FRISO EM MÁRMORE BRANCO

Encontra-se actualmente no Museu do Carmo.

Veio do Mosteiro de Chelas, onde se encontrava no tempo de Vilhena Barbosa (1864), colocada na parte interior de uma casa de arrecadação contígua ao vestíbulo da igreja (1864: 380). Depois de 1864 foi rebocada a parede da quadra em que estava o baixo-relevo; em 2.

<sup>XVIII</sup> Cf. nota XVI.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Fev. 1890, Borges de Figueiredo e Gabriel Pereira tornaram a descobri-lo (Figueiredo, 1890: 34, nota 53).

Dimensões: altura 31 cm x comprimento 66 cm x espessura 31 cm.

Representa três animais (leões); os dois da esquerda marcham um para o outro, um com a cabeça baixa sobre uma planta, o outro mantendo a cabeça alta; ao terceiro já lhe falta a cabeça, tem a juba e corpo idêntico aos outros dois, mas as patas traseiras (as únicas que restam) exibem cascos de boi. Por trás de cada animal, no segundo plano, está uma árvore (palmeiras). Na parte inferior do friso, um facha com cerca de um terço de largura da facha superior, ou moldura, onde linhas ondulantes definem espaços preenchidos alternadamente por cachos de uvas e folhas de videira.

Vilhena Barbosa (1864: 380-381) crê que “é obra romana”. Mas apresenta a conjectura, que considera menos provável, de se tratar de obra visigoda. Diz:

“Pode julgar-se que o seria dos godos na reedificação do templo de Vesta, quando alli colocaram as relíquias de S. Félix e dos seus companheiros martyres no anno de 665. Os leões devorando palmas podem muito bem ser allegoria da morte triunfal dos mesmos santos, symbolizando as palmas o martyrio, e os leões os idolatras, cruéis perseguidores do christianismo. N’este caso, a pedra não seria fragmento de um friso, porque não era admittido similhante genero de ornamento na architectura seguida pelos godos, os quaes abrangeram no mesmo ódio e proscipção os romanos e as suas artes. Poderia ser, talvez, fragmento de uma das duas caixas de mármore em que estiveram depositadas...as santas relíquias”.

Borges de Figueiredo (1890: 35) nota grande relação entre este friso e o da pedra do Pégaso e do grifo, chegando até a considerar que “nem é muito arriscado supor que uma e outra peça são obras do mesmo artista”. Estabelece até comparação entre o estilo desta peça e o doutro fragmento de escultura que existe no primeiro gigante, a partir do nascente, na face norte da Sé de Lisboa (Castilho, 1935: III, 211-212).

D. Fernando de Almeida (1958) classifica igualmente este monumento entre as *Pedras Visigodas*.

### 3. PLACA DE CALCÁRIO ROSADO (FRAGMENTO)

Encontra-se actualmente no Museu do Carmo.

Foi encontrada em 1958 na cerca do Mosteiro de Chelas.

Dimensões: comprimento 71 cm x largura 20 cm x espessura 10 cm.

Uma das faces exhibe um desenho geométrico com elementos vegetalistas estilizados; mostra uma série de losangos dispostos em filas, resultado da intercepção oblíqua de dois grupos de linhas paralelas; dentro dos losangos, uma fila tem quatro covinhas em cada espaço e folhas de acanto, nas outras há uma vieira em cada espaço.

Vd. D. Fernando de Almeida, 1958.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

#### 4. PARTE INFERIOR DE UMA PILASTRA EM CALCÁRIO BRANCO

Encontra-se actualmente no Museu do Carmo.

Veio de uma parede da Casa dos Bicos, na Rua dos Bacalhoeiros (1942).

Terá vindo, anteriormente em data incerta, do Mosteiro de Chelas para a Casa dos Bicos.

Dimensões: altura máxima 62 cm x largura nos lados maiores 47 cm e nos lados menores 42 cm.

Os labores de um dos lados maiores foram destruídos.

É historiada nas outras três faces: dentro de círculos ou medalhões marcados por festões, vê-se um grifo em cada um; o festão mostra na parte inferior uma roseta tetralobada e dela partem os dois ramos.

#### 5. PLACA DE MÁRMORE ROSADO (INCOMPLETA)

Conserva-se actualmente no Museu da Cidade.

Foi encontrada numa mercearia na Rua dos Bacalhoeiros nº12-A, em 1947.

Admite-se que terá ido para ali, vinda do Mosteiro de Chelas, tal como a que foi referida no parágrafo anterior.

Dimensões: espessura 16 cm x altura máxima 48 cm x largura 52 cm.

Uma das faces está ornamentada com uma série de desenhos geométricos muito regulares, centrados por uma roseta de 14 pétalas, envolvida em dois círculos concêntricos. Em torno, mostra quatro arcos, dois peraltados e dois em ferradura, ligados entre si por ângulos rectos. Dentro dos arcos há cachos de uvas; e, em cada ângulo, uma folha de acanto. De um e outro lado do eixo longitudinal da placa vêem-se novos arcos: no que está intacto aparece a cauda (estilizada) de uma ave, que tem à direita e à esquerda as patas de uma ave de rapina. De cada lado deste conjunto, uma moldura formada por uma corda e, para fora, uma série de folhas representadas por cavidades arredondadas dispostas em grupos de quatro, centradas num pequeno quadrado.

#### 6. O “CIPO DA ERA DE MIL”

Vilhena Barbosa (1864: 380) ao descrever a chamada pedra das “armas del-rei Wamba”, que examinámos a propósito do hipotético templo romano das Vestais (nº 5.3), diz que por baixo dela existia na parede do mesmo quintal uma pedra com três letras góticas, que se reproduzem:



Fig. 5 - Cippo da era de mil. Reprodução em Barbosa (1864: 380).

Esta pedra era conhecida pelo menos desde 1604, data em que D. Miguel de Castro mandou colocar a inscrição (a que nos referimos no citado nº 5.3 do estudo sobre o templo das Vestais), designando-o por “cippo feito na era do senhor de mil”. Com efeito, nas três letras, encontrava-se *E(ra) D(omini) M(iilia)* = era do Senhor de mil (o que equivalia ao ano 962 depois de Cristo, data em que era rei D. Ordonho IV, sucedendo-lhe D. Ramiro III).

Vilhena Barbosa (1864: 380) avança:

“Este cippo corrobora a tradição de que o mosteiro de Chellas tornou a ser restaurado e habitado sob o domínio dos moiros...”

De opinião diversa é Borges de Figueiredo (1890: 4):

“Esta pedra está actualmente na frontaria da igreja, ao lado do portal, à esquerda de quem entra. Nas suas três grandes letras monachaes creio não poder-se admittir a era de *mil* (*era Domini milésima*), attendendo ao carácter da escriptura, mas sim uma data posterior. É, portanto, apenas um fragmento, que não pode ministrar-nos informação alguma.”

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ<sup>XIX</sup>

- Durante o Império Romano (séc. I até ao ano 409)
- Durante o período visigótico (409 a 714)
- Durante a dominação árabe (714 a 1147)

### 1. SÉ DE LISBOA, DURANTE O IMPÉRIO ROMANO. DO SÉCULO I (?) ATÉ AO ANO 409

No sítio onde actualmente se ergue a Sé de Lisboa parece ter existido sempre um edifício religioso. Terá havido ali um templo romano, dedicado ao Sol, ou a Augusto, ou a Roma... Provavelmente ali se terá instalado uma primitiva edificação cristã, sede da igreja episcopal, já existente em Lisboa pelo menos no século IV<sup>XX</sup>.

[1]

Há dúvidas entre os escritores sobre a data em que pela primeira vez foi pregado o Evangelho na Lusitânia, e particularmente em Lisboa. Uns dizem que foi no ano 34 da era cristã; outros que no de 36; outros, em 42; e outros ainda, em 52.

Também não há memórias escritas que nos provem satisfatoriamente a existência da série dos bispos de Olissipo durante o período da dominação romana. A lista mais comumente referida, baseada em opiniões e conjecturas, é a seguinte:

1. São Manços, eleito em 34 (?).
2. Anónimo.
3. Philippe Philoteu, em 92.
4. Pedro I, em 166.
5. Pedro II, em 213.
6. Jorge, em 260.
7. São Gens, em 284.

<sup>XIX</sup> As listagens tradicionais dos mais antigos bispos de Lisboa contêm uma série de imprecisões e êrros. Mâncio terá sido um leigo dos séculos VI ou VII mas não do século IV; o bispo anónimo que se lhe segue está relacionado com o culto de Santiago no século VIII; S. Gens foi identificado como um notário de Arles do século IV mas nada o liga a Olisipo e o mesmo se diga de Januário, um bispo de “Fibularia”. O estado actual da questão em Jorge, 2002: 67 a 91 (destaque para o quadro 5, pag. 90).

<sup>XX</sup> Cf. nota VI.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

8. Pedro III, em 297.

9. Januário, em 300.

10. Potâmio, em 356 († c. 360).

11. António, em 373.

O primeiro bispo sobre o qual dispomos de documentação segura é POTÂMIO († c. 360), uma das figuras mais notáveis da Espanha cristã em meados do século IV (veja-se Moreira, 1968: vol. III, 456). São Gens é registado por uns como tendo sido martirizado no tempo de Diocleciano, por outros no tempo de Nero: neste caso, teria sido o 2º bispo de Lisboa. Ressalta da lista, ou que são omitidos os nomes de alguns, ou que Lisboa esteve várias vezes sem bispo, dados os longos períodos que decorrem entre uns e outros de alguns dos bispos referidos<sup>4</sup>.

[2]

Que podemos dizer acerca da sede do bispo de Lisboa?

Difícilmente se poderá falar de um edifício-sede (igreja) do bispo de Lisboa, antes do ano 306 da era cristã. Sendo, desde o ano 290, imperador o cruel Diocleciano, implacável perseguidor dos cristãos, e escolhendo para cônsul da Lusitânia o feroz Daciano, este fez correr torrentes de sangue dos mártires cristãos e não havia nem podia haver um templo público consagrado ao Deus dos cristãos. Os cristãos, para se reunirem, orarem e celebrarem os officios divinos, escondiam-se em cavernas, bosques, ou casas particulares. A *sede* (ou Sé) episcopal teria de ser provisória, ou indiferenciada, ou clandestina<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> “Attendendo a que nos primeiros séculos do christianismo, quasi só se nomeavam bispos, varões de idade madura, vemos que não podiam ser bispos tantos annos alguns dos tradicionaes. Por exemplo: S. Manços foi bispo desde 34 até 92 – 58 annos. Philippe, desde 92 até 166 – 74 annos. S. Pedro, 1º, desde 166 até 213 – 47 annos. António, desde 373 até 430 – 57 annos, etc.” (Leal, 1873: vol. IV, 267).

<sup>5</sup> “Dizem alguns escriptores antigos, que S. Manços, discipulo dos apostolos, foi o primeiro que em Lisboa pré-gou o Evangelho entre os annos 50 e 70 de Jesus Christo, e que foi o primeiro bispo d’esta cidade; mas celebrava os officios divinos no subterraneo da casa de uma senhora lusitana, christian e virtuosa.” (Leal, 1873: IV, 218).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

[3]

A partir do ano 306, Constantino Magno foi elevado ao trono imperial: e então o cristianismo respirou e principiou a florescer desassombrado, construindo publicamente e sem temor de perseguição as suas igrejas.

Alguns escritores antigos dizem que, vindo Constantino Magno à Lusitânia, lançou os fundamentos à Sé de Lisboa, pelos anos 310 da nossa era. (Leal, 1873: IV, 218).

Obviamente, a Sé teria a feição das *basilicas*, que era comum na época. Mas de tal templo não subsiste vestígio algum. E não tem fundamento a opinião de Júlio de Castilho (1970: V, 158): “tudo pois quanto estamos vivendo na Sé, cheio de sinais arquitectónicos tão característicos, vem remontar (quanto a mim indubitavelmente) a origem do nobre templo a eras próximas de Justiniano”.

## 2. SÉ DE LISBOA NO PERÍODO VISIGÓTICO † [409 A 714]<sup>XXI</sup>

[1]

Demos atrás a lista (tradicional) dos bispos de Lisboa, durante o domínio do Império Romano (até ao ano 409). A esses 11 nomes sucederam-se mais 6, que são aceites sob alguma reserva; a que se seguiram mais 9, que constam de documentos autênticos.

a)

12°. Neobrídio, em 430.

13°. Júlio, em 461.

14°. Azulano ( † em 500?)

15°. João, em 500.

16°. Eolo, em 536.

17°. Nestoriano, em 578.

b) bispos que constam por documentos autênticos (Leal, 1873: IV, 267-268):

1° - PAULO I – Assigna-se-lhe o anno de 589, porque n'elle appareceu firmado, em decimo oitavo logar, no concilio III de Toledo, convocado a instancias do rei Ricaredo; porém, acredita-se que já occupava a cadeira episcopal olissiponense antes d'esta época.

2° - GOMA, ou, como outros pretendem *Gomarelo* – Apparece a sua memoria na confirmação do decreto do rei Gondemaro em favor da egreja de Toledo, em virtude do synodo que se celebrou no anno 610, que assignou no duodecimo logar. No concilio de Tarragona, em 614, também vem assignado o seu nome por procuração. Havendo quem duvide que este bispo succedesse ao precedente, declara-se comtudo que não consta de outro que o antecederesse.

<sup>XXI</sup> Cf. nota XIX.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3º - VIARICO, ou *Ubarico*, na opinião de outros, e *Dialico* na de alguns, formam um unico bispo, apesar de certos auctores fazerem d'estes tres nomes dois bispos; o que se deve á diversa maneira porque elle apparece assignado nos documentos, achando-se subscripto com o primeiro nome no IV concilio toledano, no anno 633; no 5º em 636, com o nome *Ubaricus*; e no 6º com a assignatura de *Dialico*. As melhores opiniões dizem que foi uma e a mesma pessoa, e que se vinte annos de interpollação apparecem entre este e o precedente bispo, não há memoria veridica de nenhum prelado entre ambos.

4º - NEUFRIDIO ou *Neufredo* – No 7º concílio de Toledo, em 646, apparece este nome assignado por seu procurador, o abbade Crispino.

5º - CESARIO ou *Cesar* – Assistiu ao 10º concilio de Toledo, no dia 1 de dezembro de 656, e assignou em undecimo logar.

6º - THEODORICO – Assignou expressamente como bispo da *Santa Egreja Olissiponense* no concilio de Merida, no anno 666.

7º - ARA – Não certificam os auctores se foi o immediato a *Theodorico*; comtudo não ha memoria de outro. Assistiu ao 13º concilio de Toledo, que assignou em ultimo logar. Anno 683.

8º - LANDERICO – Assignou no quinquagessimo sexto logar a acta do 15º concilio de Toledo, em 688; e no quinquagessimo quarto a do concilio 16º. Alguns auctores dizem que a este succedeu *Harderico* que foi o que assistiu ao 16º concilio, mas as melhores opiniões são que um e outro nome constituem o mesmo bispo.

Aqui se interrompe a serie dos prelados de Lisboa desde o anno 714 até 1147.”

[2]

Que consta quanto à sede, ou catedral, dos bispos de Lisboa, durante o período visigótico?

Nada sabemos do que succedeu à Sé romana durante o domínio dos alanos, que eram hereges (arianos). Mas não consta que eles destruissem ou profanassem este templo.

Sobre o período propriamente visigótico, transcreve-se o que diz Pinho Leal (1873: vol. IV, 218-219):

“Reunido em 585 o império gothico, por Leovigildo, não podiam prosperar os templos catholicos, porque este rei era tambem ariano, apesar de serem cristãos quasi todos os povos da Peninsula, e foi mesmo perseguidor dos bispos e dos varões mais respeitaveis em letras e virtudes, não poupando seu filho Hermenigildo, que mandou assassinar, por ser christão.

Felizmente para o christianismo, este usurpador feliz apenas foi soberano da peninsula iberica pouco mais de um anno, succedendo-lhe no throno, seu filho Flavio Recaredo; que horrorisado pelas crueldades de seu pae, e commovido pelos santos exemplos de seu irmão

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Santo Herminigildo, martyr, abjurou o arianismo; sendo instruído em todos os mysterios da nossa santa fé por S. Leandro, bispo de Sevilha.

O novo rei tratou de arreigar a religião catholica nos seus vastos dominios, não só fundando egrejas e mosteiros, mas também convocando concilios e prégando elle mesmo o Evangelho, de que foi um apóstolo incansavel.

É de suppor que no tempo d'este monarcha a Sé lisbonense fosse reparada e ampliada.”

[3]

Com mais rigor diz D. Fernando de Almeida (1973: vol. V, tomo 1º, 47-48):

“Metidas nas paredes da Sé, estão à vista, voltadas para o exterior, algumas pedras com lavoires visigóticos. Uma delas, empotrada em um dos gigantes da fachada norte, representa quadrúpedes e aves. Uma arcaria forma o fundo da composição; nela, os arcos são em feradura e as colunas, torsas. O vão dos arcos está ocupado por uma concha. Há outra pedra, também com motivos visigóticos, em um gigante do lado sul; mas só está visível parte dela, aliás, originariamente romana, segundo o tratamento que exhibe em uma das faces livres. Foi reaproveitada no período visigótico.

No cunhal noroeste, há mais uma pedra com lavor romano, igual ao da anterior; mas nada mostra de visigótico na parte que está à vista.

Ainda por aqui apareceram outras duas pedras visigóticas, estas soltas. Pertencem à série de lápides expostas no Claustro da mesma Sé.

Por estes elementos dispersos se pode concluir ser muito provável ter existido a catedral olisiponense do período bárbaro no lugar onde, mais tarde, surgiria a actual Sé portuguesa. E talvez até antes da igreja visigótica tivesse havido, no mesmo local, um templo pagão, romano. (F. A.)”

[4]

Terá interesse inventariar os vestígios visigóticos encontrados na Sé de Lisboa.

### **Vestígios visigóticos encontrados na Sé de Lisboa**<sup>XXII</sup>

1º Placa de calcário amarelo, encaixada no último gigante da fachada norte da Sé de Lisboa. Falta-lhe já um pedaço no ângulo esquerdo inferior (substituído por um remendo de pedra). Mede 62 cm de altura, 122 cm de comprimento e 32 cm de espessura.

<sup>XXII</sup> Trata-se de pedras atribuíveis, globalmente, à época moçárabe (Fernandes, 2005: 264-293). De notar que as peças n.ºs 6 e 7 de Felicidade Alves foram identificadas como sendo procedentes de Conimbriga (Fernandes, 2005: 285-286).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Apresenta três arcos de folhagem, em grinalda, neles alternando elementos (acanto) de 3 folhas com outros de 4 ou 5; dentro de cada arco há outro arco, em ferradura, com desenho em espinha; estes arcos assentam sobre capitéis, também com a folha de acanto; os capitéis são sustentados por colunas torsas. Os tímpanos dos arcos são ocupados por uma concha ou vieira. Entre as colunas da direita, vê-se um animal quadrúpede (cordeiro? corça?) a olhar para trás; o mesmo no terceiro espaço, da esquerda; entre as colunas do centro, duas aves enfrentadas (pombas? pavões?).

2º Grande placa de calcário amarelo, metida num gigante do lado sul da parede da Sé de Lisboa. A parte lateral visível mede 130 cm de comprimento e termina com 35 cm; faz ressalto no dito gigante, com 13 cm na parte mais larga e 12 cm na parte mais estreita.

Na face superior (servindo de assento) tem um desenho de duas vieiras metidas dentro de ovais; entre eles, um quadrado com um losango incluso; dentro do losango, uma cruz floreada. Num dos lados, apresenta uma moldura simples, lisa, de tipo romano (= nº 3)

Seria originariamente romana, reaproveitada no período visigótico?

Quem sabe se não seria do Teatro Romano?...

3º Grande placa rectangular de calcário amarelo, no gigante norte do cunhal norte da Sé de Lisboa.

Mostra na superfície de um dos lados descobertos uma moldura simples, lisa, de tipo romano (= nº 2).

Deve ter vindo do mesmo monumento (romano?) que a referida sob o nº 7.

4º Fragmento de ábaco (?) em calcário, de forma rectangular com dois bordos trabalhados, cortados em bisel: o bordo superior mede 54 cm, o inferior paralelo mede 49 cm; os bordos menores têm 41 cm e 43 cm; a espessura da pedra é de 17 cm.

O friso superior é em corda, o inferior é um cordão em espinha. O espaço intermédio mostra em cima uma decoração de palmetas, e em baixo uma série de cavidades reniformes a alternar com as palmetas.

Está arrumada no claustro da Sé de Lisboa.

5º Fragmento de placa (?) em calcário, medindo 19 cm de altura, 18 cm de largura, 19 cm de espessura.

Nota-se parte de uma palmeta (bastante gasta)

Encontra-se arrumada no claustro da Sé.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

6º Capitel com fragmento de coluna, com 28,5 cm na sua maior altura, dos quais 9,5 cm pertencem ao capitel e 19 cm à coluna.

Historiado nas quatro faces: em cada face, uma folha de acanto estilizada, com duas volutas a enrolarem-se para dentro.

Proveniência ignorada.

Encontra-se no Museu do Carmo.

7º Capitel cúbico, de mármore sacaróide, com 8,5 cm de lado e 7,5 cm de alto.

Em cada face lateral exhibe uma roseta estilizada de oito pétalas, alternadamente maiores e menores, com um botão ao centro.

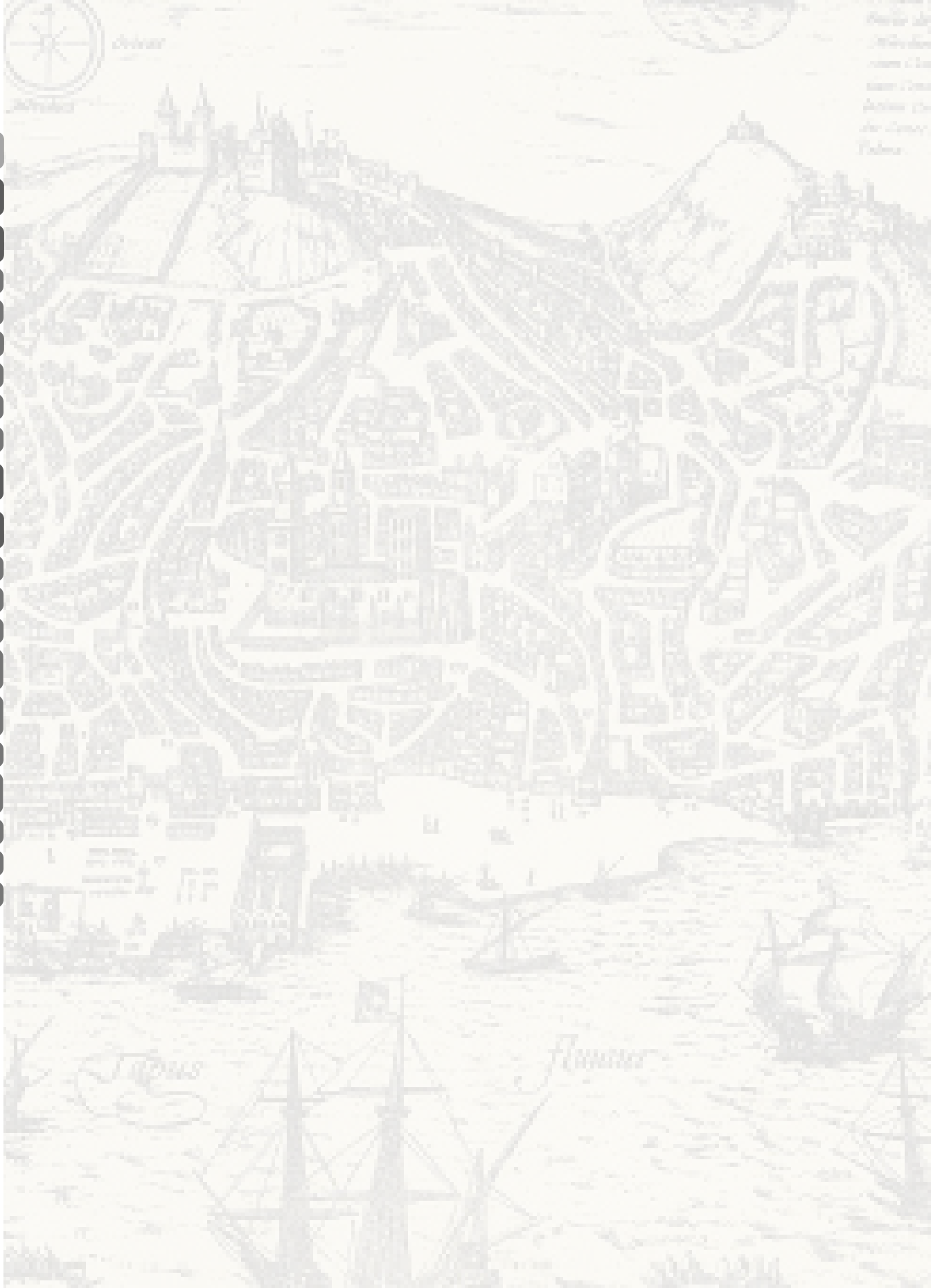
Procedência ignorada.

Encontra-se no Museu do Carmo.

Vd. Almeida, 1958: 117-137.



Fig. 6 - Pedra visigótica de calcário amarelo encontrada na Sé de Lisboa.



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA DURANTE A DOMINAÇÃO ÁRABE (?) (SÉCULOS VIII-XII)

Desde o ano de 714 até ao de 1147 – ou seja, por espaço de 433 anos – fica interrompida a série dos bispos de Lisboa. A razão é que, tendo-se os Mouros assenhoreado da Península, os concílios mistos que se celebravam no tempo dos reis godos interromperam-se: ora, eram as suas actas que nos conservavam a memória dos bispos que assistiam.

Todavia consideramos provável que, apesar do domínio dos Mouros, tanto a Igreja olissiponense como as outras em que a Península estava dividida, continuassem a ser regidas por pastores especiais, ou seja, por bispos. “Não só porque o zelo, a dedicação e a constância dos prelados da antiga igreja não arrefecia, antes se exaltava em vista do perigo, chegando-nos a deixar documentos irrefragáveis de como sabiam sustentar a sua autoridade, não trepidando ante os imperantes; mas também por ser sabido que na época da restauração deste reino e das Espanhas os habitavam infindas famílias que tinham conservado viva a fé cristã, em cujo fervor necessariamente deviam ser avivadas pelo sacerdócio” (Leal, 1873: IV, 268). Muitos indícios comprovam que a religião católica estava arreigada na população.

“Contudo, os documentos onde pudéssemos ler a história da igreja olissiponense nestes quatro séculos e meio não chegaram ao conhecimento dos nossos mais antigos escritores” (Leal, 1873: IV, 268).

Apesar de não se encontrar em documentos medievais rasto de prelados lisboenses depois do início da dominação árabe, e mau grado a afirmação de D. Rodrigo da Cunha e outros, de que a cidade estivera sem prelado desde a entrada dos árabes, a *Carta do cruzado inglês a Osberno* parece impor outra realidade. Numa passagem diz: “Feito o sinal de parte a parte, e estando o alcaide *com o bispo* e os principais da cidade sobre a muralha...” (*Conquista de Lisboa aos Mouros...*, 1989: 43); e noutra passagem: “Contra o direito e o lícito matam até o *bispo da cidade*, já muito idoso, cortando-lhe o pescoço” (*Conquista de Lisboa aos Mouros...*, 1989: 77). Este bispo poderia ter sido eleito por volta de 1094 ou 1095, na altura em que Afon-

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

so VI de Leão conquistara a cidade: um bispo eleito nessa data com 40 anos de idade, teria em 1147 uns 92 ou 93 anos...<sup>5</sup> XXIII

Se havia a instituição e a função (episcopado), certamente haveria o local que lhe servia de sede (igreja). Pode ter atravessado períodos de clandestinidade, ou de tolerância pública, pode ter-se deslocado, pode ter utilizado espaços privados...<sup>6</sup>

Todavia, não temos qualquer vestígio!

<sup>5</sup> Ainda a confirmar a existência, na Lisboa mourisca de 1147, de cristãos moçárabes, resto dos antigos habitantes da cidade anteriores à ocupação moura e que, vivendo entre mouros, continuavam a cultivar os sentimentos cristãos, cita-se uma página da referida *Carta do Cruzado inglês a Osberno (Conquista de Lisboa aos Mouros...*, 1989: 79). Trata o doloroso episódio da situação miseranda dos mouros expulsos: “Sobreveio depois entre os mouros uma tão grande peste que pelas extensões dos ermos, pelas vinhas, pelas aldeias e praças, e entre os escombros das casas, jaziam muitos milhares de cadáveres expostos às feras e às aves; outros mouros, vivos, mas semelhantes a cadáveres, arrastavam-se por terra, e suplicantes abraçavam e beijavam o sinal da cruz e proclamavam boa a Santa Maria Mãe de Deus, de modo que em todos os seus actos e palavras, e até mesmo nos extremos da sua agonia, misturavam e proclamavam comovidamente: Maria boa, boa Maria!”

Só de lábios cristãos poderia sair, naqueles momentos tão angustiantes, o apelo à Virgem Maria!

<sup>6</sup> Vd. *Anexos*.

<sup>XXIII</sup> Acerca da “redescoberta” dos moçárabes de Lisboa veja-se Matos, 2008, *passim*, mas sobretudo pp. 188-191.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## ANEXOS

### 1. A SITUAÇÃO DOS CRISTÃOS SOB DOMINAÇÃO MUÇULMANA

Diz Fortunato de Almeida (1967: vol. I., 71-73):

“Em geral foi permitido aos moçárabes [= povos que, sem abandonarem a própria religião, recebiam o jugo muçulmano] (...) terem igrejas e bispos (...). Quando a Espanha muçulmana se emancipou do califado de Damasco (759), o primeiro Omíada, Abderramão, além de ser tolerante com os vencidos, criou em Córdova um magistrado com o cargo e título de protector dos cristãos”. (*id., ib.:* 71)

“Voltando ao especial ponto da liberdade religiosa, notaremos que algumas igrejas conservaram os seus bispos; alguns sacerdotes apresentavam-se publicamente com o traje eclesiástico, barba rapada e hábito talar; os monges viviam tranquilamente nos claustros, e as virgens consagradas a Deus eram respeitadas nos seus modestos asilos (...). Na própria capital do império, em Córdova, havia três igrejas e três mosteiros; na serra vizinha e nas margens do Guadalquivir contavam-se oito mosteiros e várias igrejas; e o sino convocava o povo a assistir no templo ao ofício divino”. (*id., ib.:* 72)

“Em Toledo ficaram livres aos católicos as igrejas de Santa Justa, S. Lucas, Santa Eulália, S. Marcos, S. Torcato e S. Sebastião com a ermida de Santa Maria de Alfizen; nessas igrejas havia clérigos e dignitários eclesiásticos para o exercício do culto.” (*id., ib.:* 73)

“Parece que foi Córdova a cidade onde os cristãos viveram mais desafogadamente. Ali os bispos reuniram-se em concílio; conservavam-se abertas as escolas cristãs; os muçulmanos não perseguiram ninguém por professar a fé cristã, nem compeliam à apostasia, excepto no caso de desacato às mesquitas ou de blasfémia contra Mafoma.” (*id., ib.:* 73)

A. H. de Oliveira Marques (1974: vol. I, 125) confirma:

“Religiosamente, os moçárabes mostravam-se também bastante livres, ou, melhor dizendo, tolerados pelo Islam. A liberdade religiosa, claro está, era irregular e dependia das condições locais e gerais. Tal foi, ao que parece, o caso de al-Usbuna, cujo bispo, juntamente com outras autoridades muçulmanas e cristãs, pediu mercê aos atacantes e negociou a rendição da cidade em 1147. Como tantos outros dos seus correligionários, foi na realidade morto pelos cruzados logo que o saque e o massacre exorbitaram das possibilidades de controle.”

Partindo desta situação geral de tolerância, e admitindo que a maioria da população seria constituída por estratos cristãos, concluiremos como muito provável que a cidade de

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Lisboa deveria ter a sua organização eclesiástica básica, constituída por um bispo e vários centros de cura d'almas ou paróquias<sup>XXIV</sup>.

## 2. A EXISTÊNCIA CONFIRMADA DE UM BISPO MOÇÁRABE EM LISBOA EM 1147

“Sabe-se que o bispo moçárabe daquela cidade [Lisboa] foi assassinado pelos cruzados, quando procediam ao saque depois da conquista.” Esta afirmação de Fortunato de Almeida (1967: vol. I., 80) mais não faz do que reflectir a crónica de *Osberno*, o qual refere:

- “Dato utrimque signo, ipso civitatis alcaie super murum cum episcopo et primiciis civitatis stantibus...”

[= Feito o sinal de parte a parte, e estando o alcaide com o bispo e com os principais da cidade sobre a muralha...]

- “Episcopum vero civitatis antiquissimum praeciso jugulo contra jus et fas occidunt”

[= Contra o direito e a justiça, matam até o bispo da cidade, já muito idoso, cortando-lhe o pescoço]

Vd. *Portugaliae Monumenta Histórica, Scriptores*, vol. I, p. 398, coluna 1ª, e p. 404, coluna 2ª; ver *Conquista de Lisboa aos Mouros*, texto latino e tradução para português, editada em Lisboa, 1935, pp. 51 e 83.

Se havia um bispo, havia sé episcopal. Havia cura d'almas sobre uma população cristã. Existiam certamente núcleos de cristãos em Lisboa, ou dentro ou fora da cerca moura. Seria absurdo um bispo com a sua sé, sem cristãos; e pouco crível que não existissem alguns núcleos paroquiais.

<sup>XXIV</sup> A arqueologia de Lisboa logrou até ao momento identificar um número significativo de comunidades moçárabes. Materiais pertencentes a igrejas moçárabes foram identificados em cinco locais de Lisboa, S.ta Cruz do Castelo, S. Mamede, Sé Catedral no núcleo urbano de Luxbuna, bem como nos núcleos suburbanos, Santuário de Santos, e Convento de Chelas. A invocação de S. Vicente tem neste contexto enorme importância no que se refere à identificação de comunidades cristãs existentes na Cidade em época islâmica e após a Reconquista. Três igrejas reivindicam em Lisboa a presença de relíquias vicentinas e do seu culto no período posterior à Reconquista: a Igreja de Santa Justa e Rufina, a Sé-Catedral e S. Vicente de Fora, localizadas em áreas urbanas onde a arqueologia exumou materiais moçárabes de época islâmica (Matos, 1999: 29-34; Matos, 2008: 188-191 e Fernandes, 2002). Veja-se igualmente o interessante estudo de Picoito, (2008).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## VIII - MESQUITAS MOURAS

A MESQUITA MOR DE LISBOA † (século IX (?) – c. 1147)<sup>XXV</sup> e <sup>XXVI</sup>

[1]

“Em 715, Muça e Tarik, chefes ou emires árabes, apossaram-se de Lisboa e de toda a Lusitânia, como se haviam apossado de toda a Hespanha; principiando por saquear, destruir e incendiar várias igrejas e mosteiros, assassinando ou capturando seus moradores.

Reconhecendo, porém, passado o primeiro impulso da invasão, que faziam melhor ‘negócio’ em conservar os templos e conventos cristãos, lhes concederam o pleno e público uso do seu culto, mediante certos tributos.

Parece, porém, que expulsaram da Sé lisbonense os ministros cristãos, transformando o templo em mesquita árabe, tornando-a muito mais vasta e embelezando-a muito.” (Leal, 1873: IV, 219).

[2]

“D. Fruela I, rei de Oviedo, resgatando Lisboa do poder dos mouros em 753, decerto não teve tempo de ‘purificar’ a Sé, porque foi logo atacado por Abd-el-Raman, tendo de lhe abandonar a cidade.

Por muitas vezes foi Lisboa resgatada e perdida pelos cristãos, sem proveito nenhum para a religião, em razão do pouco tempo da ocupação dos cristãos.

No ano 800, Dom Afonso, *o Casto*, filho daquele D. Fruela, que era rei das Astúrias e Galiza, tomou Lisboa de assalto, purificando e sagrando a Sé (único templo cristão que consta aqui haver nesse tempo) e aqui se celebraram os ofícios divinos por espaço de 11 anos, até que, em 811, Ali Aton, rei ou califa de Córdova, reconquistou Lisboa.

Tornou pois este templo a ser convertido em mesquita árabe, até à tomada de Lisboa por D. Afonso [Henriques], em 21 de Outubro de 1147” (Leal, 1873: IV, 219).

<sup>XXV</sup> O tema da localização da mesquita e da basílica paleocristã é estudado por Paulo Almeida Fernandes (2002: 57-88), apresentando bibliografia desenvolvida sobre o tema.

<sup>XXVI</sup> Nas escavações dos claustros da Sé apareceram restos de edifícios de época islâmica que tudo indica terem pertencido a uma mesquita almorávide. A mesquita terá sido, ao modo berbere, construída sobre os banhos (“Midha”), seguindo nisto uma indicação corânica que diz “o poder de Deus está sobre as águas”. Por outro lado, a antiga basílica paleocristã pré-existente pode ter coincidido no mesmo espaço com a mesquita construída em espaço contíguo, o que não seria incomum, ou pelo contrário ter sido destruída pela agressiva campanha religiosa fundamentalista dos almorávides nos finais do século XI (Matos, 1994: 33).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

[3]

Os conquistadores cristãos, ao entrar na cidade, encontraram a mesquita como a refere a *Carta de um Cruzado Inglês a Osberno*:

“No seu templo que se sustenta sobre sete ordens [ou fiadas, ou renques] de colunas com outras tantas cimalthas [ou arcadas], foram encontrados, jazendo ali, mais de duzentos cadáveres dos que tinham morrido, e mais de oitocentos feridos, no meio da sua imundície horrorosa” (*Conquista de Lisboa aos Mouros*: 1989, 78)

= *Eorum templum, quod VII columnarum ordinibus, cum tot cumalis, in altum consurgit ...*

Tais expressões causam perplexidade, sobretudo por falar de 7 ordens de colunas. Será uma gralha do texto, estando VII por VI? Se assim fosse, o templo teria 5 naves. Deverão as 7 fiadas ser contadas no sentido transversal, e não longitudinal?<sup>7</sup> Deverá mesmo manter-se a leitura das 7 ordens de colunas, aceitando que não eram as naves em número ímpar?...

[4]

É pois indiscutível que havia ali uma mesquita. Subsistem algumas interrogações:

- Quando teria sido erguida essa mesquita? Terá sido construído o edifício no século IX, pelo sumptuoso califa Abd-er-Rahman?

- Terá sido implantada a mesquita sobre paredes de templo cristão visigótico? A anterior Sé!

- Estaria no preciso local onde actualmente existe a Sé de Lisboa? Quanto a este último ponto, é peremptório o juízo do Arqº. António Couto: “É mais que provável que na cidade mourisca houvesse mesquita. Mas se era feita no estilo muçulmano, foi toda arrasada, pois que até as fundações encontradas na Sé são do estilo românico, e toda a mais antiga arquitectura que se tem posto a descoberto não vai além do meado do século XII” (observação registada em nota na página 151 do vol. V da *Lisboa Antiga* de Júlio de Castilho). Nem sequer é provável que com os materiais de demolição de qualquer antiga mesquita no local se tenha construído a igreja actual, “pois que nunca apareceram em nenhum tardoz de pedra das demolições, ou nas pesquisas efectuadas, quaisquer traços do estilo mourisco” (Castilho, 1935: V, 153, nota 2).

Da famosa mesquita nada subsistiu: nem a planta, nem alçados, perfis, pormenores: nada acusa a presença moura no actual edifício cristão.

“A observação diz-nos com toda a evidência que, se a primeira [isto é, a mesquita] ocupava o mesmo lugar [da Sé], foi totalmente destruída...” (Felipe Simões, cit. em Castilho, 1935: V, 153).

<sup>7</sup> Embora consideremos pouco provável esta leitura, não deixamos de notar o seguinte: “Dá-se a coincidência de serem em número de seis os pares de colunas isoladas das naves [da actual Sé], as quais, com as do arco triunfal da capela-mor, formam sete pares, e bem podiam as sete ordens de colunas a que se refere o cruzado serem assim as que existiram no templo primitivo, mas contadas no sentido do seu comprimento, tendo a reconstrução de D. Afonso Henriques seguido aí uma traça que aproveitasse as fundações das colunas.” (Castilho, 1935: V, 181, nota 1).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

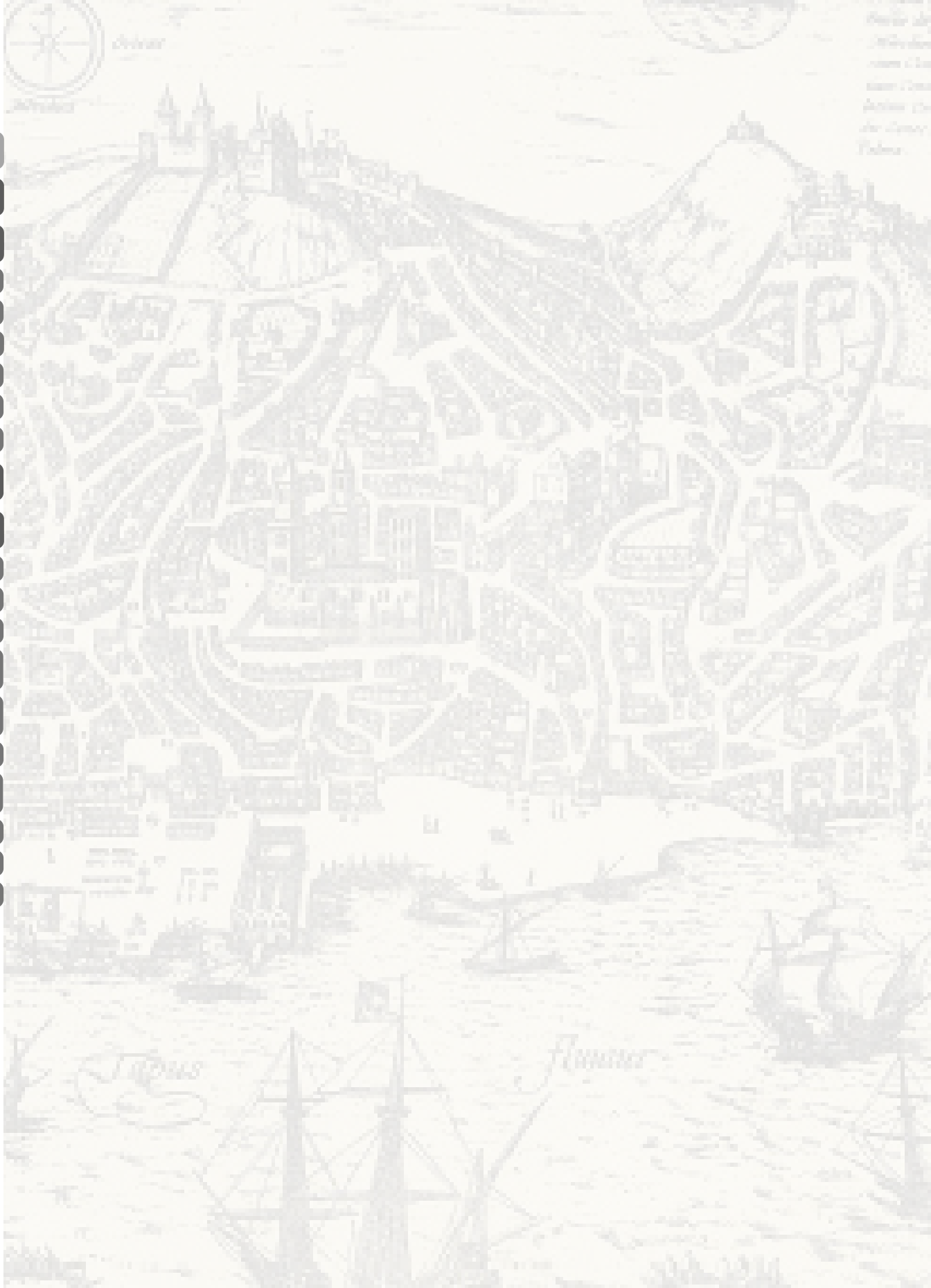
OUTRAS MESQUITAS (?)<sup>XXVII</sup>

A igreja de Santa Cruz da Alcáçova (ou do Castelo) foi fundada por D. Afonso Henriques em 1147<sup>XXVIII</sup>.

Diz-se que se utilizou uma anterior mesquita moura que ali teria existido.

<sup>XXVII</sup> Certamente existiria um grande número de mesquitas numa cidade islâmica que, com os seus arrabaldes, teria provavelmente muito mais de 50.000 habitantes. D. Afonso Henriques, em documento datado de 1149 fez “doação de trinta e duas casas à Sé de Lisboa com todas as suas pertenças, entre elas vinhas olivedos e figueirais, bens estes que anteriormente pertenceram às mesquitas dos mouros” (publicação e tradução de Azevedo, 1944: 248, n.º 232). A indicação de trinta e duas casas é interpretada por M. Clemente (2001: 96): “D. Afonso Henriques, a oito de Dezembro de 1149, concedeu a D. Gilberto para a obra da Sé, trinta e duas antigas mesquitas”. José Mattoso (2006: 185) lê o documento apenas na perspectiva dos bens doados não identificando as casas mencionadas com mesquitas propriamente ditas. Deve, contudo, dizer-se que não é improvável que uma cidade como Luxbuna possuísse trinta e duas mesquitas, já que, em qualquer Medina muçulmana antiga ou moderna é muito comum a proliferação de pequenas mesquitas de bairro com um equipamento cultural reduzido a uma ou duas salas e aos lavabos, o que de resto as torna muito próximas, em tamanho e forma, das casas particulares dos moradores.

<sup>XXVIII</sup> A julgar pelas inferências extraídas do texto de J. Castilho (1954, vol. I: 147) e pela análise dos materiais estudados por M. L. Real (2000), pode afirmar-se ter aqui existido uma basílica paleocristã. Note-se que a igreja actual possui um hagiónimo, Santa Cruz, muito antigo no mundo cristão (existe desde pelo menos o século V).



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

## BIBLIOGRAFIA DO TOMO I

### Fontes Impressas

Autor anónimo (1861) – *Origem e fundação do Mosteiro de Santos-o-Velho*. Lisboa: Typographia Universal.

Autor anónimo (1920) – *Resumo da Vida dos Santos Mártires de Lisboa...*

AZEVEDO, Luís Marinho da (1652) – *Primeira parte da fundação, antiguidades e grandezas da mui insigne cidade de Lisboa, e seus varoens illustres em sanctidade, armas, & letras: catalogo de seus prelados, e mais cousas ecclesiasticas, & politicas ate o anno 1147*. Lisboa: Officina Craesbeckiana. [2ª edição. Lisboa, Officina de Manuel Soares, 1753].

AZEVEDO, Rui de (ed.) (1944) – *Documentos Medievais Portugueses. Documentos Régios*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.

BEM, Pe. Thomas Caetano de (1755) – “Carta acerca de huns Monumentos Romanos descobertos no Sítio das Pedras Negras” in OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues de Oliveira – *Summario, em que brevemente se contem algumas cousas assim ecclesiasticas, como seculares, que ha na cidade de Lisboa*. 2ª edição. Lisboa: Officina de Manuel Rodrigues.

CACEGAS, Fr. Luis de (1866) – *Primeira Parte da História de S. Domingos particular do reino e conquistas de Portugal por Fr. Luis Cacegas, da mesma ordem e provincia, e chronista d'ella reformada em estilo e ordem, e amplificada em sucessos e particulares por Fr. Luis de Sousa, filho do convento de Bemfica*, 3ª edição, vol. I. Lisboa: Typographia do Panorama.

*Conquista de Lisboa aos Mouros em 1147. Carta de um Cruzado inglês que participou nos acontecimentos* (1989), José da Felicidade ALVES (apresentação e notas). Lisboa: Livros Horizonte.

*Conquista de Lisboa aos Mouros (1147): narrada pelo Cruzado Osberno, testemunha presencial* (Texto latino e tradução para português) (1935), José Augusto OLIVEIRA. Lisboa, Câmara Municipal.

CUNHA, D. Rodrigo da (1642) – *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa...* Lisboa: Manoel da Sylva.

GASCO, António Coelho (1924) – *Antiguidades da muy Nobre Cidade de Lisboa Imporio do Mundo e Princeza do Mar Oceano*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

HERRERA-MALDONADO, Francisco (1633) – *Libro de la vida y maravillosas virtudes del Siervo de Dios Bernardino de Obregon, Padre y Fundador de la Congregacion de los Enfermeros pobres y Autor de muchas obras pias de Madrid y otras partes*. Madrid: Impta. del Reino.

HÜBNER, Emil (1892) – *Inscriptiones Hispaniae Latinae. Supplementum*. Berlin: Gergium Reimerum (= *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho (1873) – *Portugal antigo e moderno: dicionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*, vol. 4. Lisboa: Livr. Ed. de Mattos Moreira & Companhia.

MONCON, Francisco de (1571) – *Libro primero del espejo del principe christiano / ompuesto y nueuamente reuisto, y muy êmendado, con nueua composicion, y mucha addicion por ... Frâncisco de Monçon*, Lisboa: Impresso en casa de Antonio Gonçalvez....

*Portugaliae Monumenta Histórica a saeculo octavo post Christum usque ad quintum decimum iussu Academiae Scientiarum Olisiponensis Edit* (1856), Vol. I: *Scriptores*. Olissipone: Typis Academicis.

## Estudos

ALMEIDA, Fernando (1958) – “Pedras Visigodas de Lisboa”, *Revista de Guimarães*, vol. LXVIII, nº 12, pp. 117-137.

ALMEIDA, Fernando (1973) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa.

ALMEIDA, Fortunato de (1967) – *História da Igreja em Portugal*, 2ª ed.. Vol. I. Lisboa, Livraria Civilização.

BARBOSA, Inácio Vilhena de (1864) – “Fragmentos de um Roteiro de Lisboa (inédito). Arrabaldes de Lisboa. Chelas, Charneca e Camarate”, *Archivo Pittoresco*, nº 7, pp. 374-376.

CASTILHO, Júlio de (1935) – *Lisboa Antiga: Bairros Orientais*, 2ª edição revista e ampliada, vol. I. Lisboa: Câmara Municipal. [3ª edição, Lisboa: Imprensa Municipal de Lisboa, 1970].

CASTILHO, Júlio de (1954) – *Lisboa Antiga. O Bairro Alto*. 3ª edição. Vol. I. Lisboa: Câmara Municipal.

CASTILHO, Júlio de (1970) – *Lisboa Antiga: Bairros Orientais*, 3ª edição revista e ampliada, vol. I. Lisboa: Câmara Municipal.

CLEMENTE, Manuel (2000) – “Lisboa, Diocese e Patriarcado de”, *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Vol. II: *J-P*. Lisboa: Círculo dos Leitores-CEHRUC, p. 93-113.

CORREIA, Vergílio (1928) – “Arte visigótica”, *História de Portugal*, dir. de Damião PERES. Barcelos, pp. 363-388.

*Dicionário de História de Portugal* (1968) – dir. Joel SERRÃO. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1968.

FERNANDES, Paulo Almeida (2002) – “O sítio da Sé antes da Reconquista”, *ARTIS - Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*, nº 1, pp. 57-87.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?

V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

FERNANDES, Paulo Almeida (2005) – “Visigótico ou Moçárabe. O núcleo da Alta Idade Média” em José Morais ARNAUD e Carla Varela FERNANDES, eds. *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Museu Arqueológico do Carmo, p. 264-280.

FIGUEIREDO, Borges de (1890) – “Antiguidades Romanas de Chelas”, *Revista Archeologica*, nº 4, pp. 1-15, 30-37, 126-128.

GUERRA, Amílcar (2006) – “Os mais recentes achados epigráficos do castelo de S. Jorge”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. IX, nº 2, pp. 271-297.

JORGE, Ana Maria (2002) – *L'Épiscopat de Lusitanie pendant l'Antiquité Tardive (III<sup>e</sup>-VII<sup>e</sup> siècles)*. Lisboa : Instituto Português de Arqueologia.

MANTAS, Vasco (2002) – “O mundo religioso dos viajantes e comerciantes” in José Cardim RIBEIRO, ed. *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 157-164.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1974) – *História de Portugal*. 4ª edição. Vol. I. Lisboa: Palas Editores.

MATOS, José Luís (1994) – “As escavações no interior dos claustros da Sé e o seu contributo para o conhecimento das origens de Lisboa” in Irisalva MOITA, ed. *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Lisboa Capital Europeia da Cultura, p. 32-34.

MATOS, José Luís (1995) – *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Escultura Romana*. Lisboa: Instituto Português dos Museus.

MATOS, José Luís (1999) – *Lisboa islâmica*. Lisboa: Instituto Camões.

MATOS, José Luís (2001) – *Templos de Lisboa: Baixa Chiado*. Lisboa: Centro Nacional de Cultura.

MATOS, José Luís (2007) – *Igreja Católica. O choque de paradigmas*. Lisboa: Caminho.

MATOS, José Luís (2008) – *A Invenção de Lisboa*. Vol. I. Lisboa: Temas e Debates.

MATTOSO, José (2006) – *D. Afonso Henriques*. Lisboa: Círculo de Leitores

MOREIRA, António Montes (1968) – “Potâmio”, *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel SERRÃO. Lisboa: Iniciativas Editoriais, vol. III, p. 456.

PICOITO, Pedro (2008) – “A transladação de S. Vicente. Consenso e Conflito na Lisboa do século XII”, *Medievalista Online*, nº 4, pp. 1-11 [<http://www2.fsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA4/medievalista-picoito.htm>].

QUINTEIRA, Catarina e ENCARNAÇÃO, José d' (2009) – “Pedestal ao Divino Augusto, de Olisipo, reencontrado”, *Sylloge Epigraphica Barcinonensis*, vol. VII, pp. 143-146.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

REAL, Manuel Luís (1995) – “Inovação e Resistência: Dados recentes sobre a Antiguidade cristã no Ocidente peninsular”, *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*. Barcelona: Institut d’Estudis Catalans, pp. 17-68.

REAL, Manuel Luís (2000) – “Portugal: cultura visigoda e cultura moçárabe” in Luis CABELLERO e Pedro MATEOS, eds. *Visigodos y Omeyas. Un debate entre la Antigüedad tardía y la alta Edad Media*. Madrid: CSIC, pp. 21-75.

SERRA, Pedro Cunha (1994) – “Horta Navia (Sítio da)”, *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 440-441.

SILVA, Augusto Vieira da (1944) – *Epigrafia de Olisipo. (Subsídios para a História da Lisboa Romana)*. Lisboa: Câmara Municipal.

SILVA, Jorge Henriques Pais da (1973) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa.

VASCONCELOS, José Leite de (1959) – *Páginas olisiponenses*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

VASCONCELOS, José Leite de (1981) – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda [reimpressão facsimilada da 1ª edição de 1905].

▶ INÍCIO
▶ FICHA TÉCNICA
▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO
NOTA DE ABERTURA
NOTAS PRELIMINARES
PARECERES
APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE
NORMAS EDITORIAIS
PREFÁCIO
▶ PLANO GERAL DA OBRA
▶ TOMO I
I. ANTES DOS ROMANOS
II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO
III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?
IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA?
V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS (SÉC.IV-XII)
VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ
VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA (SÉC.VIII-XII)
VIII. MESQUITAS MOURAS
BIBLIOGRAFIA
ÍNDICE

## ÍNDICE

FICHA TÉCNICA .....	4
TEXTOS DE APRESENTAÇÃO .....	5
NOTA DE ABERTURA .....	7
NOTAS PRELIMINARES .....	9
PARECERES .....	13
APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE EDIÇÃO “ONLINE” .....	15
NORMAS EDITORIAIS .....	17
PREFÁCIO .....	19
PLANO GERAL DA OBRA .....	23
TOMO I EDIFÍCIOS RELIGIOSOS DE LISBOA ANTERIORES A 1147 .....	25
I. ANTES DOS ROMANOS.....	27
II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO .....	29
1. LÁPIDES ROMANAS COM REFERÊNCIAS RELIGIOSAS.....	29
2. VESTÍGIOS DE TEMPLOS ROMANOS .....	33
3. DESENVOLVIMENTO DAS NOTÍCIAS SOBRE ALGUNS TEMPLOS .....	35
III. TEMPLO ROMANO DAS VESTAIS EM CHELAS? .....	45
1. NOTA SOBRE AS VESTAIS EM ROMA .....	47
2. VEROSIMILHANÇA DA EXISTÊNCIA DE VESTAIS FORA DE ROMA .....	49
3. VESTÍGIOS INTERPRETADOS A FAVOR DA CASA DE VESTAIS EM CHELAS .....	50
4. LÁPIDES COM INSCRIÇÕES ROMANAS EM CHELAS .....	59
5. OUTROS VESTÍGIOS ROMANOS.....	61
6. A LENDA DE AQUILES E ULISSES NO MOSTEIRO DE CHELAS .....	64
7. QUADRO SINÓPTICO DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS EM CHELAS.....	66
8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	67
9. CONCLUSÕES PROVISÓRIAS .....	68
IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO DE LISBOA? .....	69
1. A ERMIDA DOS SANTOS MÁRTIRES, VERÍSSIMO, MÁXIMA E JÚLIA † .....	69

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO I

I. ANTES DOS ROMANOS

II. TEMPLOS ROMANOS EM OLISIPO

III. TEMPLO ROMANO EM CHELAS?

IV. O PRIMEIRO TEMPLO CRISTÃO  
DE LISBOA?V. MOSTEIRO E ERMIDA DE CHELAS  
(SÉC.IV-XII)

VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ

VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA  
(SÉC.VIII-XII)

VIII. MESQUITAS MOURAS

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

V. O PRIMITIVO MOSTEIRO E PRIMEIRA ERMIDA CRISTÃ DE CHELAS (SÉCULOS IV A XII) .....	73
1. ERMIDA CRISTÃ DE CHELAS, IGREJA PRIMITIVA DE SÃO FÉLIX E SANTO ADRIÃO, PRIMITIVO MOSTEIRO † .....	73
2. PILASTRA EM CALCÁRIO BRANCO, DE SECÇÃO QUADRADA .....	79
3. FRAGMENTO PRISMÁTICO DE UM FRISO EM MÁRMORE BRANCO .....	79
4. PLACA DE CALCÁRIO ROSADO (FRAGMENTO) .....	80
5. PARTE INFERIOR DE UMA PILASTRA EM CALCÁRIO BRANCO .....	81
6. PLACA DE MÁRMORE ROSADO (INCOMPLETA).....	81
7. O “CIPO DA ERA DE MIL” .....	81
VI. OS BISPOS DE LISBOA E A SUA SÉ .....	83
1. SÉ DE LISBOA, DURANTE O IMPÉRIO ROMANO. DO SÉCULO I (?) ATÉ AO ANO 409 .....	83
2. SÉ DE LISBOA NO PERÍODO VISIGÓTICO † [409 A 714] .....	85
VII. IGREJA EPISCOPAL DE LISBOA DURANTE A DOMINAÇÃO ÁRABE (?) (SÉCULOS VIII-XII) .....	91
VIII - MESQUITAS MOURAS .....	95
BIBLIOGRAFIA DO TOMO I .....	100



